

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Impressa na Livraria Editora de
LEITE RIBEIRO & MAURILLO
3 - RUA SANTO ANTONIO-3
Redacção: - Rua 7 de Setembro, 174

ASSIGNATURAS:
Para o Brasil..... um anno 7\$000
União Postal..... " 10\$000
Para o Brasil..... 6 mezes 4\$000

SUMARIO

A instrução primaria... José Augusto
A educação nacional -
Aspectos femininos
(Conferencia)..... Afranio Peixoto
O Centenario da Inde-
pendencia e o comba-
te ao analfabetismo...
Aos meninos (Discurso)
Memoravel periodo his-
torico da Instrucção
Nacional..... E. Cabrita
Leitura Primaria..... Arthur Joviano
Nossas escolas..... Malva
O ensino da leitura.... J. S.
Pelo magisterio..... Ferreira da Rosa

Da coeducação dos se-
xos.....
A cartographia na es-
cola primaria.....
Themas para casa.....
Direitos e deveres da
mulher.....
O ensino do desenho...
7 de Setembro (Confe-
rencia).....
Exercício de redacção á
1ª classe elementar....

Maria do N.
Reis Sanctos
O. de Souza
Reis
Consuelo Côrtes
Myrthes de Cam-
pos
Everilde de Fa-
ria Lemos
Lydia do Couto
Jardelina R. da
Silva

Uma lição de portu-
guez no 5.º anno....
Atravez das Revistas:
O fundo e a forma...
A autoridade pela
brandura...
O desenho...
Como a criança apren-
de a ler...
Theatro escolar
Cantando e rindo...
Conquistas...
Maria Clélia
de Mello e Silva
Helena
Alda Pereira
da Fonseca
Maria Cons-
tança da Rocha
Lulu Parola
Zelia Amador

LIÇÕES E EXERCÍCIOS

A INSTRUÇÃO PRIMARIA

Terho sustentado sempre que a ampla dissemina-
ção do ensino popular é o primeiro dos nossos
problemas, aquelle que mais urgentes cuidados
está pedindo dos poderes publicos e da acção in-
dividual.

Veze sem conta tenho ouvido como replica que
é exagerado e falso o meu ponto de vista, que
olho o problema brasileiro, unilateralmente, que
reduzo a questão nacional a uma questão de escola
primaria.

Aos que assim objectam, cabe responder: nunca
sustentei que, diffundida a instrucção elementar,
estariam do mesmo passo, e pela só virtude da
alfabetisação geral, solucionados todos os pro-
blemas interessando o nosso progresso e o nosso
bem-estar; a minha these, uma e muitas vezes
repetida, é que sem as noções elementares que o
ensino primario deve transmittir, sem esse esboço
de cultura integral e espirito humano que é a fi-
nalidade especifica da educação popular, no seu
primeiro gráo, impossivel será ao Brasil, como a
qualquer nação, encarar com probabilidade de so-
lução definitiva e efficiente todas as outras gran-
des questões que affectam a vida de todas as so-
ciedades organizadas.

Como, por exemplo, conseguir o nosso fortale-
cimento economico, augmentar e melhorar a nossa
produção se continuamos, nesta época de traba-
lho guiado pela intelligencia, de industria presa
directamente á sciencia, com o nosso operario sem
escolas onde receba o minimo de instrucção indis-
pensavel o mister a que se destina?

Como, por outro lado, fazer prevalecer nos es-
piritos a noção do dever militar, do tributo de
sangue que todo cidadão deve á sua Patria, se
80% d'entre os cidadãos brasileiros jamais rece-
beram esse resumo de educação civica que a escola
primaria deve ministrar através a synthese da nos-
sa historia, das nossas instituições, da cartographia
dos nossos grandes homens?

Como, ainda, fazer radicar as proprias insti-
tuições democraticas que nominalmente nos re-

gem, se democracia significa direcção e governo
do povo pelo proprio povo, e no Brasil poucos
são os cidadãos com a instrucção imprescindivel
e uma ingerencia, mesmo limitada, no meneio das
coisas publicas?

Como se vê, a razão está commigo: a instruc-
ção elementar é a questão basica, em que todas as
outras afinal de contas vêm entroncar e esbarrar.
Para ella, pois, é que se devem volver as nossas
vistas mais desveladas, as nossas providencias as
mais promptas e energicas.

Precisamos seguir a lição dos povos mais avan-
çados e felizes: — generalisar o ensino a todas as
camadas sociaes. É a nossa maxima tarefa, para
a qual cumpre que todos cooperem, cidadãos e
governos, municipaes, estadoaes ou federaes.

No que toca aos poderes nacionaes domina por
algum tempo a doutrina, a meu vêr erranea e fu-
neste, de que o regimen federativo e a constituição
que o consagrou no Brasil, são obstaculos á sua
actuação.

Felizmente essa interpretação do regimen e dos
textos da nossa Magna Lei perdeu o seu presti-
gio, e já hoje é unanime e vencedora a corrente
dos que não encontram nenhuma incompatibilida-
de entre o systema politico pelo qual nos gover-
namos e uma proficua e opportuna intervenção do
governo geral na mais efficiente das defezas da
democracia que é a cultura popular generalizada.

Conto como certo que em breve termo a União
estará collaborando com os Estados e Municipios
e com as forças privadas no combate, mais que
todos urgente, ao analfabetismo que ataca 80%
dos nossa população, dominados os nossos diri-
gentes politicos pela verdade que se contém n'es-
sas palavras do grande argentino Joaquim Gon-
zalez: «La escuela primaria ha sido y será siem-
pre el principal problema para toda sociedad
preocupada de sus destinos y para todo gobier-
no consciente de su misión.»

José Augusto

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção, em sua nova sede, á rua Sete de Setembro n. 174.

I --- IDÉAS E FACTOS

A EDUCAÇÃO NACIONAL: Aspectos femininos

(Conferencia da serie promovida pelo Curso Jacobina, realizada no Salão do "Jornal do Commercio", em 16-9-920)

Já de outra feita falei sobre este mesmo assumpto, e considerei varios dos seus aspectos masculinos; diante de vós, só quero hoje considerar algumas das suas feições femininas.

Entretanto, se, apressadamente, convim em acceder ao convite generoso da illustre Directora dos Cursos Jacobina, foi principalmente por uma razão pessoal. Eu anciava por ser ouvido em uma assembléa de mulheres, para com ellas ajustar algumas contas. Accusaram-me, em livros de ficção que tenho escripto, de não as olhar com bons olhos. Preciso, pois, explicar-me.

Não pretendo desenhar todas as mulheres, nos meus livros, apenas algumas, e que interessem á malicia das outras. Ora, as mulheres boas, felizes, perfectas, não fazem enredos, não dão intrigas, não têm romances. Para todos os lêrem, é necessario que algumas, nem sempre bellas, nem boas, os vivam. Para servir ás primeiras, procuro descrever as outras. Sempre, porém, umas e outras, foram e são, a minha maior preocupação. Agora o momento se offerecia para dizer tudo o que penso dellas, de todas ellas: é o que ides ouvir!

A finalidade da educação

Ainda com o risco de offender ás vossas preferencias literarias, gracejando com o autor daquelle delicioso romance de «Paulo e Virginia», que a todas já vos fez chorar, sem duvida, e, portanto, já vos fez agradecidas a Bernardino de Saint-Pierre, como é proprio dos bons corações... lembra-me aqui um dos seus disparates. Tudo se criou na natureza para o homem, seu prazer ou sua convenien-

cia: até o melão, se tem gomos, é para ser comido em familia. Destinou-o Deus ás talhadas, e assim a tudo na vida, criado e preparado para nós, e nós para Elle...

Desenha em dois traços, este dislate, num absurdo accessivel ao ridiculo, a caricatura da philosophia espiritualista, que é o transumpto mesmo de todas as religiões. É o «finalismo» que dá um destino ao mundo, e lh'o imagina um destino logico, indispensavel ao nosso sentimento ambicioso, e como é possivel á nossa limitada intelligencia. Todo o movimento philosophico e anti-religioso, que vem do seculo XVIII para cá, exactamente consiste em demonstrar o absurdo e o ridiculo da finalidade, dogma irretractavel da positiva sciencia contemporanea. Entretanto, tão forte e decisiva é essa inclinação de nossa natureza, que todas as doutrinas materialistas da hora presente são eivadas cresse mesmo abominado finalismo... Com effeito, a «evolução», a «selecção», a «defesa natural», a «lucta pela vida», o «progresso indefinido» dos multas especies, dos homens, das idéas... são bellas e boas concepções finalistas, porque prejulgam, e até nos concedem, uma perfectibilidade, de máu a menos máu, de bom que tende inevitavelmente a ser melhor, e que chegará logicamente a ser optimo, termo ou destino desse finalismo scientifico, que, sem o querer, se encontrará então, surpresos ambos, com o finalismo religioso.

E isto, minhas senhoras, se acontece a homens dotados de sentimentos oppostos, a idéas divergentes que se afastam no ponto mesmo da partida, e

simplesmente porque a logica, máu grado de nossas repugnancias de sentimento, de nossos delirios de imaginação, é uma irreprimivel necessidade humana.

O homem é um animal logico. Desde a mais tenra infancia, quando lhe madrega a razão, que á primeira linguagem balbuciada elle torna logicamente regular, até mais tarde, na vida, nos conflictos de sentimento com as mulheres, que elle accusa de illogicas, até nos proprios desvios e aberrações mentaes, que, por ironia, chama de loucos, «loicos» ou «logicos», como parece ser a derivação. (*)

Se a controversia religiosa e scientifica prosegue, pró e contra o discutido finalismo, na vida, sem attender a taes idéas desamparadas, a acção que entretem o homem na natureza dá-lhe, desde os primeiros alvares de sua civilização, o mais radicado e irremovivel dos finalismos, que é o outro nome da educação.

Que é isto senão um caminho, e para um destino?

Condicionou a natureza, os viventes, ás suas realidades preestabelecidas, e em perpetua mudança, de modo que viver é adaptar-se ao meio a que se veio, e em que se vive. Essa adaptação chega nos animaes a um adestramento que *re-*
ella ~~adaptação~~ *adaptação* de razão, no adaptamento ás conveniencias. No homem se impoz, se conformou, aperfeiçoada, e se aperfeiçoando, em tendencias, desejos, interesses, habitos, disciplina, que são premissas da educação. Para que? E porque?

«Educar» vem de *e ducere*, conduzir fóra, além, guiar por diante, para o nosso destino naturalmente, que, se não foi predeterminado, vagamente o fixamos lá

(*) A phantasia etymologica, se o é — e não será descabida em materia de tanta imaginação como seja a derivação philologica —, pertence a Capistrano de Abreu, humorista nas horas vagas.

bem longe sem duvida, lá no que deve ser, ou é, a perfeição. Educar é conduzir ao ideal. E' o ideal a representação distante, inaccessible certamente, mas de que nos approximamos sempre mais, de nossa propria perfeição.

O caminho não é direito, nem liso, nem facil, ai de nós!, mas tem atalhos, boqueirões, alcantis, retrocessos, meandros, precipicios, mas lá prosegue e retoma o fio, sempre em frente, e, embora com delonga e arrendimentos, impulsos e atrazos, lá vai adiante, incessantemente. Um desses redemoinhos ou labyrinthos que nos fazem dar a volta ás idéas e aos prejuizos, sem progresso, numa controversia sem derivação de saída facil, ou solução prompta, sequer provisoria, são os multiplos problemas de educação feminina. De alguns, e por alto, que não quero nem vos fadigar, nem fingir o alento que não tenho, vos venho hoje aqui entreter.

Ironia e piedade concelidas á mulher

Sabeis que sois animados ou bem tratadas, ao menos em certos momentos pelo vosso companheiro, sempre elle professou, e professa ainda, por vós, um infinito, e tacito, quando não declarado, desprezo! E' o nome real da ironia e da piedade, que são os desfarces das maneiras com que vos tratam, mimo, caricia, ternura, sacrificio, que se devem ao ser fraco, imbelle, innocente, mas, por isso mesmo, inferior — é a franqueza do que elles pensam de vós... — que nos dá entretanto a gloria do amor e a perennidade da descendencia...

Dos alvares da philosophia antiga aos pensadores de nossa era, a opinião, com algumas variantes, é sempre a mesma, e essa. Dizia Xenarco, das cigarras, cujos machos têm o privilegio de cantar: feliz gente, cujas femeas não falam... Schopenhauer vos definiu, com aquella

sua brutalidade allemã: animaes de cabellos compridos e juizo curto. Não são grosserias de philosophos, que temem as mulheres, e as evitam com o insulto, é o pensamento, occulto ou declarado de todo o outro sexo, que ainda quando vos agrada e depende de vós, vos acaricia como a adoraveis crianças grandes, vos desdenha, conseguido o seu intento, como a caprichosas criaturas, que acabam por fatigar.

Fez assim o homem á natureza inteira: não irieis escapar á regra commum. Excavou a terra, brocou as minas, extrahiu o carvão e o minerio para a sua utilidade; ajuntou as hervas e as arvores, disciplinou-as com a poda, aperfeçoou-as com a selecção, para maior rendimento de seus celeiros; domesticou os animaes, tratou-os com bons pastos, abrigos artificiaes, dando-lhes seguranças contra as feras, mas para lhes tirar a lã, o leite, o couro, a carne, que são as razões daquella beneficiencia. A mulher tambem, sua victima, deu trapos, enfeites, galanterias, o amor como destino, a maternidade como dever, o lar como dominio, para lhes fazerem o conforto domestico, a delicia da vida, que incuba, e cria, e faz homens aos seus filhos, outros homens como os paes, para as prender e tyrannizar, acariciar e abusar dellas, as outras mulheres, indefinidamente. Até os poetas, que são homens fracos e sensiveis, mais capazes por essa condição de as comprehender e as estimar, até estes são como os outros: um delles, o que imaginou Eloá, a mulher-anjo, capaz de tentar a redempção de Satan, o que acha de melhor para dizer á mulher-mulher é chamal-a «enfant malade»... Crianças doentes, que outro, Castilho, desejaria vêr todas em uma náu, e o piloto fôra ella... «triumpho eterno!», não escaparia uma só!

E não sómente sabios e poetas, mas

até santos e devotos, que parece não sabiam o caminho do céu senão fugindo dellas, tentando-se com ellas, como se foram mesmo a imagem terrena do demonio. Foi talvez por isso, por uma reacção liberal, que se conta de um concilio, em Macon, que lhes concedeu, e não por unanimidade, mas por maioria, uma alma immortal: não a teriam até ahi! Sempre a Igreja se defendeu disto, mas se ella é instituição divina e infallivel, os padres e os santos são ou foram homens, sujeitos, portanto, não raro, aos prejuizos humanos.

Crianças grandes, caprichosas, doentes, capazes de todos os males, até da perdição da alma... dos outros... ahi está o resumo de tantos seculos de civilização humana, a respeito das mulheres: se vos tratam melhor, hoje em dia, carinhosamente, até como soberanas ephemeras de uma sala de baile, de uma noite de theatro, num encontro de rua ou na constancia do lar, não vos enganeis... ainda nestes momentos é um engôdo a submissão, têm tenções dobradas os mimos, o culto é anzol ou rêde, com que vos prendem, para o que de vós desejam, porque na vida do homem não sois ainda mais que um complemento, uma utilidade ou um deleite. Se o assumpto não apartasse o grão, pela sua gravidade, eu vos diria: si: apesar de toda a civilização, mulheres, vós ainda não sois homens!

E entretanto tendes o direito e o dever de sel-o, outros homens, differentes delles, mas eguaes a elles, na partilha do mundo, nos direitos e nos deveres, e não lhes deveis favor por isso, senão reclamação do que vos expoliou e, cumpre, vos restitua.

A supposta inferioridade das mulheres

Não será, porém, com affirmações vãs que vos convencereis, e que nos convenceremos disto. Vejamos os factos. O pri-

meiro e o maior, inilludivelmente, é que vos fez menores, mais fracas, menos intelligentes, e, por isso, physicamente, mentalmente, inferiores aos homens.

A anthropologia que vos pesou e mediu nas varias raças da terra, achou constantemente esta differença entre homens e mulheres da mesma estirpe no mundo. Entretanto, entre os grandes Patagônios e Escandinavos e os miudos Japonêses e Brasileiros, não estabeleceu por isso a superioridade anthropologica dos pesados e membrudos, sobre os ageis e resistentes; para sermos logicos, por esse criterio, estabeleceriamos a superioridade das mulheres patagonias e escandinavas sobre os homens do Japão ou do Brasil, pois, de facto, os excedem, em pesos e dimensões. Este criterio, pois, do metro e da balança, da proporção do corpo humano, não pôde dar um indício da vantagem relativa.

Foi, principalmente, para o órgão da intelligencia que se volveu a attenção dos homens sabios, que ahi acharam o argumento, insophismavel, da inferioridade feminina. Pesado o cerebro de numerosos homens e mulheres, da mesma raça, e do mesmo nivel social, encontra-se, inilludivelmente, uma differença, para menos, no miolo feminino. Sabeis *vella* esta sorte de estudos se faz pelo que chamam médias, isto é, relações que servem á apreciação, e nem sempre são um indício da verdade. Até, neste proposito, ha uma divertida vingança que o acaso, parcial por vós, tomou de um grande sabio, que representava este ponto de vista de homens. Foi com o physiologista allemão Bischoff, incanzinado em demonstrar a inferioridade feminina, pela exiguidade cerebral das mulheres. Para nós o peso médio dessa viscera seria 1.350 grammas; para vós, apenas 1.250, ou 100 grammas de differença, para menos, o que justificaria o «juizo curto» de Schopenhauer. Pois bem, a

ironia foi que, morto Bischoff, levado á balança o seu cerebro pesava sómente 1.245 grammas, o que demonstra que o cerebro de um grande homem pôde ser mais reduzido, que o da média das mulheres, o que demonstra ainda que esse criterio de pesada, em que se firmára o sabio germanico, é ridiculo, e demonstrado, quem o diria? pela sua propria natureza, pois era 5 grammas mais leve, abaixo mesmo de uma subalternidade, decretada por esse mesmo facto...

A verdade é entretanto outra: o corpo do homem é mais pesado que o das mulheres, mais delicados de estructura, de cerca de um decimo no todo, e portanto, em cada uma de suas partes, no esqueleto, nos musculos, nas visceras, como tambem numa dellas, o cerebro, não significando isto que o coração feminino, por exemplo, seja inferior, senão em peso, ao de um homem, pois que o seu corpo todo é menos um decimo mais leve que o do seu companheiro, mas, cerebro e coração, normaes e perfeitos, nuns e noutros. Se o peso do encephalo tivesse como funcção a intelligencia, não poderiamos jámais comprehender como a particula minima do ganglio encephalico das abelhas e formigas attingiu a tamanha perfeição, nem como a abundancia cerebral dos elephantes e rhinocerontes não lhes déram a primazia na natureza. A verdade é ainda que na mesma especie o peso do cerebro, nas suas grandes oscillações, provem da variavel quantidade de agua que possue a viscera: mais ou menos humidade, e, portanto, não menos ou mais intelligencia. A contraprova dessa verdade está no seguinte facto: é na idade de 14 annos nas mulheres, de 15 annos nos homens, que o cerebro humano attinge o seu maior peso, e, evidentemente, não é nessa idade, feliz idade tonta de menina-e-moça, infeliz idade es-

tonteada da calça comprida e do primeiro cigarro, que os homens e as mulheres, esses mesmos julgados no decorrer de sua vida, são mais inteligentes.

O peso do cerebro não é, pois, nem no homem, nem na mulher, nem comparativamente nas raças, nem nas outras especies animaes, um indício do valor intellectual. Mais que a quantidade de substancia, na qual domina a agua, e não a cellula nervosa, sobreleva a qualidade, e esta não se pesa... esta não tem outro criterio senão uma inferencia, e uma consequencia. É a inferencia a substancia nobre, ou cinzenta, que póde ser mais ou menos espessa, e o manto cerebral tanto maior quanto mais pregueado nas suas scisuras e circumvoluções, melhor irrigado por uma circulação activa, melhor inter-communicado pelas vias que se cruzam no corpo calloso... Uma consequencia é o genio humano, que deriva desse cerebro melhor dotado de neuronios, mais «marmorização» por irrigação, mais accessivel ás communicações, mysterio transcendente que de algumas cellulas, sangue, lymphá, vibração nervosa, faz isto, o milagre do genio, do pensamento, da invenção, da acção, da virtude, do sentimento, toda alma sublime e divina do homem.

Evidentemente, as mulheres não descobriram a America, não cathechizaram continentes, não inventaram a imprensa... uma longa servidão na qual ainda perduram, embora os grilhões sejam hoje de rendas e fitas, e que as desviam de muitos dos seus deveres e de todos os seus direitos, impede-lhes o preparo para a capacidade, e as iniciativas para o exito: contudo, excepções aqui e alli demonstram como as Joanna d'Arc, as Catharina de Sienna, as Madame Pedro Curie existem. Mantidas numa subalternidade civil, num resguardo ciumento, prisioneiras bem tratadas, mas

vigiadas, déram-lhes apenas o consolo espiritual da religião e a servidão domestica, e da vida as afastaram, reservadas ao nosso prazer e ás nossas conveniencias, na sombra do lar que passamos a encarecer como o seu unico ideal e o destino magnifico que lhes cabe.

No Oriente, sabeis como são ainda ellas inclausuradas nos harems ou nos disfarces, até da vista humana preservadas, ignorantes, ociosas, lascivas, agrupadas como um rebanho, que explora, com a sua violencia e o seu egoismo, um pastor. Deu-lhes o Christianismo a liberdade no Occidente, sobretudo conferiu-lhes uma dignidade que não tinham, permittindo-lhes uma educação que as vae gradativamente emancipando, do jugo milenario em que, principalmente, a subalternidade educativa as manteve e ainda as mantem, até agora.

Os vêtos da Familia e da Igreja

Desfaçamos, desde já, um equivoco, em que por ventura a franqueza, um tanto difficil nestes assumptos, nos pareça entreter. É a familia. Quando se fala de educação da mulher, de emancipação da mulher, uns homens zelosos existem sempre que velam desinteressadamente por ellas, e pela sua perfeição e gritam logo que se quer e implesmente destruir a familia. Se vêm a causa mal parada, como as sabem piedosas e fieis, ameaçam-nos com os dictames da Igreja, suppondo-se então num baluarte inexpugnável. Entretanto, minhas senhoras, não se trata nem de destruir a familia, nem de contrariar a Igreja. Então as mulheres não podem ser boas esposas e mães amorosas, senão ignorantes, dependentes, incapazes? Então, na sociedade conjugal, hão de ser ellas sempre o socio manietado, expoliado, reduzido ao silencio, incapaz de deliberar, sem direitos justos, sem o respeito correlato que se deve a esses di-

reitos, e de que o outro socio, o que se diz e é reconhecido cabeça do casal, usa e abusa discrecionariamente? Será a mulher a eterna menor, pela qual delibera um pae, sem a ouvir, um marido, sem a considerar, um filho, mais tarde, sem a respeitar? Eu sei que em materia de direito civil, muitas dessas acquisições estão alcançadas, embora com penoso esforço, mas sei tambem que a egualdade civil não foi ainda conseguida e não será talvez para os nossos dias, em que a lei ainda é feita só pelos homens. Em que se prejudicará a familia, quando os esposos lograrem direitos eguaes que lhes cabem para a acção commum de manterem o lar e de criarem a próle que houveram? Como exercer esse direito sem a educação que prepara o conhecimento para os deveres e as suas licitas possibilidades? Sabem os homens muito bem que é a subalternidade de educação e de instrução da mulher, o meio mais effizaz de as manterem na submissão civil e domestica em que vivem e da qual só escapam, pelo escandalo e pela desordem, as raras victimas que preferiram a má fama ao soffrimento, á affronta, á delapidação dos seus bens e de suas forças, de sua mocidade e de sua belleza, pelos máus conjuges, com quem ~~perderam~~ ^m ganaram. Sei tambem que o amor, infinitamente mais frequente do que o nosso scepticismo ou a nossa ironia fingem não acreditar, corrige, nesses lares injustamente organizados pela lei, essas desigualdades civis e sociaes, e as prisioneiras delles, encantadas e felizes, passam a vida, com os seus carcereiros e os seus filhos delles, tão occupadas pelo sentimento que, ainda que se abrisse a porta da prisão, não sahiriam, como certos passaros domesticos habituados á gaiola... Da gaiola doirada do casamento só poderiam sair os conjuges infelizes, e para estes, por causa dos outros, tem a lei a porta bem trancada

com as sete chaves da indissolubilidade do vinculo, o escandalo publico a ousar, a depreciação certa a prevêr, interesse a maibaratar, juizes, imprensa, advogados, amigos, a affrontar... E entretanto, para não chegar até ahi, o meio mais certo seria a justiça equanime dos direitos e dos deveres, e a educação prévia, pratica e capaz, que dá independencia e capacidade para julgar e escolher, deliberar e fazer-se respeitada.

Depois, se a educação para viver bem é necessaria no casamento, mais ainda para viver sem elle. E, minhas senhoras, no Brasil, mais de metade da população nubil é de solteiros. Das brasileiras casaveis apenas casam, hoje em dia, 44 %, o que é numero baixo, comparado com as proporções europeas: em França, por exemplo, 70 % das raparigas do povo casam, e mesmo, da classe mediana, ainda 50 %. Nós estamos muito áquem, e numa terra onde predominam, em numero, os homens. Essas 56 brasileiras em 100, sem a protecção de um marido, e ainda que a tivessem, não devem ser educadas, para se bastarem na vida com um officio honesto, ellas que têm aptidões comparaveis ás dos homens, e que em muitos os excedem, por capacidades inherentes á sua natureza? Estou convencido que a emancipação educativa e, portanto, economica, da mulher brasileira, será o meio de facilitar-lhe o casamento, porque a este ella trará a collaboração de auxiliar e de socia de seu marido e não, como é ainda agora, na immensa maioria dos casos, de dissipadora, mais ou menos activa, dos bens do casal. A educação da mulher concorrerá, assim, para a prosperidade da familia.

O problema religioso nunca se oppôs ao da emancipação civil, e para chegar até ahi, educativo, da mulher. A santidade dos sacramentos não exige, nem a subalternidade dos crentes, nem a injustiça de suas relações respectivas. A

Egreja, interprete autorizada das Sagradas Escripturas, nunca repudiou os principios de democracia egualitaria, ainda na sociedade dos sexos, que é a familia, nem impediu jámais que a esposa, dotada de todas as graças da presença e da seducção, fosse atilada, clarividente, preparada para a perfeição, que é o outro nome da bôa educação. Permitti por prova e para vos dar o agrado de uma diversão, que vos leia aquelle ideal religioso da mulher forte que Salomão, «o mais sabio dos homens», esboçou nos «Proverbios». Reparai bem como nenhuma das reivindicações femininas, civis, sociaes, pela independencia do trabalho feminino, pela emancipação intellectual da mulher, ahi falta e todas se acham reunidas na perfeição do lar justo, na santidade dos affectos e das crenças respeitadas:

«A mulher forte, quem a achará? Seu preço excede a tudo que vem de remontadas distancias e dos ultimos confins da terra.

O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos.

Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida.

Buscou lã, e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos.

Fez-se como a nau do negociante que traz de longe o seu pão.

E se levantou de noite, e repartiu a presa aos seus domesticos, e o sustento ás suas aias.

Considerou um campo, e comprou-o; plantou uma vinha do fruto das suas mãos.

Cingiu os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço.

Tomou-lhe o gosto, e viu que a sua negociação é bôa; a sua candeia não se apagará de noite.

Ella mettu a sua mão a coisas fortes, e os seus dedos pegaram no fuso.

Abriu a sua mão para o necessitado e estendeu os seus braços para o pobre.

Não temerá que venha sobre sua familia os rigores da neve, porque todos os seus domesticos trazem vestidos forrados.

Ella fez para si moveis de tapeçarias; ella se vestiu de finissimo linho e de purpura.

Seu marido será illustre na assembléa dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra.

Ella fez delicados lenços, e vendeu-os, e entregou um cinto ao cananeu.

A fortaleza e a formosura é o de que ella se reveste, e ella rirá do ultimo dia.

Ella abriu a sua bocca á sabedoria, e a lei da clemencia está na sua lingua.

Considerou as veredas da sua casa, e não comeu o pão ociosa.

Levantaram-se seus filhos, e acclamaram-na ditosissima; levantou-se seu marido, e louvou-a.

Muitas ajuntaram riquezas; tú excedeste a todas.

A graça é enganadora, e a formosura é vã; a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada.

Dae-lhe do fruto das suas mãos; e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes».

(Proverbios, C. XXXI v. 10 e seguintes).

A mulher forte, portanto, deste ideal religioso — quem a achará? pergunta o Propheta... — é temente ao seu Deus, amante a seu marido, desvellada a seus filhos; é próvida a seus criados e caridosa a seus pobres; não come ociosa o seu pão, e é solícita a sua casa e consagrada ao seu lar; entretanto, apesar disso tudo, não lhe esquece que é mulher, formosa sem ser vã, graciosa sem nenhum engano, e por isso se veste de finissimo linho e de purpura esplendida, e vive entre tapeçarias, sem nunca lhe minguar o conforto; mais, como as mulheres todas deviam ser capazes, suas mãos delicadas sabem trabalhar, fiam o linho, tecem a lã, e os moveis domesticos e até lhe sobejam lenços e alfaias, que ella vende, e tempo ainda para plantar a vinha; sua experiencia da vida e dos negocios sabe por si deliberar, considera um campo, compra-o, explora-o: tomou-lhe gosto, e viu que a sua negociação foi bôa; — sua educação instruida nas artes e nas sciencias deu-lhe bôas idéas e bellas palavras, com que abriu a bocca á sabedoria e por isso a acclamam seus filhos, e a louva seu marido, e a admiramos todos nós, e vós, minhas senhoras, vós a deveis invejar e imitar.

E' a mulher completa, como deve ser,

e não apenas como a vemos ainda hoje em dia tantas vezes, uma fracção de mulher: a mulher domestica, prisioneira de seu lar triste e sem horizonte, ou a mulher da rua que passeia o luxo, a affronta e a immoralidade nas festas, nos theatros e até nas egrejas; a mulher operaria, que, obrigada pela concorrência do salario se esfalfa, adocece e morre, ou a mulher-boneca que apenas sabe enfeitar-se, gastando o que póde e o que não póde, do labor de paes, maridos, parentes; a mulher ignorante, incapaz, pueril nos gostos e nos propósitos, e que é apenas uma criança grande caprichosa, ou a mulher vaidosa, fá-tua, que uns conhecimentos superficiaes subiram á cabeça, e entonçeceram no pedantismo, de intoleravel preciosa.... Pedacos defeituosos de mulher, esses todos, que não chegam a ser uma mulher, digna desse nome. Nada disto, ou tudo isto, equilibrado por compensações justas, para que um sêr harmonioso e perfeito sáia desses esboços feios e truncados. Ora, é justamente a educação o meio de fundir todas essas disparidades e incongruencias, porque a educação é, na definição de Kant, o desenvolvimentão humano, em toda a perfeição que a natureza comporta.

se a natureza comporta.
 O que se educará a mulher forte? Foi o que vos vim dizer, e ainda não me deixaram fazer. Entremos em assumpto.

Eugenia e Puericultura

A primeira regra da educação da mulher, como do homem, deve ser a que se refere á saude, e á saude dos que devem vir, e que serão depois de nós, com o que preparamos a geração de amanhã, mais feliz do que a nossa, porque lhe preparamos consciante e conscienciosamente a felicidade. É a «Eugenia», a moderna arte ou sciencia que se preocupa com uma raça humana sadia e feliz, e começa, para obtel-a, em

procurar a saude e a felicidade daquelles d'onde ha de vir. Um dos seus capitulos, no qual a tenra infancia das escolas terá collaboração, é a «puericultura», no que se refere ao trato aos ir-mãosinhos mais tenros, ajudando no proprio lar as mães e aprendendo para o futuro o divino mister de mãe. É um delicioso e indispensavel ensino que as crianças acceitam como brinco, porque é como outro brinquedo de bonecas, agora nessa idade e na escola, que a vida trocará por outras vivas, e então felizes, sabido como se as deve tratar. Em todas as grandes cidades da Europa se começa a ensinar isto, nas chamadas «escolas de mães», e, na America do Norte, em quaesquer escolas primarias.

Os meninos fazem exercicios gymnasticos e militares, com o que preparam vigor e civismo; as meninas farão gymnastica e puericultura, com o que conseguirão tambem vigor, e essa forma criadora, do patriotismo. Não foi sem propriedade que Roosevelt pôde chamar á maternidade o serviço patriótico obrigatorio das mulheres, como os homens têm o seu serviço militar obrigatorio, para defender a Patria, que ellas criaram. As mulheres de Timor, a possessão portuguesa do Extremo Oriente, segundo refere o meu douto amigo Agostinho de Campos, chamam no seu dialecto, pittorescamente, e verdadeiramente, á maternidade, «noss'-guerra». É de facto, pelo risco, pelo soffrimento, pelas victorias sublimes e tambem, ai de nós! pelas decepções cruéis. Essas serão diminuidas, se a futura mãe tiver aprendido, desde a escola, todos os cuidados que se dão a um recém-nascido, ou um bêbê, abrigo, asseio, vestuario, alimentação, somno, diversões... Na escola servem de ensaio os bonecos, o que é um brinco, com que aprendem para a vida. Nem se diga que é extemporaneo, porque uma boneca é o primeiro brinco desejado por uma crian-

ça, nem que é malicia precoce, porque essas meninas assim instruidas podem e devem no lar modesto dos paes prestar esses auxilios aos irmãosinhos mais tenros, que é preciso pensar, cuidar, vestir e entreter hygienicamente.

Cuidar da saude de outrem, uma boneca figuradamente, ou realmente uma criança, é ser levado a pensar e a cuidar em tudo que se refere á propria saude. Reflexivamente, tal educação hygienica resultará proveitosa á propria alumna. Não vos esqueça esta recomendação, que eu quisera vêr desde já adoptada entre nós: no paiz pedagogico por excellencia, na Norte-America, o ensino da puericultura nas escolas e nos collegios de meninas é uma diversão, nunca omittida, e a mais encantadora das disciplinas, que preparam e educam para a vida.

A co-educação dos sexos e o magisterio feminino

O trato com os bêbês, hoje bonecas, nossos irmãos e nossos filhos amanhã, o trato agora com os nossos camaradas de escola e de collegio, irmãos, conhecidos, amigos, collegas, o homem que amanhã a vida offerecerá a cada uma, e que pretenderá com ella a felicidade. E' o problema da co-educação dos sexos, na escola primaria, sobre o qual ainda se discute muito. Ha uns moralistas maliciosos que o condemnam, pensando logo uma porção de coisas feias, que attribuem ás crianças. Ha uns prudentes religiosos que o temem, e o evitam, conhecedores profundos da maldade humana, que desejam assim obviar, desde esses annos mais tenros. Devo logo declarar que a Igreja não tomou partido neste assumpto, senão algumas autoridades religiosas, contrapostas a outras, porque nos Estados Unidos da America ha numerosissimas escolas catholicas mixtas, ou de co-educação. Ha a-

penas um debate scientifico ou pedagogico a ouvir, para resolver.

Contra a co-educação, ha a natureza diversa das crianças dos dois sexos, a que um mesmo regimen escolar poderá não convir; ha as relações de sexos oppostos, que se pôdem impregnar, precocemente, de malicia, promovendo temporãs reacções sexuaes em cada um delles; ha o prejuizo das meninas que se tornam desenvoltas com o exemplo e a camaradagem masculina; ha o maior talvez dos meninos e rapazes que se abrandam e desvirilizam no aconchego do ameno trato das mulheres... são os argumentos em contrario, de leigos e profissionaes, contra a co-educação. Vejamos a importancia delles.

Na primeira e na segunda infancia não são pedagogicamente differentes os sexos, e, como no lar materno, em que a mãe é a ideal educadora dos filhos e filhas, a professora é a melhor substituta dessa funcção materna, para um, como para o outro sexo. Consiste a funcção educativa, exactamente, por um regimen impregnado de virtude, honestidade, franqueza, polidez e acatamento, em ensinar ás criaturinhas de um e outro sexo o mutuo comportamento, que será o dever reciproco na vida, e isto no lar domestico entre irmãos, como na escola, e na sua prolongação, entre camaradas. E' certo, e todas as mestras de escolas mixtas pôdem depôr, que os meninos, nestas condições, são menos grosseiros, violentos ou desabridos, e as meninas perdem um pouco daquella timidez, reserva, disfarce, que eram de seu caracter original. Devem ser cultivadas desde pequenos taes qualidades, que serão não-valores na vida, quando mais tarde, inevitavelmente, e na época muito mais perigosa das reacções sexuaes, e não conhecidos um pelo outro, se vierem a encontrar? Os homens brutos, grosseiros, violentos que ha por ahi na

sociedade, e já agora incapazes de serem reeducados, porque em tempo não tiveram irmãs, foram ensinados por homens, e não conheceram as mulheres senão depois de rapazes, para as desdenhar, e, passada a timidez e o cynismo dessa puberdade viril, para as maltratar e brutalizar. Afastados de todo convívio masculino, com uma reserva cultivada pela educação que as deixa desamparadas á primeira imprudencia ou ousadia na sociedade, essas raparigas sequestradas não pódem olhar a vida com desassombro, não pódem sequer escolher o seu par na vida, porque são prisioneiras do primeiro desconhecido que ouse a aventura paciente de as pretender. Os sexos hão de viver juntos a vida, porque não se hão úe conhecer cedo na escola, como no lar? Porque se não corrigirão violencias de uns e timidez de outros, qualidades tão nefastas nas relações reciprocas? E' justamente função educativa inspirar-lhes o respeito mutuo e derivar-lhes a attenção pelos jogos, exercicios adequados, cultura intensiva e progressiva, praticas e conhecimentos necessarios, que, em vez de malicia precoce, lhes dê a polidez adequada, que é o mais certo caminho de se estimarem e se respeitarem, por-
 O melhor aprenderam a se conhecer.
 Os adversarios da co-educação são pedagogos vista curta, que exageram o perigo da promiscuidade escolar, esquecendo-se que a escola deve preparar a vida, e que elles se limitam a evitar um pequeno mal na escola, augmentado por isso mesmo mais tarde, quando, irremessivelmente, os sexos até então desconhecidos se vierem a encontrar, para as represalias de mutua curiosidade. Se as crianças de um e outro sexo fossem todas destinadas, ao sahirem da escola, para a sequestração nos conventos, seria logica tal pedagogia, porque preservaria qualidades nativas de um e outro sexo para a vida reclusa dos claus-

tros; mas a escola continúa o lar e deve preparar para o mundo: porque pois, na época educativa por excellencia, interromper uma educação que deve vir do primeiro, e não deverá descontinuar a outra, e se endereça á harmonia delles, para a felicidade de viver? A co-educação se me offerece como uma necessidade educativa imprescindivel, porque necessaria, e natural, e social: resta apenas aos pedagogos e mestres empenharem todos os esforços de sua intelligencia, sentimento, actividade, por que as relações entre as crianças de sexo differente sejam impregnadas daquella pureza de pensamento, e de acção, que é a qualidade indispensavel de toda educação digna deste nome.

A co-educação, que é geral nos paizes protestantes, sobretudo na Alemanha, na Suissa, nos Estados Unidos, tem entretanto nelles mesmos adversarios e até, neste paiz, um pedagogo do maior merito, Stanley Hall, autor do formidavel inquerito sobre a «Adolescencia». Ora, não é principalmente a malicia sexual que elle julga o defeito da co-educação, mas sim porque os rapazes co-educados com meninas, se desvirilizam, isto é, tornam-se brandos, amenos, sem a impetuosidade e a violencia, que a vida requer... A co-educação facilita mais tarde o casamento: entre as co-educadas, 28 % casam, enquanto que, das alumnas de collegios femininos exclusivos, as nubentes são apenas 22 %. Os homens co-educados são os que casam mais cedo, e são os mais numerosos: esses maridos americanos idolatram as mulheres, fazem-lhes todas as vontades, soberanas que aprenderam a conhecer, e, portanto, a estimar, antes mesmo de as amar. Não é este um reclamo magnifico pela co-educação? Necessariamente, com essas qualidades, o co-educado não dará mais encontrões nas ruas, respeitará mais ás mulheres dos

outros, menos vezes será campeão dos desportos, e menos facilmente terá nos negocios ousadias e aventuras dos outros violentos e brutaes, e, por isso, arrogantes e temerarios... E' essa virilidade que se deseja para o homem, que vive no mundo apenas para ter uma esposa, muitos filhos, e fazel-os felizes, com o seu trabalho e os seus bons costumes, e não viver a dar ponta-pés, a destratar a damas e cavalheiros, e casar para divorciar por insupportavel, embora capaz de ganhar premios e mesmo conseguir uma fortuna?

Quanto á malicia dos sexos — que póde existir, mas que só existirá numa escola em que a professora fôr indigna, e incapaz, de sua missão educadora, só direi uma palavra. Ella é de um grande escriptor allemão, João Paulo Richter: « Para garantir os costumes, aconselharei a co-educação dos sexos. Dois rapazes bastam para preservar doze raparigas, duas raparigas a doze rapazes. Não garanto nada nas escolas em que ellas são educadas á parte, e ainda menos naquellas em que só elles existem... » A minha experiência é que a maioria das escolas primarias masculinas é deploravel, e, mais ainda, quando são dirigidas por professores. A pedagogia primaria é uma funcção feminina.

Isto que parece um axioma, quasi assim geralmente acatado na America do Norte, como devera ser entre nós, teve entretanto uma imposição de facto e não uma decisão de preceito. Foi por occasião da Guerra de Secessão, que, chamados ás fileiras os professores, homens, as mulheres professoras os substituíram e, com tanta vantagem, que ficaram quasi privilegiadas para este ensino. O mesmo se vae dar agora em França, na Allemanha e na Italia. Entre nós, o caso é comparavel, tão poucos homens temos para tão immenso paiz, tão solicitados são elles para actividades muito mais lucrativas. Póde-se, pois, di-

zer que, a menos não seja o caso de uma rara vocação, e então de um sacrificio, o brasileiro que se destina a professor primario é uma fracção de homem, que precocemente capitulou diante da vida, estudando longos annos e decadas ensinando, para alcançar algumas centenas de mil réis, ao cabo de uma existencia. Por isso mesmo, elles têm isto como achego, e fazem outra coisa, negocios, empresas, ou politica, como em França, e são, portanto máus professores. O avesso é tambem verdade: as raparigas que se destinam ao magisterio primario, que não quiseram ser apenas dependentes, filhas, irmãs e esposas, e, com uma personalidade conseguiram uma cadeira digna de mestra para de sua escola fazerem o seu lar, constituem uma selecção dentro no proprio sexo e d'ahi esse corpo brilhante de magisterio publico em que as excepções só existem para confirmar a regra, e que honram o ensino primario brasileiro. Dou meu testemunho publico ao do Districto Federal, que tive a felicidade de conhecer no trabalho, de estimar ainda depois das relações officiaes, e de admirar sempre.

O ensino profissional, o ensino secundario e o superior

Depois da escola primaria, a escola profissional e o collegio secundario. Começa apenas a escola profissional a ter entre nós a sua verdadeira significação. Dois exemplos, entre outros, de São Paulo e do Rio Grande, pódem ser citados com ufania. Um é este da Escola Domestica de Natal, a que Henrique Castriano, um poeta que deixaram consagrar-se á acção, e a realiza com todo o seu grande coração, a que empresta as virtudes de administrador e pedagogo. E' uma escola de donas de casa e de mães de familia, providencias domesticas que hão de ser para

a abastança e o conforto feliz do lar. Depois, ou ao mesmo tempo das aquisições indispensaveis de cultura, as artes e sciencias domesticas, a direcção e o meneio da familia, tudo isto um corpo de mestres e mestras deligentes, e inspirados, propagam a uma multidão de meninas e moças brasileiras, com tal felicidade, que a benemerita instituição está a exigir a imitação de uma centena de outras, espalhadas pelo Brasil.

O outro foi a feliz reforma que no ensino profissional deste Districto operou um lucido e bemfazejo espirito, o de meu illustre mestre o Prof. Azevedo Sodré. Das velhas escolas profissionais, em que pobres meninas recebiam uma instrucção inadequada e aprendiam artes sumptuarias irrisorias para sua condição — bordados a oiro, piano, canto, dança... — fez essas colmeias de actividade proficua e productiva, repletas de raparigas que ahi aprendem como ganhar a vida com trabalho, competencia, honestidade, alegria, sabendo linguas, mathematica, contabilidade, dactylographia e stenographia — para caixas, caixeiras, guarda-livros, empregados de escriptorios, — sabendo desenho, modelagem, artes decorativas, córte, costura, com que sáem floristas, costureiras, modeladeiras, colleiteiras, capellistas, artezans e costureiras das rendas e bordados, de mantos e chapéus, sem esquecer as prendas domesticas, indispensaveis ao lar... com que são hoje disputadas pelas officinas e fabricas de artigos femininos do Rio de Janeiro. Se vos quiserdes, minhas senhoras, enlevar um instante no que consegue um labor de raparigas bem dirigidas, passae alli pela Praça da Republica e entrae na Escola Rivadavia Corrêa, por exemplo: sahreis convencidas que um milheiro de taes institutos são immediatamente necessarios ao Brasil, para a sua felicidade.

Ao ensino secundario feminino falta consistencia, que lhe dão programmas

e institutos adequados. Nos collegios privados, sob a direcção de excellentes mestras, leigas ou religiosas, alguma coisa é tentado ou feito no prosegui-mento do curso primario: um exemplo é este curso Jacobina. Não tem porém o desenvolvimento que adquiriu em França, Allemanha, Norte-America, e que demonstram como ás nossas companheiras de outro sexo sobra a capacidade para esta sorte de estudos, que preparam uma cultura indispensavel á vida e permittem as selecções devidas para o ensino superior.

Tylorismo educativo

Já ouvistes falar no tylorismo, isto é, essa prodigiosa invenção technica americana que estuda cada industria e cada trabalho, evitando-lhe as operações inuteis ou nocivas, dispondo tudo, movimentos, acções, orientação pratica e intellectual para obter, com a maior economia de tempo e de esforço, o maximo de producção e de rendimento. Pois bem, ha que pensar aqui num «tylorismo educativo». O homem é igual á mulher, mas ambos differem um do outro: conheçamol-os bem, para os endereçar ao que melhor convenha ás suas respectivas aptidões; em vez da concurrencia absurda dos sexos, o auxilio mutuo dos sexos, na producção e no rendimento social. Ha, pois, que considerar com o auxilio da physiologia e da psychologia nessas differenças, que orientam as respectivas capacidades.

Para o bem, como para o mal, na invenção e na criação artistica ou scientifica, nas iniciativas e reformas individuais ou collectivas, como para a desordem, a anarchia, as revoluções, os crimes, somos, os homens, graças a um maior poder de synthese das impressões recolhidas, elaboração subjectiva dos conceitos transcendentales, mais capazes do que vós, as mulheres. Por

exemplo, até para a poesia, que é tanto do vosso gosto, somos nós os homens que a fazemos de preferencia: no inquerito de Giese, num acervo de milhares de provas, dominam na composição poetica os homens, numa proporção de 71 % contra apenas 29 % do vosso sexo; ao contrario, as mulheres compõem a prosa, numa relação de 61 % contra 39 % do sexo opposto: se sois mais poeticas, para nós, sois mais prosaicas comvosco mesmas. E' que sois analysatas, objectivas, concretas. Todas sentidos e reflexos: sabem vêr, ouvem bem, attendem admiravelmente, guardam com perfeição, palavras, gestos, impressões, porque a attenção é mais firme, a percepção mais segura, a memoria mais exacta, com o que elaboram menos facilmente as acquisições da experiencia, tanto essa extrema sensibilidade e multipla perceptividade vem a se reabsorver e a se contrariar quando é das syntheses subjectivas, de onde menos criação e invenção, iniciativas e attitudes originaes, de que temos vantagem. Ha que tirar proveito dessa differença.

Todos os dias, a proposito dos menores incidentes da vida, o confronto dos sexos se realiza. Passa pelas ruas um par, e cruzam transeuntes, assistem a scenas e accidentes, trocam palavras e propositos: momentos após, ao cabo da excursão, o homem pouco sabe do que viu, ouviu, sentiu, mas tira inferencias geraes, «estas ruas estão intransitaveis», «a circulação vae num augmento crescente», «a direcção dos vehiculos deve ser tal ou qual», «as raparigas são cada vez mais pintadas e petulantes», «os rapazes sempre e mais grosseiros e atrevidos», «já não se póde mais passear a pé pelas avenidas do Rio de Janeiro», e outras coisas, deste jaez... A mulher, ao contrario, não conclue nada, mas sabe tudo, porque num rapido olhar detalhou todos os vestidos das ou-

tras, que póde reproduzir com uma incrível fidelidade, ouviu á flor dos labios, ou á meia voz, todas as admirações indiscretas que despertou no seu caminho, reparou nas attitudes delles e dellas e pode dizer em que termos affectivos estão taes e quaes, que parecem bem havidos, e que se não entendem, taes e quaes que não o mostram, mas já se entendem perfeitamente.

Esta perceptividade, preciosa tantas vezes, terá seus inconvenientes connexos. No nosso exemplo, a mulher descreveria, admiravelmente, todo o noticiario desse passeio através de uma rua afanada de grande capital, com pittoresco, exactidão, malicia, insinuações, quasi revelações sensacionaes, — não poderia fazer o artigo de fundo que deve dar a impressão conjuncta, a apreciação geral dos costumes urbanos, os reclamos pela melhor educação dos peões, para a maior facilidade de transito das viaturas. Seja, pois, cada um com a sua aptidão, que se não excluem, bem ao contrario: todo o mal da educação dos sexos tem consistido em lhes promover uma competencia lastimavel, e até irrisoria: re-dija o noticiarista as suas deliciosas noticias, conclua o redactor-chefe seu artigo de fundo, ás vezes presumido; só assim o jornal — será interessante.

Aliás um assumpto feminino mostra melhor como a propria vida se incumbe de formar este conceito, que a educação deve aproveitar. Sabeis o que é uma grande casa de costuras, uma grande modista, como ainda não as temos, mas as tem principalmente Paris, que impõe a moda ao mundo. Poder-se-ia pensar que um destes formosos trapos que vestis foi imaginado por uma mulher, e realizado por outras. Puro engano. Quem os imagina, e desenha, e ás vezes corta é o homem, — ha até vestidos-tailleur, — homem que tem a concepção mental, vê-o no conjuncto, no que tem de origi-

nal e de seductor, na apreciação complexa: quem o realiza no detalhe, de côr, de côrte, de enfeite, de geito, de maneira, de disposição, são mulheres; finalmente, são ellas que a esses trapos variados, imaginados, desenhados, cosidos e adereçados por tantos e tantas — os fazem viver, e invejar, e cubiçar, por vós todas, filhas de Eva. Se é assim na arte feminina por excellencia, a indumentaria, porque não será no mais, e não faremos tylorismo na educação, que nos conduza a uns e outros para os estudos e applicações profissionaes, em que melhor se ostentem, e mais fructifiquem, as nossas respectivas aptidões?

As sciencias que se elaboram nos laboratorios exigem syntheses mentaes a que não sois inclinadas, mas a elles, além de collaboradoras nas experiencias e observações, indispensaveis e decisivas, a que sois propensas, podeis prestar o concurso da divulgação, nas cadeiras dos cursos e nas suas applicações technicas. Não dão as mulheres para prophetas, philosophos, grandes poetas, ninguem propaga melhor a pureza da fé, a perfeição dos costumes, o encanto da vida, nas obras pias, na beneficiencia philanthropica, na belleza admiravel do lar. Detestaes a patria que ^{aur}vide outras patrias, e devieis desamar os homens que matam outros homens: não sereis, pois, soldados nem artilheiros, mas podeis ser medicos e enfermeiras. Os vossos talentos particulares fazem de vós, em nobres e uteis profissões, superiores aos homens, aos quaes entretanto quereis fazer competencia, naquellas ás vezes em que elle é naturalmente superior a vós...

Por occasião da grande guerra deveu ser o homem substituido pela mulher em milhares de empregos indispensaveis á vida: notaram os politicos e administradores como o vosso sexo é ainda ahi

admiravel. Os homens na industria, após quinze dias de trabalho, um mesmo e monotono trabalho, reclamam outro, e, se não lh'o dêrem, ameaçam de greve; ás mulheres convém este, sempre o mesmo constante trabalho e só reclamam quando as querem mudar, ainda para melhor, e choram, então, que é a maneira dellas fazerem greve. Com um operariado feminino as industrias estariam sempre tranquillias, sem innovações, sem renovações, sem revoluções: não haveria mais greves, mais sabotagens, nem anarchia, nem maximalismo; serieis, porém, eternamente exploradas pelo capitalismo, como sois ainda hoje pelo sentimentalismo, com que o homem vos mantém em uma affrontosa menoridade, privando-vos da responsabilidade, para não vos dar a emancipação, impedindo-vos a educação, que é o caminho certo da vossa liberdade.

Aliás, o pobre homem é aqui um iludido pelo proprio erro. O destino da vida, a sua finaldiade, não é viver, isto é, procrear, como para os outros viventes da natureza, mas viver feliz, com saude, conforto, abastança, no lar de sua companheira e de seus filhos, e esse ideal humano não será realizado sem o concurso intelligente, e instruido, e capaz, da mulher. Nos paizes novos como o nosso, em que immensas possibilidades estão em ser, mais do que noutros superpovoados em que a cooperação será menos necessaria, o desperdicio dessa immensa força é uma criminosa loucura. A utilização della exige a emancipação civil, e para isso a educação technica, e intellectual, da metade do Brasil, ou das brasileiras. A emancipação não será rebeldia, mas apenas justiça a seus meritos, e reconhecimento a suas capacidades: será a majoridade da plena deliberação e da mutua concordancia de um par que tem de viver a vida e cumpre se auxiliem num ac-

côrdio honesto, para vencerem a vida. O homem se emancipa de governos archaicos, politicamente; economicamente de oppressões expoliadoras; cumpre que não esqueça essa obra certo tão grande, de reparação e de reabilitação, maior ainda que a victoria sobre as castas dirigentes, e sobre as oppressões do capital e da força militar.

A educação, para chegar até ahi, terá que evitar necessariamente os extremos do empirismo rudimentar, que até agora apenas as faz domesticas e serviaes, como a cultura desorientada e presumida, que as torna pedantes e sabichonas: será uma obra de educação sem preconceitos, com endereços exactos ás aptidões respectivas, em escolas, cursos, conferencias, onde se debatam todos os problemas humanos, por homens e mulheres, mas para mulheres, partindo deste principio, que tem elles e ellas direitos e deveres iguaes, porque são iguaes, applicações e direcções differentes porque também o são, affectiva e mentalmente, pois só assim se harmonizarão, completados, para a victoria na vida.

As lettras sagradas nos deixaram, num passo do Evangelho, uma quasi parábola, que resume esse ideal de educação da mulher. No lar de Lazaro havia duas irmãs, que ambas serviam ao Senhor: andava Martha afanada no meneio da casa, com os passos deligentes e as mãos habeis, a preparar o conforto domestico, com que havia de honrar, com decencia e felicidade, o seu hospede; Maria era a graça da presença, a solitudine da attenção, a intelligencia do entendimento, o prazer incomparavel da comprehensão, com que enlevava aos que a viam, ouviam por ventura, se não suscitava pensamentos nobres e elevados. Realizavam, juntas, esse milagre, que havemos de vêr, alguns vêm já, mas é forçoso que vejam todos, para a

felicidade geral: todas as mulheres, feitas Marthas e Marias a um tempo, com o coração, com a vontade, com a intelligencia, desenvolvidos e perfeitos pela educação, a acharem a finalidade da vida para aquelles a quem se dão todas, corpo e alma, felizes nessa abdição, e a quem elles devem não só correspondencia de amor, porém mais, uma alta estima e uma immensa admiração.

AFRANIO PEIXOTO.

O centenario da Independencia e o combate ao analphabetismo.

Muitos têm sido os projectos apresentados para a commemoração do centenario da nossa independencia.

Nenhum, porém, mais grandioso nem mais patriotico do que o que propõe extinguir no sólo patrio, antes de 1922, o maior mal que nos afflige e humilha — o analphabetismo.

Ennes de Souza, o grande apostolo dessa cruzada, disse, não ha muito: «Espero não morrer, sem vêr extinto o analphabetismo em minha Patria».

Assim pensando, elle que collaborara na abolição do captiveiro e que trabalhara pela formação da Republica, atirou-se á peleja e unido a um grupo de patriotas illustres, fundou, a 7 de Setembro de 1915, n'esta Capital, a Liga Brasileira contra o analphabetismo, benemerita instituição que, ainda guiada pelo seu espirito, prosegue na luta, sem treguas e sem desfallecimentos, em prol da grande causa.

Ennes de Souza, porém, tombou ao tumulo, sem vêr realizada a sua grande e nobre ambição: o analphabetismo ahi

continúa escarnecendo de nós e desafiando a nossa coragem.

O problema não é, entretanto, de solução impossível. Se é difficil um combate efficaz em todo o Brasil, pela grande extensão de seu territorio e por outras circumstancias não menos imperiosas, difficil não seria extinguir-se o mal nas cidades e nas capitaes, onde a população é mais densa e, na sua maior parte, culta.

Já temos um exemplo bastante consolador em Villa-Nova de Lima, abençoado torrão mineiro, onde não existe um só analphabeto.

Não poderemos nós, então, aqui na Capital Federal, onde, para honra nossa, a porcentagem de illetrados é relativamente pequena, extinguil-os dentro de dous annos?

Seria sufficiente, não digo abrir em cada canto uma nova escola, mas tão sómente em cada escola já existente — um novo curso, á noite, aberto não só aos adultos, como também ás crianças que não possam, por qualquer motivo, frequentar as aulas diurnas. Elevar de muito o reduzido numero de escolas nocturnas que possuímos, aproveitando para regel-as os adjuntos e adjuntas que constantemente pedêm com empenho de ~~numeração para estas escolas~~, sem prejuiz de seus trabalhos nas diurnas, seria providencia efficaz e pouco dispendiosa.

Conhecendo bem os nossos professores, poderei dizer delles o que, ha perto de 30 annos, o professor Manoel Fração disse dos professores de Turim e Milão, no relatório que enviou de sua missão á Italia:

«Uma cousa que me tem impressionado em toda a parte da Italia, por mim percorrida, e naturalmente em Milão e Turim, que é onde eu tenho feito mais attenta observação, é a magnanimidade destes professores, que se esquecem de si, de seus commodos, de seu descanso,

para se dedicarem, com todas as forças, ao santo apostolado do Ensino.

De dia, de noite, aos domingos, as escolas estão sempre cheias. Quem não póde aprender de dia, aprende á noite, quem não póde aprender á semana, aprende ao domingo.

E os professores estão sempre promptos, por nada, ou quasi nada».

Não poderemos dizer, com justiça, o mesmo dos nossos professores brasileiros?

Aproveitemos, pois, a sua bôa vontade e a sua dedicação inexcedivel e façamos que todas as nossas escolas estejam sempre abertas, pela manhã, á tarde, á noite, nos dias da semana e aos domingos, tornando-se conhecida como «casa da mocidade, sempre hospitaleira aos seus antigos discipulos, o lugar onde se encontrem, em toda a idade, para estudar, para lêr, para se instruir, para trocar idéas, mestres e discipulos».

Façamos, enfim, intensa propaganda da escola, constituindo commissões locais que disso se incumbam de bôa vontade e da organização de novas Caixas Escolares e Ligas de Bondade, utilissimas instituições que precisam ser conhecidas e disseminadas por toda a parte.

A. C. Alvim.

Aos meninos

Este discurso foi pronunciado por Edmundo de Amicis, conselheiro communal de Turim, no Theatro Victor Emmanuel, por occasião da solemne distribuição de premios aos alumnos das escolas municipais, em 1892.

O egregio assessor da instrução, que todos os annos vos fala, convida-me a dirigir-vos algumas palavras, em seu lugar.

Que vos posso eu dizer senão aquillo que elle vos diz cada anno, que todos, em casa e na escola, vos dizem, e que, ha seculos, se repete aos meninos de todos os paizes?

Dizem-vos: — Estudae, — dizem-vos: — Sêde bons.

Esse é o estribilho perpétuo que vos sôa aos ouvidos, desde que tendes o uso da razão.

Mas é porque outras palavras não ha que digam melhor e mais brevemente tudo aquillo que deveis fazer para vosso bem, tudo aquillo que o mundo deseja de vós para o bem de todos.

Dizem-vos: — estudae — por que? Porque a vossa idade é a idade feliz e fecunda em que o espirito reveste a sua primeira fórma e na qual tudo que entra na intelligencia mais facilmente se insinúa e se grava nella para a vida inteira. Dizem-vos: — estudae — porque podeis adquirir ou augmentar, nesses annos a presteza da percepção, o poder da memoria, a arte de exprimir o vosso pensamento, com um esforço de vontade incomparavelmente mais facil do que aquelle que, para lograr um resultado mais escasso, deveis despende nos annos porvindouros. Estudae — dizem-vos, porque todos os conhecimentos que ora se fixam em vosso cerebro formam como que o ordume sobre o qual deveis tecer mais tarde a tela dos estudos superiores, e, se é fraco ou escasso o ordume, não póde ficar compacta nem resistente a tela; porque o alegre amor da escola na infancia produz o ardor pelo estudo na mocidade, o qual se torna culto pela sciencia na idade madura; porque são estes os annos irrevogaveis em que determinaes por vós mesmos o vosso futuro, visto como a estrada do mundo não é mais que o trilho da escola alargado, e o homem quasi sempre prosegue no mesmo passo com que iniciou a jornada. Dizem-vos — estudae — emfim, porque são os primeiros ensinamentos, dos quaes não avaliaes agora toda a importancia, nem sentis toda a efficacia, são as impressões das primeiras leituras, as primeiras tendencias boas do pensamento, as primeiras victorias da vontade, que preparam nos meninos os operarios exemplares, os empregados uteis, os paes educadores, os pensadores sabios, os cidadãos benemeritos; como as pequenas sementes esparsas e quasi perdidas na terra, que escapam a nossa vista, dão, com o tempo, a colheita doirada que é o esplendor dos campos e a riqueza da nação.

Por isso nós sempre vos dizemos: — Estudae, — E tambem vos dizemos: — sêde bons — porque a cultura intellectual desacompanhada da bondade não é mais do que um bello manto lançado sobre o egoismo e o orgulho; é apenas uma cousa vaia e morta, como as scintillantes armaduras dos museos, a que faltam a alma e o corpo do cavalleiro.

Um grande escriptor de nossos tempos, cujo nome encheu o mundo, resumindo sua

longa vida de oitenta e quatro annos, apoz haver relebrado os reis e os imperadores, os grandes homens de sciencia e de estado, os generaes, os artistas, os operarios, toda a gente de todas as categorias e de todos os sangues, que lhe havia visitado a casa, concluiu com estas palavras, que foram como o testamento da sua sabedoria: — Depois de ter visto passar deante de mim toda essa gente, reconheci que debaixo do céu ha uma unica cousa ante a qual nos devemos inclinár, o genio, e uma cousa sómente deante da qual nos devamos ajoelhar: a bondade. — Elle proferio esta sentença pouco antes de morrer, num desses momentos em que o homem sente e diz a verdade; homem do genio, elle collocou acima do genio a bondade. Porque a bondade é entre as virtudes do coração e do espirito aquillo que é, entre os planetas, o sol, que os aquece e illumina a todos; porque ella é fôrça, gentileza, piedade, consólo, perdão; porque é a mãe da justiça, da abnegação e da coragem, pois não ha verdadeira coragem que não dimane de nobreza d'alma e só é verdadeiramente nobre quem é bom.

Por isso nós vos repetimos sempre: — Sêde bons, — mesmo sabendo que nem os melhores dentre vós se acham em condições de comprehender toda a grandeza do bem que póde espalhar em tôrno de si a bondade das creanças.

Mas pensae. A vossa bondade quer dizer o mestre a ensinar com melhor animo, vosso pae a trabalhar mais contente, vossa mãe a cumprir, sorrindo, os seus deveres; quer dizer as privações e as desgraças supportadas pela familia com mais serenidade e com mais constancia; quer dizer o despedaçamento do ultimo adeus daquelles que vos amam abrandado pelo mais doce dos sorrisos humanos, pelo pensamento de vossos filhos, quando ficarem sós na vida, se não forem felizes, ao menos serão amados, porque serão bons. Vossa bondade é a dignidade e a graça da escola, a concórdia e o sorriso da casa, a benção da vida e da morte daquelles que trabalham e que soffrem por vós.

Eis porque mil vezes vos repetimos: — Estudae, sêde bons. — E tambem vol-o repetimos porque, cada vez que evocamos o bello tempo em que eramos meninos como vós, e nos recordamos de haver dissipado annos preciosos, de ter sido ingratos com um bom mestre ou prepotentes e cruéis com um companheiro infeliz, de haver, com a nossa dissipação ou com a nossa dureza, feito chorar ou envergonhar-se nossa mãe, ainda hoje, passado tanto tempo, em meio de tantos outros pensamentos e amarguras, essa recordação é como um punhal que nos ferisse nas fibras mais delicadas do cora-

ção; e nós queremos que o coração de nossos filhos nunca tenha de sangrar de feridas semelhantes. Por isso vos recomendamos o trabalho e a bondade, não sómente por serem esses os primeiros deveres humanos, a bem de vossas famílias e de vossos semelhantes e porque a bondade e o trabalho são instrumentos de fortuna; mas ainda para que tenhaes a vida isenta de arrependimentos e de remorsos, para que um dia sejaes mais felizes, mais contentes com a vossa consciencia e, por isso, mais alegremente operosos, mais serenamente preparados para as provações da desventura, mais merecidamente amados, do que nós somos. Sim, queremos que vos desenvolvaees melhores, mais cultos, mais rectos, mais magnanimos do que nós, e por isso vossa educação é o mais santo de nossos cuidados e vosso futuro a mais sagrada de nossas esperanças.

Deixae-nos, pois, repetir indefinidamente estes conselhos, que repercutem em nosso coração como um echo da infancia longinqua e nos fazem bem a nós mesmos, quando vol-os offerecemos.

Estudae de bom grado, venerae vossos paes, amae os mestres, respeitae a escola, honrae o trabalho; suffocae bem no fundo de vossas almasinhas, mal nellas desponte, a soberba insensata e ignobil, que se basêa nos privilegios da fortuna; nã invejeis senão as grandes almas, não vos ligueis senão ás almas bellas; despresae, abominae o ocio, o egoismo, a corrupção e a injustiça, qualquer que seja a altura em que se encontrem e seja qual fôr a máscara com que se acobertem; desde este momento, começae a ser os protectores dos fracos e os amigos dos desventurados; e amae-vos como irmãos, porque irmãos sois tres vezes, na pequena familia da escola, na grande familia da patria e na immensa familia da humanidade, que devemos abraçar, toda inteira, no generoso amplexo da esperança e do amor.

E agóra voltae ao trabalho. Os que obtiveram o premio voltem com o sentimento de modestia, que é a melhor prova de o terem merecido; os que, havendo embora estudado, não n'ô obtiveram, vão confortados com o pensamento de que a mais alta recompensa do merito está na tranquilla satisfação da consciencia, não no torvo contentamento da ambição; e aquelles que não fizeram quanto deviam saiam daqui com o proposito alegre e firme de recuperar o tempo perdido, animados por esta certeza: que mesmo nas intelligencias que parecem menos favorecidas pela natureza, ha sempre uma faculdade singular, como uma faisca occulta, que, cedo ou tarde, sob o sópro da vontade, se eleva e flammeja, e então

as outras faculdades — mesmo as mais inertes — se aviventam e todo o espirito se dilata e esclarece.

Tornae, pois, ás vossas casas com o sorriso no rosto e na alma, e, confortando-vos com a rememoração deste dia solemne, que é para vós uma glória e uma festa para todos, guardae, no cumprimento de todos os deveres e em qualquer conjuntura da vida, a tranquillidade, a delicadeza e a energia; sêde, como verdadeiros meninos italianos, gentis como o vosso idioma, fortes como os vossos Alpes, serenos como o vosso céu.

Já no horizonte se ergue a aurora do seculo vinte. E' o vosso seculo, meninos! Ide ao encontro d'elle como um exército festivo e intrepido. Nós, que com o coração commovido vos fazemos os auguriós da partida, só desejamos viver longamente para vos confortar as primeiras dôres, bendizer-vos as primeiras victórias e saudar triumphante, por obra vossa, a bandeira da civilização, que vos entregaremos glorificada pelo genio e santificada pelo sangue dos nossos paes.

Estudae, meninos, e sêde bons!

Memoravel periodo historico da Instrucção Nacional

II

No bojo de uma das naus que transportaram para as frondosas plagas brasileiras a familia real portugueza, vieram os primeiros prélos e typos, bem como os primeiros volumes impressos e manuscriptos com que se ergueram os dois grandes centros de irradiação da instrucção nacional: a officina typographica, a que se deu o nome de *Impressão Regia* e que hoje se denomina *Imprensa Nacional*, e a *Bibliotheca Real*, que em 1814 se tornou publica, contendo então mais de 60.000 volumes (1) e que foi o nucleo da nossa opulentissima *Bibliotheca Nacional*, a primeira da America do Sul e uma das mais importantes do mundo.

Dos prélos da *Impressão Regia*, creada por decreto de 13 de Maio de 1808, já haviam sahido, até a volta de D. João VI para Portugal em 24 de Abril de 1821, em 13 annos, mais de mil publicações de varios generos, como pôde verificar quem quizer dar-se ao trabalho de consultar a obra do saudoso bibliophilo Valle Cabral intitulada *Annaes da Imprensa Nacional*.

Entre essas publicações figuram obras que abrilhantarão eternamente o nosso escritorio literario, taes como: a *Marilia de Dirceo*, titulo das formosas lyras de Thomaz Antonio

(1) Apud *Memorias para servir á Historia do Reino do Brasil*, escriptas no Rio de Janeiro no anno de 1821 pelo Padre Luiz Gonçalves dos Santos.

Gonzaga; o *Urugudy*, pequena, mas encantadora epopéa da Basilio da Gama, e o poema *Assumpção da Santissima Virgem*, do grande orador sacro Fr. Francisco de S. Carlos.

Entre as mesmas publicações avultam obras didactivas, originaes ou traduzidas, de autores de elevado conceito e que em geral ainda hoje muito se reccommendam aos estudiosos, taes como: a Algebra de Euler, a Geometria de Legendre, a Arithmetica, a Algebra, os Complementos da Algebra, a Applicaçào da Algebra á Geometria e o Calculo Differential e Integral de Lacroix, a Physica de Haüy, a Riqueza das Nações de Adam Smith, os Elementos de Geometria Descriptiva com applicações ás artes, extrahidos das obras de Monge, as Indagações physiologicas sobre a vida e a morte, de Bichat, a Mecanica de Francœur, a Optica de Lacaille, o Dialogo sobre a historia do direito civil e canonico, a Variação dos Triangulos Esphericos e os Elementos de Astronomia e de Geodesia de Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, as Primeiras linhas sobre o processo orphanologico (de classica reputação) de José Pereira de Carvalho, a Arte de Grammatica portugueza do Padre Ignacio Felizardo Fortes (que teve 14 edições de 1816 a 1862), a intitulada Arte de Lobato (grammatica portugueza muitas vezes reimpressa), a Philosophia Chimica de Fourcroy, o Vade-Mecum do Cirurgiào de Antonio José de Souza Pinto, a monumental Chorographia Brasileira de Ayres de Casal, o Novo Epitome da Grammatica latina moderna do frei Diogo de Mello e Menezes, a Historia do Brasil de Beauchamp, os Estados do bem-commum e economia politica ou sciencia das leis naturaes e civis de animar e dirigir a geral industria, e pro-

mover a riqueza nacional e prosperidade do Estado, de José da Silva Lisboa (depois Visconde de Cayrú), as celebres Memorias historicas de Monsenhor Pizarro, etc., etc.

Quasi todas essas obras contêm a declaração de terem sido impressas ou traduzidas «Por Ordem de S. A. R.» o que inegavelmente constitue benemerencia de elevado valor e de grande alcance para a cultura publica.

Da *Impressão Regia* já haviam tambem sahido os primeiros jornaes a darem tom de civilisação á vetusta colonia que assim tendia a emancipar-se:

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi a primeira publicação periodica do Brasil iniciada a 10 de Setembro de 1808 e limitada aos actos officiaes e á transcripção de noticias estrangeiras, especialmente as que se referiam á França, então sob o dominio de Napoleão. A 31 de Dezembro de 1822, foi substituida pelo *Diario do Governo*, impresso na mesma typographia.

O *Patriota* foi a primeira publicação litteraria do Rio de Janeiro, e, apesar da sua vida ephemera, (1813-14), é repositório importante de informações sobre a nossa historia e geographia. (2)

Quasi se pôde affirmar que em materia de ensino ou de instrucção publica, tudo quanto se fez no Brasil durante todo o século dezanove, e quicá até hoje, não foi, nem mais nem menos, do que simples evoluçào das instituições creadas por D. João, de 1808 a 1821.

Senão... vejamos.

F. Cabrita

(Continúa).

(2) *Catalogo da Exposição permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional*, pag. 393 e 396, apud *Annaes da referida bibliotheca*, vol. XI, 1885.

LEITURA PRIMARIA

O Professor Arthur Joviano, director da Escola Normal Modelo de Minas Geraes, apresenta a nossos leitores excellentes conselhos sobre o methodo a seguir no ensino da leitura.

Autor de um excellento livro — «Primeira Leitura» — largamente adoptado em nossas escolas, dispondo de um longo tirocinio no magisterio e contando entre os bons serviços que lhe deve a instrucção publica de seu Estado o da campanha vencedora pela adopção do methodo analytico da sentença no ensino da leitura, o Professor Arthur Joviano tem reputação firmada nos meios pedagogicos.

Seu artigo será lido com prazer e com interesse.

—:0:—

Tem sido muito lenta em nosso paiz a evoluçào dos methodos de ensino da leitura primaria, cuja rotina proseguiu do século passado ao actual, sem soffrer as modificações que se têm operado nas

demais disciplinas do curso primario. O que temos hoje pouco mais é do que tinhamos ha cincoenta annos, predominando ainda na maioria das escolas os methodos phoneticos, mechanicos, sem naturalidade, de invenção ás vezes extravagante e applicação ridicula, em que se foi convertendo a antiquada e irracional *soletração*.

Precisamos evoluir nesta disciplina, substituindo os processos artificiaes pelos que a psychologia infantil está indicando como mais uteis e consentaneos

ao desenvolvimento intellectual da criança. E o methodo moderno que se impõe, é o da leitura pela *palavra*, oral e escripta conjunctamente, cujas bases fundamentaes são principios scientificos, proclamados pelos mais eminentes cultores da pedagogia moderna, como o leitor verá na exposição que vamos tentar aqui fazer.

Nenhum professor ignora que o cerebro humano contém areas diversas, distribuidas pela sua parte cortical, cada uma das quaes é um centro de determinada elaboração mental. Assim temos — a area da *visão*, na parte occipital, a da *audição*, na parte temporal, as dos *movimentos*, circumdando o sulco de Rolando. Destas ultimas faz parte a da *palavra*, na região frontal inferior, do lado esquerdo, a mais interessante para o nosso caso, e a que tem a particularidade de ser unilateral, quando, em regra, cada uma das outras areas figura nos dois hemispherios. E' a este ponto do cerebro, denominado centro de Broca, que vão ter as palavras pensadas, lidas ou ouvidas, quando destinadas á linguagem oral.

Recebidas pelos orgãos sensoriaes, as impressões externas são levadas ao interior do cerebro, por meio das fibras nervosas, percorrendo as areas respectivas e as correspondentes, donde passam para os centros motoers sempre que tenham de operar movimentos das pernas, dos braços, faces, olhos, bocca, etc.

Supponhamos que uma professora de analphabetos pronuncia, em voz bem distincta, a palavra *ninho*, para ser ouvida por toda a classe. As vibrações dos sons emittidos impressionarão o ouvido de cada um dos alumnos e serão dahi transmittidas ao centro de audiçãõ, onde se produzirá a imagem auditiva de *ninho*. E, como esta palavra é já familiar ás crianças, a idéa que ella exprime não lhes exigirá trabalho mental, senão o da imaginação.

Supponhamos tambem que a professora escreve no quadro negro, em fórma bem distincta, a mesma palavra *ninho*, para a qual chama a atenção de toda a classe. A figura desenhada, recebida no globo ocular, será conduzida ao centro da visão, onde se imprimirá a imagem do vocabulo *ninho*, sem haver tambem aqui outro trabalho mental, além da imaginação, porque a idéa expressa por essa palavra já faz parte da linguagem da criança.

Vamos supôr agora que a professora escreve *ninho* no quadro negro e lembra, ao mesmo tempo, essa palavra aos alumnos, pronunciando-a distinctamente uma e mais vezes. A imagem do som e a da fórma de *ninho* vão se reproduzir, uma após outra ou conjunctamente, nas areas respectivas, associando-se e confirmando a mesma idéa, fixada assim com mais intensidade e precisão.

Entretanto, no ensino da leitura primaria, essas impressões de imagens não vão ficar retidas no cerebro, pois que têm de ser reproduzidas oralmente pela criança. E' o momento em que entra em funcção a area *motora da palavra*, destinada a pôr em movimento os musculos da voz articulada, que são, principalmente, os da larynge, da lingua e labios, na emissão das palavras. Então o alumno pronunciará *ninho*, imitando o que ouviu da professora.

Si a professora repetir a mesma experiencia, pronunciando e escrevendo, no quadro negro, outros vocabulos familiares aos alumnos, como sejam *barro*, *João* etc., obterá, em pouco tempo, a leitura dos mesmos, pela curiosidade e pelo interesse que lhes desperta a figura escripta dessas palavras, que até então conheciam unicamente pelo som.

Mas occorre logo a objecção de que, dada a lér uma série de palavras, ao chegar á ultima, a criança terá esquecido as primeiras. E' natural, desde que

pelas fibras nervosas do cerebro não tenham passado e repassado as impressões recebidas, de modo a tornal-as automaticas, habituaes, no trabalho cerebral.

Vem então a necessidade de que as palavras, uma vez lidas, voltem aos ouvidos e aos olhos da criança, repetindo-se as sensações anteriores, até que se faça minimo o esforço de verificallas na sua fórmula escripta, isto é, que se reconheçam e pronunciem por acto quasi inconsciente, reflexo. É o habito, que se formará pela passagem, nos conductos nervosos, da corrente que as imagens das palavras ahí produziram sob as mesmas sensações, repetidas.

Emquanto as palavras dadas a lêr forem cousas conhecidas e interessantes para a criança, a primeira impressão, que é a mais importante, se fará sempre favoravel ao habito, e a sua repetição não se tornará monotona desde logo; mas, com as palavras de significação abstracta, as cousas se passarão differentemente, porque a falta de attenção espontanea prejudicará a intensidade da impressão. Para serem tão attrahentes como os substantivos de significação concreta, deverão os verbos, os adjectivos, as conjuncções, adverbios, etc. ser introduzidos em phrases e em sentenças, onde appareçam ao ouvido e aos olhos da criança como peças de um todo, como partes componentes das expressões que ella já conheça e empregue na sua linguagem usual.

Com os vocabulos já aprendidos e mais attrahentes para os alumnos, construamos, então, pequenas sentenças de assumpto interessante, e introduzamos nellas, methodicamente, as palavras abstractas, variando a fórmula e o pensamento, para que elles as leiam imitando a professora. As crianças verão assim, em fórmula escripta, aquella mesma linguagem que ellas já ouvem e falam

em casa, na rua e na escola, a qual não é feita de vocabulos avulsos mas de sentenças, a unidade do pensamento. Essa novidade tão interessante, que satisfaz aos esforços da criança para a aquisição mais cara para ellas, que é a sua linguagem, ha de attrahir a attenção espontanea dos alumnos e esta se derivará, naturalmente, das palavras já familiares na leitura para as novas que se associarem aos substantivos concretos, na composição das sentenças.

Assim associadas, resta agora que repetamos, cada uma dessas palavras abstractas, em novas composições, sempre interessantes e variadas, para que sejam ouvidas, vistas e pronunciadas tantas vezes quantas se façam necessarias, até se tornar automatica a leitura, á medida que a attenção fôr gradativamente diminuindo na percepção da sua fórmula escripta. Teremos mais uma vez praticadas as duas grandes leis da formação do habito — o *exercício*, pela repetição frequente e methodica das palavras a lêr, e o seu *effeito*, na satisfação do interesse com os novos elementos adquiridos pelo aprendiz de leitura. Tornar-se-á, por assim dizer, inconsciente o acto consciente da verificação da fórmula das palavras no corpo da sentença.

Qualquer que seja o numero das palavras aprendidas, o pequeno escolar as reconhecerá agora, rapidamente, á simples vista, e tão habituado está com a fórmula das mesmas, que é capaz de as reproduzir desenhando-lhes a figura, mais ou menos grosseiramente, como faz com muitas outras cousas do seu conhecimento. Quem não terá já observado a fascinação que sobre as crianças, ainda em tenra idade, exerce um lapis ou um pedaço de giz, para riscarem o que encontram á mão, ou para desenharem, quando não seja para garatujarem a cópia do seu proprio nome? É o instincto

de expressão que se manifesta irresistivelmente nesse periodo da idade infantil, instincto que devia ser educado e cultivado, associando-se, desde logo, a outras aprendizagens, como o da leitura, em vez de sopitado por muitos paes e mestres, que o condemnam como vicio intoleravel.

Ponha-se na mão do pequeno leitor um lapis e dê-se-lhe um retalho de papel ou uma lousa, para elle ahi copiar uma palavra, sua conhecida e predilecta, que a professora terá pronunciado e traçado no quadro negro em bôa calligraphia, simples e bem legivel. Vêr-se-á a soffreguidão com que a criança se empenha no trabalho, desageitada a principio, com a mão e os dedos mal dispostos e em posição naturalmente defeituosa; mas a figura da palavra se esboçará logo na primeira tentativa, e na segunda e na terceira já será uma cópia mais ou menos graphica do modelo offerecido. O aperfeiçoamento virá depois, e mais breve si a professora tiver a paciencia e a habilidade de guiar a classe nas posições correctas e no traçar das linhas, fazendo-se imitar ao escrever cada vocabulo.

Os psychólogos estão de accôrdo em que as crianças, reproduzindo o estado mental do homem primitivo, sómente percebem as cousas que as rodeiam pela visão do conjuncto, em globo, sem cogitarem dos detalhes, porque o que lhes importa é a fôrma geral, tendo em mira o interesse que o objecto em blóco possa trazer. Com as *palavras escriptas* esse facto deve ser mais evidente e manifesto, porque a criança, antes de vê-las, já as tinha ouvido, habitualmente, e pronunciado sempre *por inteiro*, de fôrma que esse conjuncto de sons, significando em globo uma determinada cousa, é o que se imprimiu no seu ce-

rebro e foi reproduzido pela articulação verbal.

A palavra sómente é um corpo complexo para o grammatico ou para o philologo, os quaes a fraccionam em sons, representados pelas letras e grupos de letras, que são cousas convencionaes; para a criança a palavra escripta é á figura desenhada do objecto, pessoa ou cousa, cujo todo é o que a interessa na sua linguagem. Ella vê, por exemplo, na palavra *bola* uma cousa redonda que póde rolar, e em *João* uma pessoa do seu conhecimento, tendo essas palavras, quando escriptas, as mesmas imagens dos grupos de sons que tem ouvido e articulado, e nada mais.

Será racional começar o ensino da leitura apresentando á criança *fracções* da palavra, sem fôrma de cousa alguma que tenha significação e interesse para ella? Para dar a idéa do elephante, que a criança nunca viu, não lhe apresentamos, de cada vez, um dente, a pata, as orelhas, a pelle, para que ella construa o animal e o fique conhecendo. Damos-lhe logo uma estampa ou lhe mostraremos o proprio elephante, cuja figura será sempre para a criança a do animal que lhe mostraram, em qualquer logar que a encontre novamente. Os dentes, as patas, a pelle, etc., serão objecto de exame e conhecimento posteriores.

E', pois, baseando-se em factos de experiencia scientifica que o methodo natural do ensino da leitura primaria deve partir da *palavra* na sentença, dando-se conjunctamente a pratica da *escripta*, como aprendizagem complementar.

A importancia da escripta para o ensino da leitura se evidencia desde logo a quem attender no que se passa no cerebro da criança quando se esforça para graphar a palavra, que vê escripta ou quer reproduzir de imaginação. Observando ou evocando a figura que vae

escrever, a imagem da palavra vem ter á area motora especial da escripta, que a transmite e que a transmite ao braço e á mão do pequeno escrevente, dando-lhe os movimentos necessarios. Este os executa, á medida que acompanha com o lapis, imitando os traços da palavra, que tem diante dos olhos ou lembra no momento. Resulta deste esforço que a observação da fôrma escripta é muito mais acurada, não escapando o menor detalhe das suas linhas, enquanto a acção muscular, produzindo os movimentos de pressão do lapis sobre o papel, reverterá em uma sensação de tacto, que levará novamente ao cerebro a imagem da palavra escripta, com a fôrma que fôr traçada.

Pelo exercicio de escrever entrará esse novo elemento, o *tacto*, em collaboraçãõ com o ouvido, com os olhos e com a bocca, para o ensino da leitura primaria, tão poderoso que é capaz de substituir aos tres outros nesse mister. São, pois, quatro vias que, associando-se, reforçando-se ou substituindo-se, vão levar ao cerebro a forma da palavra escripta.

Desde a idade de dois annos começa a desenvolver-se na criança o desejo de adquirir as palavras com que tem de construir a sua linguagem, desejo ou antes ambição que se vae tornando dia a dia mais intensa, á medida que augmenta a sua aquisição. Chega mesmo a se converter em paixão cega essa procura de palavras em que o pequeno se empenha, até ao ponto de tornar-se elle inconveniente no seu trato social, porque de tudo que vê quer saber o nome, e quer nomes para todas as cousas.

Quando attinge o periodo escolar, a mania das palavras não se atenuou; vae sómente tomar um carácter novo, imposto pelo meio differente que rodeia a criança durante algumas horas do dia.

O vocabulario agora não é mais o de nomes que trouxe do lar e dos brinquedos; a sua collecção vae-se enriquecer com os das cousas da escola, com as palavras da professora e até com os que ouve das lições que não comprehende. Mas tudo vae a criança armazenando, muitas vezes sem o criterio da significação, tendo mais em vista o som exquisito ou a fôrma attrahente das novas palavras.

Claparède, na sua *Psychologie de L'Enfant*, cita o facto curioso de uma sua filhinha, de dois annos e meio, ter aprendido a lêr mais de cem palavras, ignorando completamente o alphabeto.

E', pois, a criança um colleccionador de palavras, que se utiliza das que lhe não são precisas, e reserva as restantes pelo prazer de adquiril-as. O mesmo faz o pequeno escolar guardando com especial cuidado objectos varios que encontra á mão — pontas de lapis, seixos, pequenas gravuras, pedaços de vidro colorido, giz, cordeis, botões, etc., cuja posse é por elle muitas vezes disputada, sendo motivo de discordia entre companheiros. Mais tarde as collecções se especialisarão em caixas de phosphoros, insectos, chromos, postaes, sellos, etc., quando já desponta o interesse da utilidade. A primeira phase é commum tambem nos adultos, em estado infantil, quando idiotas e cretinos.

A psychologia infantil explica essa tendencia attrahente das crianças para as collecções como sendo reproducção da actividade da caça, que era uma das principaes occupações do homem primitivo, observada ainda hoje no selvagem. Assim tambem são os jogos infantis interpretados pelos scientists como uma manifestação dessa mesma actividade, constituindo um instincto hereditario, pelo qual a criança se prepara physicamente para as differentes funcções da vida de adulto, principalmente a do trabalho.

Collectacionar e brincar são, pois, exigencias naturaes, instinctivas, a que a criança não pôde fugir nem nós podemos furta-la. Cumpre, ao contrario, que as estimulemos por todos os meios, aproveitando as suas manifestações e associando-as aos nossos processos de educação, pois que a formula ideal na pedagogia moderna, para a escola primaria é — *trabalhar brincando e brincar trabalhando*, attendendo a que qualquer dessas duas actividades não poderá ser praticada independente da outra, sem perigo para a criança.

É no primeiro anno da idade escolar, quando mais intensas se manifestam as tendencias para o brinquedo e para a collecção, que teremos de applical-as na instrucção da criança. A leitura e a escripta são disciplinas que se prestam vantajosamente para essa pratica. Vamos vêr como o obteremos.

O nosso pequeno leitor, que até aqui esteve armazenando as palavras que elle ouviu, pronunciou, leu e escreveu, conhece-as cabalmente, distingue-as isoladas e como partes da sentença; assimilou-as, enfim, pela forma e pelo som. Assim habituado a vê-las em globo, como um todo inteiriço, pôde agora ser levado a observar-as nas suas particularidades.

Os que fazem, por curiosidade, todas as crianças com os seus brinquedos, quando já familiarizadas com elles — desmontam as locomotivas, furam os tambores, desvisceram as bonecas, esquartejam os polichinellos, pelo interesse de saberem o que lá dentro se contém.

Demos então palavras aos alumnos, para que elles as desarticulem, e despertemos-lhes o interesse annunciando, préviamente, que desse trabalho resultarão palavras novas, as quaes elles proprios vão construir e ler immediatamente. As primeiras escolhidas deverão ser as com que as crianças estejam mais familiarizadas. A professora começará

por pronunciar cada uma dessas palavras, separando, distinctamente, as respectivas syllabas para que toda a classe a imite, alumno por alumno. O mesmo fará com outros vocabulos conhecidos, educando-lhes, nesse exercicio, o ouvido e a articulacão verbal.

Assim exercitada, passará a classe a observar o mesmo trabalho em forma escripta, no quadro negro. Escreva-se por inteiro um dos vocabulos aprendidos, repetindo a sua pronuncia em syllabas, as quaes se escreverão, tambem, separadamente, para os alumnos lerem imitando a professora. Escreva-se um segundo, um terceiro, repetindo o mesmo exercicio, de modo que a classe distinga e leia qualquer das syllabas que a professora apontar, pondo em competição os alumnos, no lerem e no descobrirem a qual das palavras divididas pertence cada uma.

Seguirá a annunciada composição de palavras desconhecidas. Aqui é que o pequeno colleccionador, a brincar, exercitará a sua paixão pelas *palavras novas*, pondo em contribuição as suas tres aptidões naturaes, na realizacão de um duplo ideal — o seu interesse infantil e o objectivo da professora, que é a educação intellectual, pela leitura.

Vamos suppôr que as tres primeiras palavras sejam — *bola, java, e porta*. A sua decomposiçãõ em syllabas, esparsas no quadro negro, offerecerá um campo de jogo variadissimo para os alumnos se competirem na descoberta e na habilidade de as combinarem para a construcção de outros vocabulos novos, taes como — *bota, lava, jala, vapor, taia, lata, lobo, jalava, botava, bolava, lavava* e os monosyllabos vá, lá, pôr, etc. Estes vocabulos, producto da aptidão e do proprio esforço e trabalho de cada alumno, constituirão para a classe um patrimonio valioso e prezadissimo, que elles irão dia a dia enriquecendo com as novas aquisições e fixando em base

solida a interpretação de toda a linguagem escripta.

E' obvio que sómente um determinado grupo de vocabulos, dos mais usuaes, criteriosamente escolhidos pelo som e fórma variados e differentes, deverá constituir o fundo de *palavras normaes*, donde se extrahirão os elementos, como si materia prima, para a composição de todo o vocabulario. Assim tambem está claro que as palavras adquiridas, multiplicadas como são, não ficarão aprendidas cabalmente, si não forem lidas em exercicios frequentes e methodicamente reproduzidas por cópia e dictado, como se praticou com as originaes.

Resta agora que aparelhemos a classe para a leitura corrente e expressiva, dos annos escolares seguintes. Com os elementos que já possuem, os alumnos poderão suavemente interpretar as palavras desconhecidas em historietas de assumpto attrahente, as quaes lhes daremos a lêr em caracteres impressos, que irão progressivamente diminuindo até o commum, quando já possam enfrentar as grandes peças de leitura das classes adeantadas.

Da exposição que acabamos de fazer, seremos levados a concluir que o methodo analytico do ensino da *leitura* pela palavra, em conjuncto com o da *escripta*, pelos elementos da organização pedagogica que offerece e pelo seu modo de execução, é natural, racional e simples, e o mais efficaz e conveniente:

a) para analphabetos de todas as idades, pois que aos menores este ensino da leitura desperta e põe em contribuição o instincto infantil, creando na escola um ambiente, que é o proprio meio da criança; e aos adultos, como aos primeiros, faz ler e escrever, desde logo, palavras, phrases e sentenças, sem

a perda do tempo, que lhes é precioso, em aprenderem primeiramente a leitura, para terem a escripta sómente depois.

b) para as grandes classes das escolas publicas, nas quaes se agglomeram crianças de proveniencia e condições differentes, apresentando promiscuamente os tres typos mentaes, *auditivo*, *visuai*, e *motor*, que exigem um processo de ensino apropriado a cada um, cousa impraticavel na nossa actual organização escolar. Dahi o serem mal classificados nas classes e julgados menos intelligentes os alumnos cuja faculdade mental predominante não tenha sido utilizada ou convenientemente exercitada.

c) para as crianças *anormaes*, porque as deficiencias mentaes que apresentem, para a leitura, serão compensadas pela utilização dos orgãos sãos, os quaes este processô de ensino associa e desenvolve, attendendo assim á funcção dos que se prejudicarem.

d) como preparo primario do ensino da *Lingua Patria*, porque, pela pratica diaria de escreverem, por cópia e dictado, todos os vocabulos da leitura, os alumnos aprendem empiricamente a sua orthographia correcta, a qual usarão mais tarde nos seus exercicios de composição, sem a desvantagem commum de irem primeiramente escrever com erros, e os corrigirem depois nas classes de linguagem, o que representa a antecipação e a economia de um anno de trabalho escolar. E' a *orthographia natural*, que Binet admira e pensa ser adquirida sómente pelo habito de vêr, assignalando a experiencia feita por Bilot, na qual os alumnos que se tinham preparado ouvindo as lições theoricas do mestre, commetteram mais erros de orthographia do que os que aprenderam na pratica da leitura, exclusivamente.

— Teremos, finalmente, de affirmar que nenhum outro methodo de leitura primaria se presta, com mais vantagens,

a ministrar o ensino simultaneo, colectivo, porque o preparo das lições no quadro negro e a sua pratica no livro se effectuam com a collaboração activa, constante, de todos os alumnos, por mais numerosas que sejam as classes. A leitura é expressiva desde logo e uniforme para todos os alumnos, o que não se obtem com os methodos artificiaes, mnemonicos, baseados nos sons das letras, os quaes, além de serem de applicação individual, produzem não raramente leitores claudicantes e gagos, em vez de correntes e precisos como se faz mister na pratica da leitura.

Opiniões scientificas

Aqui inserimos em seguida a opinião que sobre o ensino da leitura primaria, pelo methodo moderno da *palavra*, oral e escripta, têm externado os scientists de maior auctoridade actual em materia de psychologia infantil applicada á pedagogia moderna:

WILLIAM JAMES, notavel philosopho americano, que tem revolucionado a sciencia com as suas novas idéas em psychologia, a proposito da educação da memoria, diz na sua grande obra *Principles of Psychology*: — «O methodo moderno de ensinar crianças a lêr por meio do quadro negro, transmitindo a expressão de cada palavra pelo canal quadruplo dos olhos, do ouvido, da voz e da mão, é um exemplo do methodo mechanico aperfeiçoado do melhoramento da memoria».

ALFRED BINET, director do laboratorio na Sorbonna, é o psychologo a quem se devem as experiencias de melhor resultado pratico sobre a mentalidade das crianças, e as suas affirmações constituem leis observadas, sem contestação, pela maioria dos pedagogistas e por todos quantos se occupam modernamente da educação infantil. No seu admiravel livro — *Les idées modernes sur les enfants*, o eminente pro-

fessor, tratando da cultura da memoria, conclue das suas observações sobre a vantagem do emprego de mais de uma sensação para favorecel-a, com as seguintes palavras: — «Por conseguinte, evitaremos estudal-o (um trecho poetico) unicamente com os olhos; pronuncial-o-emos collocando-nos em um meio silencioso, para que tenhamos a impressão unicamente da nossa propria voz e não estejamos tomados de medo ou falso pudor de o proferir. E até, para augmentar o numero de impressões, escreveremos de memoria o trecho ou o copiaremos. Desta maneira elle penetrará em nós por quatro vias ao mesmo tempo — a vista, o ouvido, a voz, a mão. E' com este conjuncto que se ensinam as crianças a lêr, e o methodo é excellent».

O professor CATTELL fez experiencias muito interessantes entre o tempo que se leva em distinguir uma palavra num trecho e uma letra na palavra, concluindo que, por ser nulla a differença — «nós no correr da leitura, não temos tempo de destacar as letras de que se compõem as palavras, mas sim sómente podemos distinguir cada palavra como um todo no trecho lido».

Esta experiencia do illustre professor americano confirma outra observação de Binet quanto á leitura *corrente*, na qual verificou que o leitor articula uma palavra emquanto se opera a percepção da seguinte, executando os dois actos simultaneamente, por habito e com o minimo de attenção. Seria isso impraticavel si tivessemos de discernir letras ou syllabas de cada vocabulo durante a leitura.

ED. CLAPARÉDE é o auctor da *Psychologie de l'Enfant et Pedagogie experimentale* e de outros muitos livros e publicações sobre educação, e professor dessas materias na Universidade de Genebra. A sua auctoridade no assumpto

é uma das mais respeitadas, pela competência que revela em todos os seus trabalhos dessa especialidade.

A proposito da percepção global que as crianças têm das cousas que observam, o eminente professor se refere, nos seguintes termos, ao ensino moderno da leitura: — «*Para a criança a palavra, ou mesmo a phrase, fórma um desenho, cuja physionomia geral a captiva muito mais do que o das letras isoladas, as quaes ella não distingue no conjunto; por isso ha sempre vantagem de ensinar a lêr ás crianças por palavras, em vez de começar por letras separadas. Com as crianças retardadas ou de mentalidade debil, este systema dá resultados surprehendentes e permittê que sintam prazer na leitura os alumnos mais rebeldes. Eu tive a occasião de verificar, por mim proprio, a facilidade com que uma criança anormal chega a escrever correctamente por dictado palavras inteiras como — nid, sapin, etc., das quaes ella não conhece uma só das letras, isoladamente*».

RUY BARBOSA, que traduziu, commentando e adaptando ao nosso ensino primario a obra prima *Lições de Coisas*, de Calkins, no seu capitulo sobre a leitura elementar, faz as seguintes referencias ao *methodo verbal*, (word method), condemnando os demais: — «*O meio natural de ensinar ás crianças uma lingua é começar pela unidade da linguagem, que são as palavras. A linguagem depende do pensamento, as palavras são symbolos de idéas. Nem as letras são elementos da forma das palavras, os sons simples, elementos do som harmonico das palavras; mas nenhum desses elementos constitue unidade da linguagem. O verdadeiro ponto de partida, no ensino da leitura, está em tomar a idéa com o seu signal como um todo*».

«*Muito mais efficacia encerra este methodo, no ensino da leitura, do que a*

pratica usual de fazer atravessar ao alumno um fatigante processo synthetico, que lhe é de todo o ponto incomprehensivel. Medrando de dia em dia no conhecimento das coisas e na aptidão de conhecê-las, a mente da criança não se satisfará por muito tempo com a figura geral das palavras, em que se expressam, na escripta, os nomes de objectos de sua predilecção, e entrará a sentir necessidade de discernir as letras. Esse espontaneo pendôr de investigar determina o momento em que deve ter principio o ensino dos sons elementares e suas combinações. Quanto ao valor das letras, esse toca a processos mais complicados, que dizem melhor a um estado de cultura mental, superior ao existente no passo inicial da leitura.

Espanta a rapidez com que aprendem a ler as crianças, si o ensino começa fazendo-as reconhecer a simples forma das palavras; e não é menos maravilhosa a facilidade e perfeição que, mais tarde, desenvolvem no soletrar».

A. JOVIANO.

Bello Horizonte, 22 de Outubro de 1920.

Pelas nossas escolas

A administração Frontin entendeu que o trabalho dos adjunctos seria bem mais proveitoso si se supprimissem o curso complementar de muitas escolas primarias e assim agiu, conservando-o apenas em um limitado numero dellas que passaram a ser conhecidas por «Escolas Complementares», nome muito improprio aliás, desde que ahi foram conservados os tres cursos: elementar, medio e complementar.

Impedidas, assim, as classes pequenas, de meia duzia de alumnos, tomando o tempo consumindo o melhor dos esforços da nata talvez de nosso professorado, grande numero de distinctas professoras passou a se entregar ás classes mais importantes de uma escola, áquellas para as quaes precisam de ser voltadas as vistas de todos aquelles

que entre nós cuidam de ensino: as classes elementares.

Somos dos que sempre se interessaram muito particularmente pelo ensino dos analphabetos e sempre fizemos côro com os que gritam: «E' caso de vida ou de morte para nossa nacionalidade cuidar do ensino do povo, combater o analphabetismo».

E' preciso que se diga, entretanto, que dar ensino ao povo é ensinar-lhe hoje, agora, immediatamente, a ler, escrever e contar.

Admittamos, pois, como principio incontestavel, que a escola necessaria, a escola util ao povo, a nosso meio, ás necessidades actuaes, a escola capaz de extinguir o estado de ignorancia e de atrazo que nos caracteriza, que nos opprime, envergonha e suffoca é a escola «elementar».

O povo não é essa minoria que quer ter esmerado preparo intellectual, muito util, sim, muito bom, muito bonito, mas que exige longos annos de trabalhos e de perseverantes esforços dos mestres, dos alumnos e tambem dos paes, para se estabelecer com bases solidas.

O povo, nosso povo, é essa grande massa inculta, miseravel, esquecida, incapaz de comprehender os esforços dos bons mestres e de auxiliar-os, mas cujo suor e cuja ignorancia abundantemente concorrem para amassar o bem estar, a opulencia quicá, dessa minoria que quer illustrar os filhos!

Que os nossos chefes, comprehendendo nossas necessidades em materia de ensino, continuem a encarar a Escola Complementar como um curso dispensavel actualmente para grande parte de nossa população escolar, e só procurada por quem dispõe de tempo e meio para adquirir instrucção mais apurada.

Ella deve existir, não resta duvida, mas em numero limitadissimo ao lado de innumeradas Escolas Fundamentais, a base do nosso Progreso e onde se ensinará tudo o que é necessario á vida pratica, tudo quanto é hoje indispensavel saber a quem quer uma occupação modesta; que se reserve em cada districto uma escola superior, a Complementar, para cuidar exclusivamente da instrucção scientifica e livresca que se distribuiu até agora em nossas escolas. Para bem do ensino e consolo de muitas almas attribuladas com essas suppressões de cursos complementares, convém dizer que a gloria de uma educadora não estará em dirigir proficientemente um curso superior, mas em revelar sua aptidão e competencia nas classes elementares.

Alegremo-nos com a deliberação de restituir a Escola primaria a seus legitimos donos, os analphabetos, embora essa obra esteja ainda incompleta, e procuremos auxiliar os superiores bem intencionados, cumprindo com

devotamento nossa missão sublime de atrahir as creancinhas ás nossas escolas, amparal-as, educal-as com carinho, dispersando as trevas de sua ignorancia, fazendo dellas creaturas boas e uteis!

Cerremos os olhos ás tentações da vaidade, perversa e egoista conselheira, e digamos a nossos chefes:

— Basta! já de muitas escolas fizestes presente aos filhos dos que têm pão!

Cumpramos com alegria e entusiasmo a nossa missão no humilde papel de mestras de *a b c* e as gerações vindouras em breve nos abençoarão.

E' mister que se conheça a verdade: temos bons, optimos programmas, não nos faltam conselhos e sabias lições de mestres, mas tudo isso fica no papel, na maioria dos casos. Uma cousa é aconselhar, outra bem diversa é executar, quando não estamos aparelhados para fazer o que nos mandam e não temos meio preparado para nos ouvir.

Objectar-nos-ão que já se têm apresentado brilhantes resultados de nossa organização escolar; a Escola Normal está abarrotada de moças preparadas em nossas escolas, ha maravilhosas exposições pedagogicas que revelam nosso adiantamento no ensino publico.

Sim! mas a «Estatistica» é uma velha rabujenta e importuna que nos descobre as mazellas, aponta-nos o verdadeiro logar que occupamos no conceito das nações civilizadas, humilhante logar de povo inculto, analphabeto!

E todos nós estamos contentes, envaidecidos mesmo com o que se passa e ainda atiramos pedras aos que, menos cegos de vaidade tola e má, procuram nos alumiar o caminho.

A maior culpa dessa desgraça nossa cabe ao professorado, que observa o que se passa nas escolas e não propõe aos chefes as reformas uteis ao bem commum; cabe a nós, professoras, que nos calamus não porque não sabemos falar, mas porque não gostamos de falar.

E' tempo já das professoras primarias, se decidirem a deixar o papel vexatorio e humilhante de automatados, de executores passivos de tudo quanto é bom e mau, sem um protesto, sem indicios de sua individualidade, de sua mentalidade.

Falemos alto para que nos escutem:

Ha por ahi uma immensidade de creancinhas sem pão, sem roupa, sem merenda, sem livros, que não vaé á escola senão uma por outra vez no mez; ha centenaes de creaturas que se veem repellidas para os antros immundos, as mansardas pauperrimas e cujos filhos fogem ao convívio dos «ricos», na escola; outros ha menos miseraveis, mais numerosos talvez, que não passam da classe elementar porque não dispõem de recursos

para serem assíduos, porque, em casa, não têm quem lhes ensine a lição; e a professora, com uma classe sobrecarregada de alumnos (às vezes quasi 100), não pôde fazer «milagres».

Aproveita quem tem muita intelligencia e quem tem em casa alguém que auxilie a mestra. Os outros, coitadinhos, ficam na cartilha annos e annos, e sahem analphabetos para o emprego ou officio pois é preciso não pesar mais tempo no desequilibrado orçamento paterno!

E para que nos serve então toda essa instrução livresca e espalhafatosa, essa apparencia de superioridade intellectual que nos tem cegado e tanto prejudicado?

Basta de fantasias! Ha por ahi muita miséria, causa de muita ignorancia.

Malva

O ensino da leitura

A conferencia realizada na redacção do RIO JORNAL pelo illustre mestre Dr. Arnaldo Barreto sobre o ensino de leitura pelo methodo de sentencição, leva-me a expôr minhas idéas e observações sobre o ensino da leitura em as escolas publicas do Districto Federal.

Ha, actualmente, quasi uma balburdia na maneira de se ensinar a lêr.

Todos os methodos estão em uso, sendo, entretanto, o mais generalizado o — Phonic.

Em quasi todas as escolas, mesmo nas classes maternas, são ensinadas primeiramente as letras e dahi é que se seguem os diversos methodos: Phonetico, phonico, e até o antigo A, B, C.

Sabidas as vogaes, fazemos a criança, diariamente e, com todo o sacrificio, reunir cada consoante (pronunciada claramente, ou apenas como ruido) ás vogaes.

Esse estudo é dado, collectivamente, em papelões já existentes ou em aulas organizadas pela professora da classe, no quadro negro.

E' este o methodo predominante.

Que interesse despertam no discipulo taes exercicios regulamentares?

Que applicação, que sentido tem isso para a criança?

Semelhante rotina é tão infructifera e desvantajosa que se torna indifferente tanto á mestra quanto ao alumno.

A principal tarefa do mestre está em acordar o desejo, despertar o impulso consciente da criança e, no ensino da leitura, isto lhe deve merecer especial cuidado.

Nas classes maternas, Montessori é seguido á risca.

Si bem que essa notavel educadora condemnasse o ensino do alphabeto pela insipidez, tédio e desinteresse que offerece ás creancinhas, é elle ensinado ainda que de um modo objectivo, visto como são as letras recortadas em papel, e, sabidas as vogaes, vão os alumnos formando syllabas com as varias consoantes, e até palavras.

Que diremos ainda do ensino da leitura nos diversos lares?

Quaes os methodos ahi adoptados?

Feitas estas observações, como havemos de provar e assignalar as vantagens desse methodo, si raras as crianças completamente analphabetas, ao iniciarem o estudo da leitura por sentença?

A experiencia tem demonstrado a exequibilidade de semelhante methodo, mas ante a variedade de systemas adoptados no Districto Federal, para o apprendizado da leitura, que se poderá affirmar?

O que ha, actualmente, na maioria das escolas é o methodo mixto que compromette o methodo de sentencição, de modo que, a meu vêr, nas classes maternas, o unico methodo compativel com o espirito vivo e activo da criança é o objectivo ou intuitivo.

Consiste este methodo em despertar o maximo interesse no alumno, já com a vista do objecto, já com o desenho do mesmo.

Devemos escolher objectos muito familiares ás crianças, proferindo-lhes o nome e entretendo agradável palestra sobre elles.

Em seguida, desenha-se, no quadro negro, o objecto, chamando-lhes a attenção para essa representação ou imagem.

Desde que se obtenha o maximo interesse da parte das crianças, imprime-se, no quadro negro, o nome por inteiro do objecto (caracteres de imprensa).

A criança tem a vantagem de aprender a distinguir, ao mesmo tempo, o objecto, a sua imagem e a palavra que o designa.

Assim por ex: «Uma bola, a imagem da bola; a palavra bola».

O methodo intuitivo, objectivo ou por palavração ensina a conhecer as palavras como symbolos dos objectos e dos seus nomes falados.

Exemplo:

Que ha sobre a mesa?

— Uma bola.

— Para que serve a bola?

Qual de vocês tem uma bola?

Quem quer ganhar uma bola?

Vêm esta pintura?

Que representa?

Etc., etc.

— Vamos agora representar o nome da bola.

BOLA

— Que fiz eu no quadro negro?

— O nome da bola.

— Venha F. mostrar a pintura da bola.
Venha J. apontar o nome da bola.

Variemos o exercicio.

Façamos o alumno dizer o nome do objecto e represental-o sem nunca falar em letras.

Os caracteres de imprensa são dados para representar os objectos sem se falar em letras, sómente pelo desenho — linhas rectas e curvas.

Não haverá cartilha.

A lição será feita pela professora, buscando sempre representar objectos muito familiares á criança.

Na lição seguinte, apparecerão as palavras da primeira, não só para avivar a memoria, como para tornar o estudo interessante.

A memoria das palavras é grande nas crianças normaes.

Ao mesmo tempo, ensinar-se-á a representar as palavras na louza ou no papel, sempre por meio de caracteres de imprensa ou sejam — linhas rectas e curvas.

Deve-se sempre applaudir o trabalho da criança, despertar-lhe a vaidade do saber, convencel-a de que já distingue as palavras e as sabe representar. No lar, conversando, ensinam-se palavras inteiras; no ensino da leitura, o mesmo se deve fazer — ensinar a distinguir e representar palavras inteiras, e conhecer o aspecto das palavras que ja aprenderam de ouvido. Sempre o concreto antes do abstracto.

O methodo da palavração conduz, naturalmente, ao da sentencição, de modo que, de familiarizados com as palavras, poderemos começar sentenças ainda com as palavras já aprendidas.

Mesmo no methodo de sentencição, deve-se supprimir a cartilha, não só para que a criança não fique viciada a repetir as mesmas phrases, como para acompanhar o espirito de novidade que a caracteriza.

«Ponham as cousas sob os olhos em vez de se descrever por meio de palavras. Aquillo que se tem visto, recorda-se melhor do que aquillo que foi contado, embora muitas vezes».

«Abastae da maior copia de idéas que puderdes o entendimento das crianças, associando ás idéas, as palavras que as representarem.

Conhecido pelo menino o som audível que a cada idéa corresponde, facil lhe será, dentro em muito breve, reconhecer o symbolo

visivel della, sem referencia ás letras que compõem o vocabulo escripto, nem aos sons que as letras indicam.

Muito mais efficacia encerra este methodo, no ensino da leitura do que a pratica usual de fazer atravessar ao alumno um fatigante processo synthetico, que lhe é de todo o ponto incomprehensivel.

Espanta a rapidez com que aprendem a lêr, si o ensino começa fazendo-as reconhecer a simples forma das palavras».

Em conclusão: Para combatermos o analfabetismo, precisamos supprimir o estudo do alphabeto.

J. S.

Pelo magisterio

O que se tem dito do Professor em todas as gerações dispensaria qualquer representante da geração actual de se metter a tratar do mesmo assumpto, se não fosse a tendencia bem manifesta para se esquecer esse elemento fundamental de progresso a de civilização.

Em todas as profissões ha felizes e infelizes, habeis e inhabeis, brilhantes e obscuros; mas parece que uma singular tolerancia popular conserva memoria das boas acções de todos os profissionaes: Artistas, medicos, engenheiros, militares, sacerdotes, etc., ao mesmo passo que promptamente se esquecem tanta energia, tanta astucia, tanta paciencia, tanta bondade, tanta vida que o Professor despense no esforço quotidiano de transmittir ás crianças e aos adolescentes aquillo que aprendeu, e que é toda a sua fortuna.

Não sei que terá enfraquecido a fama do professorado.

No jornalismo, rio-mar do pensamento, o Professor parece que não é desejado. Se um ou outro irrompe, de longe em longe, é porque solicitou, quasi mendigou, um espaçozinho ou porque o accaso de relações pessoais, mais possivelmente, a intimidade de um parentesco, lhe facilitaram a apparição. A's assembléas legislativas elle não sóbe, quando sóbe, por ser quem é — membro do Magisterio; e, sim, sómente, porque alguma ligação de ordem politica lhe permittiu a ascensão. De notar é que, quando algum se apanha a legislar tambem passa a sentir-se muito acima dos professores: Despreza a profissão, como que a detesta, dando-se ares de não querer mais voltar a exercel-a.

Será pela recordação do soffrimento? Será a lembrança da vida ignorada e desattendida que o Professor passa cultivando cerebros, affeiçoando caracteres, preparando cidadãos,

que o esquecem, que o abandonam, que o evitam depois de lançados no turbilhão social?

Será o horror da ingratitude? O Medico é muito mais feliz do que o Professor: O doente que o procura, e que é curado, sempre declara que lhe deve a vida. O ignorante que o Professor tornou douto, com trabalho, paciencia e amor, em mezes e annos, raro confessa ou, siquer, reconhece o que deve a esse amigo.

De sorte que o Professor tem este duplo desgosto: E' esquecido pelos discipulos, e é tido em pouca conta pelos proprios collegas que se libertam, mesmo transitoriamente, da obrigação de ensinar.

Não sei de onde vem ao Professor tão má ventura.

Os ministros de Estado, na Republica, não ligam a menor importancia aos corpos docentes dos estabelecimentos de Ensino sobre que têm alçada. Um presidente da Republica recebeu desattentamente o seu venerando Professor, o erudito e bondoso Barão Homem de Mello.

Não sei porque são tão mal apreciados os professores. Nem conheço a quem a sociedade civilizada devesse mais attenção.

Proclama-se que o homem nada vale sem instrucção. Entrega-se por isso a mocidade a congregação de homens ou de senhoras, abalizados para lhe formar o character, para lhe enriquecer o cerebro, para lhe fortificar o corpo. Os paes não têm tempo, ou não têm paciencia, ou não têm competencia: Entregam, então as joias da sua familia, as esperanças do seu lar, o futuro da sua patria a esses artifices cuidadosos que noite e dia labutam pelo exito da sua missão; e os filhos voltam, educados, civilizados, instruidos, com a imaginação orientada, com as idéas norteadas segundo as especialidades technicas em que preferem exercer actividade. O Professor ensinou-os a amar: Amar os livros, amar o estudo, amar os deveres, amar a familia, amar a gloria, amar a patria, amar a humanidade. Sublime labor! Só uma grande energia moral, só uma grande dedicação podem garantir a perfeição desse labor. E' uma profissão excepcional. E' um sacerdocio com muito maior somma de responsabilidades do que o do evangelista. A ordem publica, a honradez pessoal, o respeito edificante, o civismo, a nobreza das relações, a grandeza moral da nação, tudo tem sua origem no trabalho ininterrupto do Professor pela palavra e pelo exemplo.

Ah! Pelo exemplo! O Professor cuja palavra de conselho, de aviso, de instrucção, estiver em divorcio com a sua conducta é um mystificador. Engana, não educa; prejudica os educandos, e portanto, a Sociedade.

E compromette a honorabilidade da sua classe.

Serão estes em tão grande numero que motivem a decadencia dos creditos do Magisterio?

Estou certo de que não. Em todas as profissões ha bons e maus; nunca, porém, uma classe foi victima collectiva da maldade ou da inferioridade de alguns de seus membros. Não ha que empregar força para sanear o Magisterio. Os maus elementos, em minoria, sentir-se-ão, sempre, isolados, excluidos! E' preciso, sim, repôr o Magisterio no lugar que lhe deu o Imperio, e que de Direito lhe cabe na Republica, onde os poderes, excepção feita do Sr. Epitacio Pessoa, parece que só não são arrogantes com as collectividades que abusam do direito de greve:

Eduquemos para que se não queixem os vindouros; mas não nos resignemos a educar em attitudes vexatorias. Onde estiver o Professor poderá estar, á vontade, elegantemente, sem constrangimento, o Presidente da Republica; contanto que o Professor não pareça um constrangido ao lado de S. Ex.

Eduquemos, instruamos a mocidade, sem desfalecimentos, na esperança de que, um dia, um menos ingrato, subindo ao Poder, descubra e desfaca a razão porque a Republica exalçou só a Magistratura quando Magisterio e Magistratura vieram do Imperio nobre e dignamente collocados no mesmo nivel.

Ferreira da Rosa

Da coeducação dos sexos

Longe, bem longe estava eu de esperar que a minha figura tão pallida nos tempos de actividade escolar e hoje apagada pela jubilação respectiva, fosse lembrada pelos Inspectores escolares Drs. Cesario Alvim e Baptista Pereira para collaborar na «A Escola Primaria» (convite muito honroso para mim) sobre assumptos relativos ao maximo problema da extincção do analphabetismo entre nós e sobre os de um tirocinio que foi a parte integrante de minha vida e do qual me lembro com saudade e com a tranquillidade justa de um dever jurado e cumprido.

Valendo-me, assim, da situação, que tão bem se me offerece, vou solucionar uma velha interrogação sobre a coeducação dos sexos — a proposito da interpretação provisoria e pratica que dei ao basico assumpto pedagogico na escola José Bonifacio.

O justo e bem intencionado administrador da Instrucção Municipal, em 1916, visitando a supracitada escola, por mim dirigida desde

1902, quando foi inaugurada, estranhou a organização separativa em uma das escolas mixtas, nas quaes o fito do governo era, justamente, a coeducação dos sexos para o preparo das relações futuras da sociedade. A inexactidão do proposito educativo é patente, pois que a pedagogia não é materia obrigatoria do criterio legislativo municipal.

A matricula dos discentes masculinos é permittida nessas escolas até certa idade apenas e por conveniencias alheias ao gesto scientifico.

Enquadrado o caso numa synopse de pedagogia eu reconheceria do alto de uma cadeira de Methodologia o dictame theorico; mas a execução da maxima scientifica no meio cosmopolita, de elementos complexos, está subordinada á maior reserva e applicação escrupulosa dos processos adequados.

A escola, este aggregado de factores heterogeneos na escala da educação, soffre no nosso meio de 80 % de analfabetos, o aggravante de uma disciplina basica, em que a discriminação da indole e dos principios moraes do corpo discente, já viciados pela intervenção inicial domestica, deve ser a inicial do sehma na sua praticabilidade.

Na organização technica das escolas o principio geral de formação das classes foi a directriz principal para o meu procedimento, attendendo ao progresso das turmas, á disposição das salas, do material escolar e especialmente ao numero dos docentes, pois que nas classes mixtas, principalmente, é de necessidade imperiosa a presença constante da professora para a respectiva vigilancia, por isso que a tendencia do agrupamento dos alumnos da mesma idade e do mesmo sexo é natural, mas sem tolher a liberdade de trocar idéas e de entreter palestras amistosas, que incidem quasi sempre sobre as questões dadas.

Nas classes mixtas justamente pelo maior periodo de convivio escolar, pela aspiração identica e pela diversidade das tendencias naturaes, a coeducação dos sexos é o vehiculo mais natural ao entrelaçamento social.

Nesse meio se póde formar o caracter inicial; a reacção do amor proprio é intuitiva, porque a inferioridade em qualquer dos sexos é deprimente, a criança o sente.

A rivalidade no progresso escolar, em

que o sexo fraco aspira a preponderancia ao forte, que por sua vez procura impor-se á admiração do primeiro, origina a emulação em ambos.

Relativamente á moralidade, elemento preponderante na educação da grande família social, o regimen mixto facilitando a aproximação, annulla a pesquisa indiscreta dos meios das relações de collegismo e a intimitade collegial se accentúa no bom caminho, corrige as tendencias, adquirindo o menino maneiras mais delicadas e menos ruidosas, tornando-se a menina menos loquaz e mais prudente nas suas manifestações; purifica o ambiente amistoso pelas affeições simples e o reconhecimento do respeito sexual.

O instincto patriótico na menina se anima e cresce não sómente pela lição lida ou explicada pela docente, mas ainda pelo entusiasmo do collega nas suas descrições animadas das batalhas notaveis, dos grandes feitos dos heroes, corroborando, assim, o amor á terra de seus entes queridos, das cinzas de seus antepassados, a dedicação, emfim, á Patria e a veneração pelos seus symbolos.

As tabellas das classes mixtas não devem instituir a separação momentanea dos sexos com o fito de interromper a promiscuidade nas aulas das diversas disciplinas, senão nos casos de quebra de proceder, em que se faz mister esta corrección; pois que os meninos nos periodos de recreio tendem, naturalmente, a separar-se das meninas pela natureza dos respectivos folguedos e a liberdade dos sports.

Em summa a coeducação sempre existiu — na formação do mundo, na sociedade, na escola; nesta o que se faz mister é normalisal-a.

Nunca fui adversaria de uma lei natural, mas declaro, ainda uma vez, que se dirigisse até uma verdadeira escola de applicação, não presidindo nella a organização classica e sendo verificada a deficiencia do corpo docente, como costuma acontecer no Districto Federal, eu adoptaria a minha costumada politica pedagogica.

Maria do N. Reis Sanctos

Livraria Drummond

Livros escolares, de direito, medicina, engenharia, litteratura.
Revistas. — Mappas. — Material escolar

Aos Snrs. professores concedem-se os descontos da praxe

96 — RUA DO OUVIDOR — 96

TELEPH. NORTE 5667

CAIXA POSTAL 785

RIO DE JANEIRO

End. Tel. LIVROMOND

II -- A ESCOLA

A cartographia na escola primaria

É o desenho de mappas elemento fundamental, essencial, imprescindível, nos estudos geographicos a tal ponto que já se disse com bastante razão que — estudar geographia é desenhar mappas.

Quando se fala, porém, em cartographia, ha um como supersticioso temor diante da palavra, que parece traduzir alguma coisa de penoso, difficil e desconhecido.

Sel-o-ia realmente, se a cartographia da escola primaria fosse na verdade, embora nos seus rudimentos, o arduo ramo da sciencia e do desenho tecnico por tal nome conhecido, e que consta do programma da Escola Polytechnica, e de outros de gráu correspondente. Mas não se trata, não se pôde absolutamente cogitar de semelhante absurdo. Se dizemos — cartographia, queremos significar apenas o esboço geral de memoria, no papel ou no quadro-negro, de dimensões não rigorosas, mas em proporção nos seus detalhes, do contorno de um paiz ou de um continente, ou de um dos nossos Estados. O que se quer é que o alumno, sem decorar um systema artificial de linhas e de numeros, possa representar no papel, na lousa ou no quadro-negro, ora em ponto pequeno ora em grande proporção, a configuração do Brsail, e nelle desenhar em traços largos as linhas principaes do relevo, as grandes arterias fluviaes e estradas de ferro, e assignalar os cabos, as bahias, as ilhas, os portos, as cidades.

Será difficil a cartographia? Sem duvida, si adoptarmos, por exemplo, o processo indicado para um dos mappas, es-

colhido ao acaso, em conhecidos cadernos de exercicios:

«Tracemos uma recta em posição vertical (meridiano de 20.^o), applicemos AB — 18 e pelos pontos A e B façamos passar rectas perpendiculares á mesma linha;

«Marquemos AC = 4; AD = 3; AE = 2; AF = 5,5; AG = 10; BH = 2,5; BJ = 5; BL = 3,5...».

E assim por diante. Mas isto não é de modo algum o que se deseja, nem haverá alumno capaz de desenhar de memoria, apóz tal estudo, qualquer região da terra.

Vejam-se as judiciosas observações do Conselheiro Ruy Barbosa no seu afamado *Parecer*, e mais não será preciso para se comprehender que longe está um methodo como esse de ser o ideal não obstante ter feito sua época nos proprios Estados Unidos, e haver sido tentado entre nós por eminente professor, a quem muito deve a livraria didactica.

Nesta mesma revista, em artigo ha algum tempo sahido á luz, já tentámos eu e o professor Aristides Lemos, este com muito maior brilho, evidentemente, pôr a questão nos seus verdadeiros termos. Occorre-me agora, que creio ter contribuido com um passo verdadeiramente pratico para a solução do problema, vir novamente lembrar o assumpto.

Fazem-se os mappas de memoria, como se faz o esboço de um objecto qualquer: um contorno polygonal envolvente, vago, constituido de linhas que depois se apagarão; contorno que não é, para cada alumno, rigorosamente o mesmo em um mesmo mappa; desenha-se depois aqui o contorno de um lado, ali o do lado opposto; corrige-se, então, aperfeiçoa-se.

Da primeira vez, quasi nada vale o trabalho executado. Não esmorecer! Da segunda virá melhor, e passo a passo se irão coordenando os movimentos até á perfeição... perfeição relativa, que, ai de nós, em cartographia como no mais, é a unica ao nosso alcance.

Dir-se-á sempre ao alumno que não se trata de *fazer um mappa!*, mas um esboço, uma como caricatura. Desenhar verdadeiramente uma carta é obra para profissional, e bom profissional, que nella consome não minutos, mas horas, dias e mezes. O desenho não ha de ser uma *obra d'arte*, um primor de precisão ou de colorido. O colorido será um recurso para fazer resaltar certas particularidades, nunca a propria essencia do trabalho. Haja, porém, cuidado nas proporções, esmero no desenho das letras, e asseio, coisas que são imprescindíveis.

Para gravar na memoria não só a configuração do Estado ou do paiz estudado, mas os accidentes geographicos, é necessario repetir muitas vezes o desenho, e ahi é que intervem com bom resultado o *mappa-mudo* ou *semi-mudo*.

Os mappas-mudos usam-se regularmente, e largamente, em todos os paizes onde o ensino é adeantado, e até na França.

Para facilitar o ensino da cartographia entre nós, desenhei uma collecção de taes mappas, por ora só do Brasil e de cada uma das unidades da Federação, mappas que estão sendo vantajosamente adoptados em escolas primarias e secundarias de todos os cantos do paiz.

Emprego-os eu pessoalmente no Collegio Pedro II e na Escola Normal com grande proveito, do seguinte modo:

Dou, por exemplo, o littoral da Bahia, desenhando-o eu mesmo no quadro negro, á proporção que o vou descrevendo. É claro que esse esboço não pôde ser exacto em suas dimensões, nem

primoroso na sua execução, — é, insisto muito, apenas uma *caricatura*. Na lição seguinte, antes de passar a outro Estado, chamo ao quadro negro quatro, ou cinco, ou seis alumnos, e mando que repitam aquelle esboço, que terá sido já feito em casa quantas vezes o proprio discipulo julgar necessario.

Se são capazes de fazel-o as normalistas e os alumnos do Pedro II, e como o fazem, com que abundancia de minucias, adequada ao gráu de suas escolas, tenho sempre muito prazer em mostrar ás visitas que honram a minha aula.

Nos primeiros dias ha sempre quem proteste: — Não dou para desenho! Nunca fiz isto! Não sei! — Torno-lhes eu então que esse desenho rudimentar, de *croquis*, é a mais velha escripta que se conhece. Temos noticia da existencia de homens primitivos, quando ainda menos sabiam que o mais rude dos indios de hoje, pelos desenhos insculpidos nas pedras das cavernas, nos ossos de animaes, etc. Pois será crível que esses brutos antepassados, tão proximos, pela sua rudeza, dos animaes ferozes, desenhassem, o que um rapaz ou uma normalista não pôdem fazer?

E logo ao fim de pouco tempo, desenham todos no papel e no quadro negro, reduzindo ou ampliando seus esboços conforme o espaço. Para tanto basta o exercicio constante, principalmente no *mappa-mudo*. Porque *principalmente?* É que seria melhor o desenho constante de todos os alumnos no quadro-negro, mas é impossivel. No *mappa-mudo* pôdem ao contrario se exercitar quotidianamente todos os discipulos. Um dia apresentarão um trabalho sobre tal littoral; noutro assignalarão os cabos de tal região; noutro os rios; noutro as montanhas. O processo offerece vantagens a professores e alumnos, a estes porque aprendem bem e rapido;

a aquelles porque facilmente ensinam e corrigem os trabalhos.

Só me resolvi a desenhar os mappas-mudos depois de pesar bem as razões pedagogicas e até hoje não encontrei uma só opposição de valor. Os americanos tambem não acharam. Nem os alemães. Nem os francezes...

O lucro pecuniario que pôdem obter os editores com a venda dos seus mappas é minimo. O meu, no fim de dez annos, não dará ainda nem para um pneumatico do pequeno *Ford*, que é por ora uma das minhas ambições. Sendo, assim, coisa de tão pouca monta, não me arreceio de fazer a propaganda, certo de que não será levada á conta de interesse material meu.

Foi, sim, o interesse que me levou a empregar o trabalho, mas o interesse de facilitar a tarefa do ensino, que é a minha.

Recommendo, pois, aos Snrs. professores, para as escolas primarias, os mappas-mudos. Elles servirão muito, dando aos discipulos um conhecimento seguro e inolvidavel dos accidentes geographicos do nosso paiz.

O. de Souza Reis.

THEMAS PARA CASA

Na circular de 2 de Fevereiro do corrente anno, da Directoria da Instrucção Municipal aos Senhores professores, sobre o regimento interno das escolas, circular em que muito bem se revelam o levantamento descortino e o zelo minucioso, com que vem sendo amparada a instrucção popular, sobretudo de certo tempo a esta parte, encontra-se, de per-meo com varios outros preceitos pedagogicos, a recommendação de que não se passem trabalhos escriptos para os

alunos fazerem em suas casas, quando o professor não dispuzer de tempo sufficiente para os corrigir com a mais empenhada sollicitude. Evidentemente, a generalisação ao magisterio, daquelle punhado de recommendações tão boas, não foi senão um modo mais complacente e republicano de chamar sobre certas normas a attenção dos muito poucos, que, porventura, não estivessem ainda sufficientemente alertas.

Relativamente á alludida disposição acerca dos trabalhos escriptos, parece, á primeira vista, que por ella se desencarece o valor dos referidos trabalhos, aos quaes se admite a possibilidade de serem dispensados. Eu, porém, prefiro interpretal-a de outro modo, e estou que não erro, entendendo, como todos provavelmente, que ella antes o que faz é, pelo contrario, enaltecer essa pratica, com que, a falar, pelo minimo, segundo a minha propria observação, tão excellentes resultados se pôdem obter. Sim, as tarefas escriptas, passadas para os alunos fazerem em suas casas, são de tal monta, que não toleram a menor desattenção do professor, de quem reclamam imperativamente o maximo cuidado, e a quem se devem recusar, toda vez que esse cuidado, assim essencial, não se puder effectuar em toda sua plenitude. Eis, a meu vêr, como se põe precisamente em relevo a importancia dos referidos trabalhos.

Como disse, a minha experiencia de pouco mais de um decennio, e aqui evocada com absoluta isenção, sem nenhum arrojo pretencioso, do mesmo modo que sem nenhuma receiosa hesitação, mas muito francamente e com o desejo apenas de acertar em proveito dos pequeninos, instiga-me á convicção de que, dos themas para casa, resultam sempre vantagens inapreciaveis, desde que, primeiro, se corrijam cuidadosamente e sem nenhum prejuizo para os tra-

balhos oraes, segundo, não se tornem fatigantes para o alumno.

Duas ordens de proveitos com elles se offerecem: uma didactica, concorrendo para o adiantamento do alumno nas differentes disciplinas, outra moral, habituando-o insensivelmente á noção do cumprimento espontaneo do dever. E', então, um dever suave, que não deve irritar a creança, mas requestal-a, que não ha de perturbar os seus folguedos, mas lhes dar realce, e, sobretudo, que não pôde prejudicar o seu repouso indispensavel, senão tornal-o ainda mais apreciado e lucrativo. A habilidade do professor se torna responsavel pela observancia rigorosa de todas essas circumstancias, quando houver de estabelecer a especie e a extensão do thema a ser distribuido a cada alumno.

Naturalmente, importa que esses themas se subordinem ás possibilidades, de todo genero, proporcionaveis pela creança. Terão de evoluir, no transcurso das differentes classes, como do ponto á figura, desde a extrema simplicidade no primeiro anno, até a relativa complexidade compativel com o desenvolvimento dos que cursam os annos complementares. Absolutamente sem nenhum esforço a principio, não exigindo senão uma particula de vontade, préviamente estimulada pelo professor, e da qual, por sua vez, se vão tambem constituindo um exercicio muito efficaz e gradativo, esses themas mais tarde comportam já, embora sempre sem fadiga, um certo esforço consciente, com que se pôde ir consolidando, desde então e progressivamente, pelo habito do trabalho autonomo, o gosto pelas cousas uteis e o sentimento multiplicador da ordem. Este ultimo advem da reiterada divisão do tempo entre os necessarios deveres da providencia pessoal e social e os direitos, tambem necessarios, de repouso individual e de distracção.

E' evidente que a somma indispensavel

de todos os trabalhos escolares cresce, de classe em classe, do primeiro anno ao ultimo. Como, por outro lado, o numero de horas de aulas permanece sempre o mesmo, acontece que algumas das parcellas daquella somma terão de exorbitar desse limite, e então, são os themas passados para casa que, augmentando de anno para anno, absorvem essas parcellas e solucionam o problema, sem atropelo para os trabalhos internos das escolas. Esta é uma das razões, independente mesmo dos principios transcendentaes da methodologia, pelas quaes aquelles themas terão de ser em muito maior quantidade no curso complementar. Dentro, porém, do proprio periodo de aulas encontra-se outra razão, consistente em que, nas séries elementares, uma grande parte, certamente a mais consideravel, dos trabalhos escriptos importa que se faça mesmo durante esse tempo, sob as vistas sollicitas do professor, a quem compete fiscalizar a sua execução, prevenindo ou corrigindo qualquer defeito ou vicio relativamente á posição, ao asseio, ao methodo, á precisão, enfim a tudo que diz respeito á technica da calligraphia. Nestas séries, consequentemente, por essas razões e pelas outras, os trabalhos escriptos passados para casa ficam muito reduzidos. Sua importancia, comtudo, por isso não diminue. Por elles a creança adquire paulatinamente o habito de estudar em casa. E' sabido que as lições oraes elaboradas em classe não dão muito que pensar aos alumnos, que, uma vez em seus lares, se esquecem, com facilidade e inteiramente, de sua escola, de seu mestre, e quiçá de seus deveres correlativos. Uma tarefa escripta, entretanto, compativel com todas as suas condições, os sollicitaria um pouco para qualquer dessas idéas, entre as quaes estabeleceria um certo gráo de continuidade evidentemente vantajosa.

Esses exercicios escriptos tem ainda

balhos oraes, segundo, não se tornem fatigantes para o alumno.

Duas ordens de proveitos com elles se offerecem: uma didactica, concorrendo para o adiantamento do alumno nas differentes disciplinas, outra moral, habituando-o insensivelmente á noção do cumprimento espontaneo do dever. E', então, um dever suave, que não deve irritar a creança, mas requestal-a, que não ha de perturbar os seus folguedos, mas lhes dar realce, e, sobretudo, que não póde prejudicar o seu repouso indispensavel, senão tornal-o ainda mais apreciado e lucrativo. A habilidade do professor se torna responsavel pela observancia rigorosa de todas essas circumstancias, quando houver de estabelecer a especie e a extensão do thema a ser distribuido a cada alumno.

Naturalmente, importa que esses themas se subordinem ás possibilidades, de todo genero, proporcionaveis pela creança. Terão de evoluir, no transcurso das differentes classes, como do ponto á figura, desde a extrema simplicidade no primeiro anno, até a relativa complexidade compativel com o desenvolvimento dos que cursam os annos complementares. Absolutamente sem nenhum esforço a principio, não exigindo senão uma particula de vontade, préviamente estimulada pelo professor, e da qual, por sua vez, se vão tambem constituindo um exercicio muito efficaz e gradativo, esses themas mais tarde comportam já, embora sempre sem fadiga, um certo esforço consciente, com que se póde ir consolidando, desde então e progressivamente, pelo habito do trabalho autonomo, o gosto pelas cousas uteis e o sentimento multiplicador da ordem. Este ultimo advem da reiterada divisão do tempo entre os necessarios deveres da providencia pessoal e social e os direitos, tambem necessarios, de repouso individual e de distracção.

E' evidente que a somma indispensavel

de todos os trabalhos escolares cresce, de classe em classe, do primeiro anno ao ultimo. Como, por outro lado, o numero de horas de aulas permanece sempre o mesmo, acontece que algumas das parcellas daquella somma terão de exorbitar desse limite, e então, são os themas passados para casa que, augmentando de anno para anno, absorvem essas parcellas e solucionam o problema, sem atropelo para os trabalhos internos das escolas. Esta é uma das razões, independente mesmo dos principios transcendentaes da methodologia, pelas quaes aquelles themas terão de ser em muito maior quantidade no curso complementar. Dentro, porém, do proprio periodo de aulas encontra-se outra razão, consistente em que, nas séries elementares, uma grande parte, certamente a mais consideravel, dos trabalhos escriptos importa que se faça mesmo durante esse tempo, sob as vistas sollicitas do professor, a quem compete fiscalizar a sua execução, prevenindo ou corrigindo qualquer defeito ou vicio relativamente á posição, ao asseio, ao methodo, á precisão, enfim a tudo que diz respeito á technica da calligraphia. Nestas séries, conseguintemente, por essas razões e pelas outras, os trabalhos escriptos passados para casa ficam muito reduzidos. Sua importancia, comtudo, por isso não diminue. Por elles a creança adquire paulatinamente o habito de estudar em casa. E' sabido que as licções oraes elaboradas em classe não dão muito que pensar aos alumnos, que, uma vez em seus lares, se esquecem, com facilidade e inteiramente, de sua escola, de seu mestre, e quiçá de seus deveres correlativos. Uma tarefa escripta, entretanto, compativel com todas as suas condições, os sollicitaria um pouco para qualquer dessas idéas, entre as quaes estabeleceria um certo gráo de continuidade evidentemente vantajosa.

Esses exercicios escriptos teem ainda

esta particularidade, que os distingue dos identicos trabalhos, que se executam em classe: é que são feitos fóra das vistas e da acção directa do professor, pondo, por conseguinte, em jogo, não só o gráo de segurança adquirida no assumpto, como tambem e principalmente a liberdade relativa do discipulo, que muitas e repetidas vezes não soffrerá effectivamente o mais subtil constrangimento, em optar entre correr com desembaraço no seu quintal ou graphar alguns caracteres num papel, em obediencia exclusiva a uma intuição de direito, já bem esboçada na sua idade, e através da qual elle póde recordar os conselhos ouvidos de seu mestre, e as suggestões, mais ou menos vivas, da escola que frequenta. Devem preceder-se de reiteradas explicações na escola, apoiando-se sempre no proprio assumpto das lições oraes, de cuja comprehensão poderão dar posteriormente um testemunho mais estavel e individual do que mesmo as respostas immediatamente feitas ás perguntas oraes em classe. Se, por ventura, o alumno em casa deixa de agir por si só, e recorre, o que aliás não é frequente, a extranhos e inadvertidos auxilios, é isto um mal, que o professor facilmente percebe, e a cujo respeito observa o seu discipulo.

Na primeira série, que se segue immediatamente á dos analphabetos, e em que os seus effectos educativos sobrepõem aos resultados didacticos, versarão os referidos themas tão sómente sobre vocabulario. Contando com a indulgencia dos que me lêrem, e me offerecendo, com humilde sinceridade, aos prós e aos contras de sua critica elevadamente orientada no interesse da instrucção, direi, como guia apenas do meu proprio raciocinio, que nessa primeira classe costumam pedir, por exemplo, que escrevam o nome de um certo numero de animaes, flores, fructas, objectos caseiros, peças de vestuario, côres, etc. Tratando de no-

mes de animaes, peço-os em grupos mais ou menos uniformes.

Esses mesmos nomes, ou outros, mais tarde poderão vir, já então, com as suas syllabas destacadas, ou acompanhados de uma idéa qualquer de qualidade: *gato branco, papagaio falador, rosa encarnada, laranja doce, mangueira alta*, etc., etc. Evito toda denominação, que não esteja completamente possuída pela creança, substituindo-a por quaiquer expressão periphastica, sempre que não póde ser logo directa e efficaçmente explicada, como tambem attendo a que esses trabalhos escriptos não se adeantem ao aproveitamento, que os alumnos vão adquirindo nos oraes, mas que o acompanhem sempre e de perto. Ao contrario precisamente do que ocorre nas séries adiantadas, cujo unico trabalho escripto, a se fazer na escola, deve ser o dictado, e onde apenas o desenho e os trabalhos manuaes constituem intervallos de pausas ás lições oraes, que preenchem o tempo quasi todo, nas séries primeiras os exercicios escriptos occupam, como já ficou dito, uma grande parte desse tempo. Dahi resulta que os trabalhos externos, que veem constituindo o assumpto do meu despretençioso rascunho, não precisam mesmo nestas séries exceder á necessidade ou á conveniencia que ha em garantir-se um pouco mais o alumno no duplo ponto de vista de sua instrucção escolar e de sua educação moral. No curso médio, começam a apparecer, para se fazerem igualmente em casa, os exercicios escriptos de arithmetica ao lado dos de linguagem. Uns e outros proseguem até ás séries do curso complementar, subordinados sempre ás mesmas condições, já referidas, de graduação e de methodo. Os primeiros, partindo de singelas expressões numericas e fraccionarias, nas quaes se exercita muito bem a intelligencia dos signaes arithmeticos, evoluem até os problemas mais ou menos com-

plicados, que, não só permitem a applicação pratica das noções adquiridas, como ainda presidem á gymnastica racional dos calculos. Os segundos se desenvolvem até os exercicios de composição, cujos motivos devem ser sempre explanados ou preparados préviamente em aula, conforme recommenda muito bem o Snr. Dr. Medeiros e Albuquerque, em artigo publicado num dos ultimos numeros da «Escola Primaria».

E' condição, porém, indispensavel para o bom exito do ensino, que a correcção de todos esses trabalhos seja feita fóra das horas officiaes. Quer isto dizer que os professores os devam corrigir em suas casas, onde as leis reguladoras da instrução os não attingem mais, e com sacrificio mais ou menos apreciavel dos seus particulares interesses? Assim é preciso que seja, e assim felizmente é para a quasi totalidade do magisterio, sciente e consciante de sua delicadissima missão na collectividade.

As excepções, que não poderiam deixar de occorrer, e que são realizadas pelos que se veem inappellavelmente obrigados a procurar, nas suas horas livres, outros recursos, que lhes permitam fazer face á subsistencia, constituem certamente um mal, mas um mal de que o professorado não tem culpa, se culpa ha, nem ainda aquelles de seus membros pelos quaes as ditas excepções occorrem. A corrigenda, pois, se faz em casa do professor, que é menos um funcionario municipal do que elemento de um grave sacerdocio. Assim, depois de corrigir os exercicios, um por um, e os anotar, o professor faz em classe e em conjuncto a sua critica, prendendo a atenção e guiando o raciocinio dos alumnos, com o cuidado de não humilhar os que erraram, mas de lhes incutir e desenvolver o desejo de acertar. Diffunde na classe o adubo da emulação, sem rivalidades, consorciando aqui o triumpho com a modestia, e alli o

insuccesso do dia com o esperançoso proposito de acertar no dia immediato. Entrelaça, emfim, por toda parte o trabalho com a alegria. Ha uma particularidade para a correcção dos problemas, como de todos os exercicios praticos de arithmetica. E' uma inversão da ordem seguida na dos outros trabalhos. Certamente não aproveitaria aos estudantes, que o professor fizesse a revisão individual dos raciocinios escriptos, constantes desses exercicios, antes de ter verificado a exactidão dos calculos e o acerto do resultado final de cada uma das questões. E, sendo estas as mesmas para toda a classe, o professor, depois de constatar que todos os alumnos cumpriram mais ou menos diligentemente a tarefa, que lhes foi passada, e que, por conseguinte, cada um delles conserva um resultado, errado ou certo, chama um, ao quadro negro, e com elle, em presença de todos, resolve os problemas dados, realizando e dispondo os calculos, que se fazem necessarios. Depois disto, os alumnos, conferindo com os do mestre os proprios resultados, escreverão os competentes raciocinios, apresentando-os no outro dia ao professor.

O certo é que, da bôa, apressada, ou nenhuma correcção, a que se proceda em todos os themas escriptos, passados para se fazerem em casa, depende, precisa e parallelamente, o exito, positivo ou negativo, da sua prescripção. Do mesmo modo que, num sentido, elles instruem e educam, no outro, deslustram e corrompem. Preenchida, porém, muito escrupulosamente, essa condição, e de modo que não sejam prejudicados os trabalhos oraes em classe, cuja importancia cresce, numa razão sensivel, do primeiro ao ultimo anno do curso das escolas primarias, os exercicios escriptos, passados para casa, surtem o melhor effeito no ensino da mocidade, além do que, desafogam bastante o pe-

riodo de aulas, em que tão relevante tarefa incumbe ao professor provêr com esmero e com o indispensavel vagar. E' de vêr quanta paciencia, habilidade e dedicação terá o professor de expender, em arrepanhar os recalcitrantes para o gremio dos dotados de vontade bôa e sempre prompta. Custar-lhe-á, muitas vezes, orientar os estouvados no sentido da utilidade propria, transformando (com o perdão da metaphora) o vento que dissipa, em vento que amontôa. Com aquellas moedas, porém, cunhadas, se fôr preciso, na consciencia exacta da missão, que recebeu, elle conquistará, para a felicidade do cidadão futuro e, talvez, para a dos que deste venham a depender, a obediente submissão do alumno actual, e terá na esperanza da mêsse, que se antecipa no seu espirito, o incentivo e o apoio da sua fadiga perseverante.

Toda creança, pois, que sahio das *primeiras leituras*, pelo excellento *modo de sentencição*, por exemplo, tendo aprendido, quasi num tempo só, a lêr e a dêsenhar, isto é, a escrever o que lê, pôde e deve, desde logo, ser iniciada nos exercicios, pelos quaes se habituará a continuar a escola em sua propria casa, até se compenetrar perfeitamente da salutar noção, de que ha escola para tudo, ainda mesmo para brincar, correr, cantar, pular, sem nenhum prejuizo, senão, pelo contrario, com o melhor proveito para o sentimento de alegria, que, deve ser o caracter dominante da puericia, e constituir a propria côr da sua voz, como o tranquillo dizer do seu olhar.

Consuelo Côrtes.

Direitos e deveres da mulher

I

Convidada a collaborar na «Escola Primaria», por um dos seus illustres directores, occorre-me tratar de parte da materia contida em um dos pontos do programma de ensino de historia, pertencente ao 5.º anno das escolas primarias diurnas, assim formulado: — «*A nossa constituição. Direitos do homem, seus deveres politicos e sociaes; direitos e deveres da mulher; deveres dos funcionarios publicos.*»

A respeito de «direitos e deveres da mulher», uma das mais distinctas professoras municipaes manifestou-me justa duvida e solicitou-me explicasse o assumpto na escola sob sua competente direcção, o que não me foi possível realizar, em virtude da escassez do tempo em que exerci interinamente a inspecção escolar no 10.º districto.

Compreendeu bem a perspicaz docente que lhe não cabia na hypothese dar uma simples licção de instrucção moral, disposta como se acha a materia entre questões attinentes ao direito constitucional e ao administrativo. E razoavel era a sua curiosidade referente á condição juridica do sexo feminino, sobre a qual nada se tem publicado em caracter geral perante a legislação brasileira. Contam-se apenas eruditas monographias e dissertações, a respeito de themas especiaes, como sejam: — a magistral memoria sobre «*O Velleiano e a Incapacidade Civil da Mulher*» pelo saudoso romanista Dr. Bulhões Carvalho; o parecer da comissão de legislação e justiça do Instituto dos Advogados, firmado pelo Conselheiro Baptista Pereira (relator), Barão de Loreto e Bulhões Carvalho, relativamente á capacidade da mulher diplomada em direito para exercer a advocacia; (1) as brilhantes conferencias realisadas em 1912, no Instituto dos Advogados, pelo Dr. Clovis Bevilacqua e o Desembargador Virgilio de Sá Pereira, consagradas em grande parte á defeza da capacidade civil da mulher; e os relatorios apresentados separadamente ao Congresso Juridico Brasileiro (1908) pelo Conselheiro Coelho Rodrigues, em exposição summaria, e pela signataria d'estas linhas (2), a proposito de uma these sobre «a perfeita igualdade nas relações civis e de familia entre conjuges».

Procurando resumir e simplificar a materia, de modo a adaptal-a a uma revista que deve ser antes guia didactico do que repositorio de questões doutrinarias, tratarei primeiramente da condição juridica da

(1). Conferencias e principaes trabalhos dos annos de 1911 e 1912, pags. 179-193 e 195-209.

(2). Relatorio geral dos trabalhos do 1.º Congresso Juridico Brasileiro, pags. 367-394 e 411-413.

mulher brasileira em geral; depois da situação especial da mulher casada em face das nossas leis civis.

A declaração de direitos expressa pelo art. 72 da Constituição e seus paragraphos, tendo em vista o reconhecimento e a maior garantia dos direitos individuais, consagra os democraticos principios de liberdade e igualdade perante a lei applicaveis a todas as pessoas, sem distincção de sexo nem de nacionalidade e estabelece normas geraes de conducta que só encontram restricções, de utilidade social, em outras disposições expressas de lei que regulam a situação dos individuos entre si ou com o Estado, e fixam regras concernentes aos estrangeiros.

A despeito porém da ampla declaração constitucional de direitos, de caracter altamente philosophico e imitadora de declarações congeneres feitas em épocas diversas pela Inglaterra, os Estados Unidos, a França e finalmente por quasi todas as nações modernas, apresenta ainda o Brasil, como a França, influenciada pelo Codigo de Napoleão, frisante derogação aos principios estabelecidos de liberdade e igualdade, na condição social e juridica da mulher.

Em sociedade, apesar da resistencia offerida pelos costumes, a intervenção cada vez mais accentuada da mulher como collaboradora do homem e a possibilidade de transformar-se pelo trabalho em unidade economica independente preparam, para um futuro talvez proximo, a sua completa emancipação. Penoso, contudo, será esse preparo: quantas luctas intimas, como diz Staars, serão precisas para que as idéas novas possam vencer os preconceitos, a zombaria e a maledicencia de pessoas envelhecidas nas antigas formas de relações sociaes e incapazes de comprehender o progresso!

No direito civil, ainda sob o regimen republicano até entrar em vigor o Codigo, a 1.º de Janeiro de 1917, vigoraram para as mulheres as seguintes prohibições: de prestar fiança, de servir de tutoras ou de curadoras e de testemunhas nos actos publicos. Podia, porém, a avó servir de tutora dos netos, a mulher sêr curadora do marido declarado incapaz por sentença; a mãe, na falta do pae, sêr curadora do filho; as mulheres sem excepção, podiam ser testemunhas do testamento nuncupativo; as mulheres commerciantes, sómente, podiam prestar fiança e o Decr. 181 de 24 de Janeiro de 1890, que instituiu o casamento civil, permitto que a mulher viuva, emquanto não contrahisse segundo matrimonio, tivesse o patrio poder, isto é, «o conjuncto dos direitos que a lei confere ao pae sobre a pessoa e os bens dos seus filhos menores».

Não eram accessiveis ás mulheres as fun-

ções de procurador judicial, que resolveram os tribunaes superiores, depois de porfiadas controversias, franquear ás mulheres diplomadas pelas faculdades juridicas, permitindo-lhes assim o exercicio da advocacia.

O Codigo Civil implicitamente revogou todas as disposições restrictivas dos direitos da mulher, manteve-lhe o patrio poder no caso de viuvez, resolveu favoravelmente a mulher a questão que ainda suscitava duvidas forenses, relativamente ao patrio poder da mãe illegitima sobre o filho não reconhecido pelo pae (art. 383); proclamou, em summa, a inteira capacidade da mulher solteira ou viuva. Mas ainda nas disposições reguladoras da tutela legitima, que é a deferida aos parentes segundo a ordem da proximidade em grãos, conserva a prioridade do sexo masculino.

Diz o art. 409: «Em falta de tutor nomeado pelos paes, incumbê a tutela aos parentes consanguineos do menor, por essa ordem:

I — Ao avô paterno, depois ao materno e, na falta d'este, á avó paterna ou materna.

II — Aos irmãos, preferindo os bilateraes aos unilateraes, os do sexo masculino aos do sexo feminino, o mais velho ao mais moço.

III — Aos tios, sendo preferido o do sexo masculino ao do feminino, o mais velho ao mais moço».

Nas disposições referentes á curatela, que «é o encargo publico conferido por lei a alguém para dirigir a pessoa e administrar os bens dos maiores que por si não possam fazel-o», como os alienados, os surdos-mudos «sem educação que os habilite a enunciar precisamente a sua vontade» e os prodigos (Art. 446, I, II, III), continúa o Codigo Civil a manifestar-se pela superioridade masculina. Posto que conserve as disposições legaes anteriores que davam á mulher a curatela do marido interdicto, e á mãe, na falta do pae, a curatela do filho, determina no art. 454 § 2.º que na nomeação para curador, d'entre os descendentes do mesmo grão do incapaz, «os varões precedem ás mulheres».

Relativamente ás funções publicas, além do magisterio primario e dos empregos em reparições de correio e telegraphos, que desde o extincto regimen monarchico eram facultados ás mulheres, nenhum cargo lhes é expressamente vedado, nem na magistratura. E a recente admissão de uma senhora, mediante concurso, aliás brilhantissimo, na secretaria das relações exteriores deve ter franqueado ao sexo feminino o caminho da diplomacia.

Nas profissões liberaes, no commercio e na industria, nenhum obstaculo legal en-

contram as mulheres, devendo-se considerar as leis reguladoras do trabalho industrial feminino como medidas de hygiene social e de protecção ás proprias mulheres, exploradas, mais ainda que o operariado masculino, pelo capitalismo insaciavel.

Quanto aos direitos politicos, que consistem, sobretudo no direito de voto, isto é, poder ser eleitor e elegivel, comquanto permaneça na pratica a exclusão das mulheres do alistamento eleitoral, a Constituição lhes dá implicitamente a facultade de votar. Assim é que dispõe no art. 69: «São cidadãos brasileiros:

1.º — Os nascidos no Brasil, ainda que de pae estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação;

2.º — Os filhos de pae brasileiro e os illegítimos de mãe brasileira, nascidos em paiz estrangeiro, se estabelecerem domicilio na Republica;

3.º — Os filhos de pae brasileiro que estiver em outro paiz a serviço da Republica, embora n'ella não venham domiciliar-se;

4.º — Os estrangeiros, que, achando-se no Brasil aos 15 de Novembro de 1889, não declararem dentro em seis mezes depois de entrar em vigor a Constituição o animo de conservar a nacionalidade de origem;

5.º — Os estrangeiros que possuirem bens immoveis no Brasil, e fôrem casados com brasileiras, ou tiverem filhos brasileiros, comtanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade;

6.º — Os estrangeiros por outro modo naturalizados».

Da enumeração transcripta não estão excluidas as mulheres. Para caracterisar a qualidade de cidadão brasileiro, a Constituição, sem estabelecer distincção de sexo, baseou as disposições 2.ª e 3.ª exclusivamente na filiação, e nas clausulas 1.ª, 4.ª e 5.ª teve em vista o logar do nascimento, a permanencia no territorio nacional, o direito á propriedade immovel e a formação da familia. A clausula 6.ª trata da naturalisação propriamente dita, isto é, aquella que é pedida ao governo pelo proprio estrangeiro, só lhe é concedida mediante condições expressas em lei e tambem é accessivel ás mulheres de qualquer nacionalidade.

No art. 70 diz o texto constitucional: «São eleitores os cidadãos maiores de 21 annos que se alistarem no fórma da lei.

§ 1.º — Não podem alistar-se para as eleições federaes ou para as dos Estados: 1.º os mendigos; 2.º os analphabetos; 3.º as praças de pret, exceptuados os alumnos das escolas militares de ensino superior; 4.º os religiosos de ordens monasticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer

denominação, sujeitos a voto de obdiencia, regra ou estatuto que importe em renuncia da liberdade individual».

São essas as unicas exclusões do alistamento eleitoral, impostas pela Constituição, que não cogita do sexo quando trata do eleitorado, nem quando estabelece as condições de elegibilidade para as diversas funções politicas da nação.

Dos citados dispositivos constitucionaes e dos preceitos do art. 72 § 1.º — «ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude da lei» — e do art. 72 § 2.º — «todos são eguaes perante a lei» — colclúe-se facilmente que as mulheres têm direito de voto, cujo exercicio lhes tem sido negado por motivos extra-constitucionaes.

Nem se póde argumentar contra o voto feminino com a mudança de nacionalidade a que está sujeita a mulher pelas legislações de diversos paizes, quando casa com estrangeiro. No Brasil a situação está definida pela Constituição, que, sem se referir ao casamento, enumera os motivos por que se perdem os direitos de cidadão brasileiro: art. 71, § 1.º: «a) por naturalisação em paiz estrangeiro; b) por acceptação de emprego ou pensão de governo estrangeiro, sem licença do poder executivo federal». E no art. 72, § 29, determina que «os que allegarem motivo de crença religiosa com o fim de se isentarem de qualquer onus que as leis da Republica imponham aos cidadãos, e os que acceptarem condecorações ou titulos nobiliarchicos estrangeiros perderão todos os direitos politicos».

O texto constitucional não inclúe, pois, o casamento com estrangeiro entre os casos de desnacionalisação e se o fizesse não justificaria por isto a exclusão das mulheres em geral do eleitorado; apenas daria logar a que, a par da incapacidade civil da mulher casada de que me occuparei em proximo artigo, existisse uma incapacidade politica.

Não me cabe discutir aqui a momentosa questão politica-social do suffragio feminino, recentemente victorioso na Inglaterra, em cuja Camara dos Communs já foi admitida a Condessa Astor. Póde-se, entretanto, affirmar, em virtude de informações precedentes dos Estados norte-americanos que o adoptaram primeiramente, que a innovação deu excellentes resultados. Nos Estados Unidos, a escolha escrupulosa dos legisladores feita pelo voto das mulheres e, de fórma directa, a sua acção parlamentar contribuíram para a elaboração de leis efficazes na repressão do alcoolismo e na protecção á infancia, á moralidade publica, á instrucção e á hygiene em geral. A participação das mulheres na justiça, como membros do tribunal do jury, tem concorrido,

segundo o testemunho de Kingmam, Juiz da Suprema Côrte, para que muitos crimes não fiquem impunes. (3) Efeitos também satisfatórios tem produzido o sufrágio feminino na Noruega, Australia e Finlândia. Mas em todos esses logares a educação da mulher é seriamente feita. Por lá, pertence, sem duvida, a uma especie extincta, aquelle vulgarizado e insignificantíssimo typo de moça, fielmente descripto por Montesquien: *Les filles que l'on ne conduit, que par le mariage aux plaisirs et à la liberté; qui ont un esprit qui n'ose penser; un cœur qui n'ose sentir, des yeux qui n'osent voir, des oreilles qui n'osent entendre; qui ne se présentent que pour se montrer stupides; condamnées sans relâche à des bagatelles et à des préceptes...* E, não nos illudamos: para que os deveres civicos, já tão mal praticados pelos homens em certos paizes, sejam bem cumpridos pelas mulheres, é preciso que ellas muito se elevem em educação e em instrução e abandonem velhos habitos de hypocrisia e astucia, resultantes de seu antigo estado de submissão e ignorancia.

Aperfeiçoe-se na mulher a cultura da intelligencia e do sentimento para que ella possa ter idéas geraes e interessar-se convenientemente pela causa commum — pelo bem publico!

MYRTHES DE CAMPOS.

(Continúa)

O ENSINO DO DESENHO

Se a missão do professor fosse apenas cumprir, de qualquer modo, os programmas de ensino, sem a preocupação dos resultados, essa missão seria relativamente facil e qualquer individuo que reunisse um instincto imitativo, fortemente desenvolvido, e bôa memoria, seria forçosamente um excellente professor.

Não é esse apenas o fim que deve ser visado para produzir os desejaveis resultados. O ensino exige faculdades mais especiaes e elevadas.

Como, pois, executar com proveito, o programma que nos ordena a pratica da aguarella e a applicação do dese-

nho á historia do Brasil e á literatura brasileira?

O emprego da aguarella, aliás, difficil, exige: grande habilidade no manejo das aguadas, saber reservar os claros, e grande conhecimento das tintas e do contraste das côres.

É um processo que, além de requerer, como dissemos, constante pratica, acarreta, actualmente, grande despeza, pelo preço elevadissimo das tintas.

Se attendermos, pois, á escassez do tempo de que dispomos para o desenho, que se esgotaria: na distribuição do material e nos preparativos, e ás despezas avultadas que envolvem esse trabalho, e considerarmos as difficuldades que ha a vencer para o levar a effeito, por fórma cabal, comprehendemos, facilmente, que a aguarella seja impraticavel na escola primaria.

Não menos embaraçosa é a situação do professor, cuidando de obter dos alumnos a representação graphica do descobrimento do Brasil, por exemplo, após uma prelecção, na qual descreveu, apenas a traços largos, o episodio.

Ainda mesmo que nessa prelecção tenha o professor mostrado a scena cheia de movimentos e rica de expressões, e a localidade em que se passa, abundante em accidentes pittorescos, não conseguirá o fim desejado.

O que se dá com a representação graphica do descobrimento do Brasil, dar-se-á com as outras partes do programma.

A composição, pois este exercicio nada mais é que uma composição, é sempre difficil, tanto assim que raramente é produzida nos meios artisticos e quasi nunca por ella manifestam os artistas suas aptidões e talento.

Se mesmo entre os que se dedicam inteiramente á arte isto se observa, que se não dará na escola primaria, embora ahi muito menos se exija?

(3) *Conteux du Molay - Droits politiques de la Femme,* pag. 150.

O fim da escola primaria não é fazer artistas.

Nella o ensino do desenho visa: o exercicio da vista, com o exame attento do objecto; a facultade de julgar e raciocinar, fazendo comparações continuas; a imaginação, conservando e ideando sobre as imagens adquiridas pela vista, dando, assim, logar á reproducção e á producção.

Da mão que reproduz, com segurança, o que foi visto ou imaginado, surge com maior amplitude o gosto esthetico pela contemplação do bello.

Se substituirmos a aguarella pelo desenho a «pastel», parece-nos que obteremos melhor resultado, e nos livraremos de alguns dos inconvenientes acima referidos.

Os lapis (lapis de «pastel») de cores muito variadas pôdem, com vantagem, supprir todas as exigencias do colorido.

Este systema, que participa do desenho e da pintura, é de grande effeito e adapta-se perfeitamente a silhuetas de flores e de animaes.

E' apenas de lamentar que esse exercicio preparatorio, tão util para a iniciação do colorido, seja pouco duradouro: o pó, levemente adherindo ao papel, quasi não resiste á acção do tempo.

Os meios tentados para fixar os desenhos têm sido pouco satisfactorios, podemos entretanto conserval-os, por muito tempo, cobrindo-os com papel fino.

Com esse processo conseguiremos, em parte, dar cumprimento ao nosso programma.

Sempre que fôr possivel, os desenhos devem ser tirados do natural.

Apresentaremos aos alumnos um objecto qualquer, uma flor singela, por exemplo, procurando obter das crianças o contorno e, logo após, lhes chamaremos a attenção para a côr e o claro-escuro, isto é, mostrar-lhes-emos que na

parte que recebe a luz os tons são mais claros, ao contrario do que se dá com a outra parte menos illuminada.

Obtido o desenho de uma flor e de uma folha, mandaremos que os alumnos disponham em outras direcções, novas flores e novas folhas, á vontade, assim conseguindo, portanto, um ornato que representa trabalho sómente seu, o que os impressiona, os lisongeia e cõ anima.

Nos primeiros exercicios os aconselharemos, não lhes tolhendo, porém, o trabalho livre da imaginação.

Ahi entrará, desse modo, a idéa creadora, pois os meninos são levados a imaginar novas combinações com os estudos já feitos.

Poderemos algumas vezes fazer os modelos que servirão de auxiliares, não devendo ser totalmente imitados para não cahir a criança na copia de estampas, o que, hoje, está condemnado.

Depois de alguns desses exercicios, obrigaremos os meninos a reproduzirem de memoria um dos desenhos já feitos.

Isto torna a criança observadora.

Nas linhas deste modesto trabalho, ficam approximadamente esboçadas as difficuldades que resaltam evidentes no nosso labor diario e com as quaes luctamos para executar fielmente o programma de desenho.

Everilde de Faria Lemos.

7 DE SETEMBRO

(Conferencia realizada na 2ª escola mixta do 21º Districto pela adjunta Lydia do Couto.)

Sr. Inspector, Sra. Directora, illustres collegas, crianças!

Incumbida pela Snra. Directora de commemorar a data de 7 de Setembro, isto é, — de avivar na memoria dos alumnos que conhecem o seu valor historico — a sua alta significação para

todos os brasileiros e de ensinar aos menores, aos mais atrasados, o *porque* das festas de hoje, sinto que não estarei á altura do assumpto, novata que sou no magisterio e por isso não habituada a expôr com clareza e correcção, e principalmente destituida que me sinto dos dotes oratorios que sabem vestir as idéas e as emoções da brilhante roupagem, da expressão ardente e colorida.

Entretanto, sobram-me os bons desejos, sobra-me patriotismo, amor entranhado á terra de meu berço, votos fervorosos por que sejaes, crianças — hoje a mais bella promessa, amanhã a mais esplendida realidade de servidores leaes, sinceros, devotados á causa de nossa terra.

— A data de 7 de Setembro é a maior, a mais grandiosa, a mais cara aos nossos corações: ella nos lembra o surto, o apparecimento da Patria brasileira. E sabeis que quer dizer isto? Compreendeis por ventura o alcance da palavra Patria? Patria, crianças, é a terra em que nascemos, a terra de nossos maiores e que ha de ser tambem de nossos filhos; a ella nos prendem, nos ligam, as mais doces recordações e as mais rizonhas esperanças; foi aqui, foi no sólo sagrado da Patria, que recebemos o primeiro beijo e o primeiro sorriso de nossos paes; aqui ensaiámos os primeiros passos, balbuciámos as primeiras palavras, trocámos os primeiros e mais solidos affectos; contemplamos pela primeira vez o azul do céu e nos perdemos em scismas ante o fulgor das noites scintillantes de estrellas ou banhadas da luz suavissima do luar; aqui tambem esperamos vêr desdobrarem-se cada vez mais as conquistas da arte e da sciencia como as do bello e do bem; e por fim, crianças, na terra patria contamos repousar no derradeiro somno, na paz e no silencio da morte, restituindo de algum modo ao sólo bemdito o mui-

to que nos deu, os innumerados dons que repartiu connosco.

A Patria, pois, crianças, é a terra e é o céu que sobre ella se arqueia, é este ar que respiramos, é esta luz que nos illumina e aquece, é a agua que murmura docemente no deslizar dos rios ou rola impetuosa bramindo nas cachoeiras espumantes, atirando ao céu finissima poeira luminosa e liquida; é o mar que vem quebrar nas nossas praias alvissimas ou nas rochas e penedias que açoita inclemente e fragoroso; é a campina que se estende a perder de vista; é a floresta, a selva escura em que os troncos se emmaranham e que asylando a féra bravia tambem acoita o mimoso passarinho que pendura o ninho aos galhos vicejantes; é a igreja e é a escola em que aprendemos a amar e a servir á familia e á sociedade, antepondo-lhe entretanto o serviço da Patria que é a reunião de todas as familias que vivem no mesmo trecho do planeta, no mesmo paiz e que exprimem na mesma lingua o que lhes vae no espirito e no coração.

Pois bem, houve tempo em que este Brasil que tanto amamos não era nosso, não pertencia áquelles que aqui tinham nascido, era bem, era propriedade, era cousa de Portugal; se as terras eram bellas e fecundas, os ares puros e leves, se o céu ostentava o luminoso azul que encanta e que deslumbra, se arvores se arreiavam de fructos doces e cheirosos, se os campos se cobriam de flores, se nas entranhas do sólo o ouro fulgurava em ricos filões, se as pedras preciosas quasi se offereciam ao homem sem mais trabalho que o de apanhalas... tudo isso era riqueza, era gloria, era condição de prosperidade para Portugal. E ainda mais: se o homem aqui nascido era intelligente e culto, se lhe pulsava no peito um coração leal e valoroso, se tinha o arrojo e a coragem

dos descobridores, se desbravava terras, se domava o sertão aspero e maninho, se escrevia obras grandiosas em verso ou em prosa... tudo isso era ainda para exaltar no mundo o nome portuguez, tudo isso para elevar Portugal, para augmentar-lhe as glórias, para conquistar-lhe a fama. E em troca de tanto que lhe dava o Brasil em ouro, em productos de toda a especie, em homens illustres, em riquezas sem par, Portugal deixava a sua colonia, a mais bella perola da sua corôa jazer no maior atrazo, avido apenas do lucro material que daqui provinha e que servia ás loucas prodigalidades da corôa. Os cargos importantes, os empregos rendosos, as funções de commando eram sempre confiadas aos filhos de lá; aos nascidos nas terras européas, mesmo quando os brasileiros dispuzessem de maior competencia e idoneidade moral.

Mas, crianças, era impossivel que um dia se não rompessem os grilhões que nos prendiam a Portugal, os brasileiros mais intelligentes e mais cultos comprehenderam que a sua terra soffria a mais cruel das injustiças; e que este bello trecho da America dispondo, a par das opulencias da natureza, da illustração de grande numero de seus filhos, não podia continuar na miseravel servidão de um senhor cruel e mesquinho como Portugal; a ambição de liberdade, o desejo de se governarem a si mesmos e por si mesmos, constituia então a idéa dominante, o sonho das almas de eleição nas terras do Brasil e nesse sentido varias tentativas se fizeram com a maior coragem, com a maior abnegação, com o sacrificio da mocidade, do dinheiro, das posições, da propria vida. Um dia, crianças, haveis de ler, tremulos de emoção, vibrantes de entusiasmo, a historia dessas luctas tremendas pela conquista da liberdade, em que tombaram para sempre, fusilados, enforcados, decapitados, homens da nossa terra, filhos

do nosso Brasil, que não trepidaram em affrontar a morte para servirem á causa da terra de seu berço, para legarem a seus filhos o direito de ter uma Patria, de trabalhar pelo seu engrandecimento e pela sua prosperidade, para collocal-a bem alto no conceito do mundo, com o direito de sentir e de exclamar: Patria minha! tu que me cumulas dos teus dons, tu que me dás a luz e o ar, a agua e os passaros... tu que me dás o doce convivio da familia e os beneficios da sociedade... tu que me dás a escola onde meu espirito se illumina e meu coração se aperfeiçoa... tu que me has de dar o tumulto... recebe da minha mão o trabalho do meu engenho, permite que eu te affeioe de modo a aproveitar os teus thesouros em beneficio de todos os teus filhos... e que toda a minha existencia não seja mais do que o exercicio do teu culto e um continuo labor que, ennobrecendo-te, melhore as condições de vida daquelles muitos que hão de nascer e viver sobre o teu sólo, sob o teu céo.

Não era possivel, crianças, que um dia esse voto ardente se não realizasse: guerras, luctas, erros da corôa portugueza, fizeram fugir para as terras do Brasil a familia real e a sua côrte.

Foi aqui neste formozo Rio de Janeiro, hoje capital de uma nação que caminha a passos largos para a conquista de um dos primeiros logares no mundo... foi aqui que a corôa portugueza procurou refugio, e só daqui ergueu a voz contra os invazores de Portugal, que não ousára enfrentar. Doze annos seguidos aqui teve séde o governo e assento a corôa; e enquanto o Brasil tomava vulto e assumia importancia, Portugal, abandonado do seu rei, sentia-se diminuido, amesquinhado, reduzido á condição de colonia, invejoso da situação de prosperidade do Brasil e da preferencia que lhe parecia dar a familia real. Então, revoltou-se, tomou

armas, exigiu leis mais liberaes, ameaçou, certo de que ao rei medroso que fugira do francez invasor havia tambem de amedrontar a attitude ameaçadora da sua propria gente. Vacillante, indeciso entre ficar ou partir, tomando resoluções hoje para renegal-as amanhã, viu-se por fim compellido o rei a seguir para a Europa, deixando no Brasil seu filho, o principe D. Pedro, como seu representante, seu lugar tenente.

E de lá, de Portugal, suggestionado pelos seus patricios que queriam a todo transe fazer voltar o Brasil, já então Reino Unido a Portugal e Algarves, á cathegoria de colonia, expediu ordens sobre ordens, decretos sobre decretos, todos no intuito de amesquinhar a terra brasileira, embora fosse com ella humilhado, rebaixado, vilipendiado, o seu proprio filho.

D. Pedro era moço e orgulhoso; sentiu-se revoltado com os vexames que lhe eram infligidos por seu pae e rei; e os brasileiros de valor, homens de tempera rija e sã, de mente robusta e culta, entre os quaes avultavam os tres irmãos Andradas e mais especialmente José Bonifacio de Andrada e Silva, aproveitaram este movimento de despeito, de orgulho revoltado, para conseguirem a do principe leis que contrariassem aquelles decretos, que constituissem formal desobediencia á metropole e servissem de inicio, de base á suspirada independencia do Brasil. Agia pois D. Pedro movido pela alma energica de José Bonifacio, que lhe aproveitava a disposição de animo e a ambição de ser rei, de governar um paiz vasto e rico e novo, para conseguir a nossa separação definitiva de Portugal. Taes foram os actos inspirados por esse egregio patriota, que o ultimo decreto portuguez destituia o principe do cargo que exercia e o chamava urgentemente a Portugal.

E foi ante esse erro da corôa, que auxiliava, sem querer e sem pensar, a acção e os votos dos brasileiros, que D. Pedro soltou ás margens do riacho Ypiranga, na então provincia de São Paulo, onde se achava e de onde voltava para o Rio, depois de ter ido alli apaziguar os animos, o brado de «Independencia ou morte!» que repetido pela sua comitiva, ecoou em breve por todo este bello e amado Brasil. Era o dia 7 de Setembro de 1822.

No jardim da praça Tiradentes que todos conheceis, sem duvida, ha um bello monumento commemorativo desta attitude decisiva e energica do moço principe que a 12 de Outubro do mesmo anno foi aclamado imperador do Brasil: elle é alli representado a cavallo, fardado, empunhando na mão direita, com o braço erguido, os famosos decretos ultrajantes ao seu brio e rebaixadores da nossa dignidade. Segundo outros, D. Pedro é alli representado no acto da proclamação da independencia, é certo, mas erguendo, como a mostral-a ao povo, a legenda — Independencia ou morte — Servem-lhe de pedestal exemplares da nossa fauna e da nossa flóra, e quatro vultos symbolicos de indios figurando os rios Amazonas, S. Francisco, Tocantins e Paraná, os gigantes fluviaes que correm em nosso immenso territorio.

Na parte principal do monumento, entre as armas imperiaes lê-se a inscripção: A D. Pedro I Gratidão dos brasileiros.

E, em verdade, crianças, alguma gratidão devemos a esse principe portuguez que num dado momento da nossa historia soube collocar-se ao nosso lado, desobedecendo formalmente a seu rei e pae e cedeu á influencia do grande homem, do notavel estadista, do exaltado patriota que foi José Bonifacio de Andrada e Silva. Alma feita de luz, cora-

ção feito de amor, caracter feito de energia, de resolução, de coragem, de perseverança, intelligencia superior e superiormente illustrada e sobrepujando todas essas qualidades — moral altissima a servir de exemplo e de estimulo aos que desejem ser puros e honrados, José Bonifacio desejava para a sua terra a emancipação completa — a independencia com a republica, para que de uma vez se rompessem os nossos laços com esse Portugal que vivia do Brasil e o pisava a pés ingratos e brutaes, e para que tambem attingissemos á formula final do regimen politico; mas onde ir buscar a força para a realização desse ideal? E depois, como fazer a republica que é o regimen da igualdade perante a lei, si havia no Brasil muitos milhares de escravos, se a lavoura dependia do trabalho de seu braço e se a riqueza publica e particular estava firmada no café? Não podendo fazer tudo — republica, abolição da escravidão, incorporação do selvagem á communhão brasileira — fez José Bonifacio o mais urgente; soube aproveitar a ambição de Pedro I, soube impulsionar-lhe o braço na trajectoria dos nossos destinos, soube oriental-o mesmo no governo; e quando o principe voltou a ser portuguez, quando recebeu suggestão e influxo dos seus patricios, quando iniciou a época nefasta da reacção contra aquelles que lhe tinham dado um throno, quando perseguiu e desprezou aquelle que fôra o seu Mentor, o seu guia, a sua luz, começou tambem o seu declinio, multiplicaram-se os seus erros e em breve era obrigado a abdicar a corôa, a renunciar ao throno do Brasil e a retirar-se quasi fugido para a Europa, receioso da justa vingança dos brasileiros. Só esta circumstancia bastava a nos dar idéa do valor excepcional de José Bonifacio, que a Historia galardoou com o titulo de — patriarcha da independencia do Brasil.

Festejar, pois, a data de 7 de Setem-

bro, festejar a nossa emancipação politica é sempre principalmente commemorar esse vulto eminente de sabio, de poeta e de orador, de estadista sem par em nossa historia e comparavel aos mais altos e mais dignos na historia da humanidade. E' ainda a José Bonifacio que devemos a bella e expressiva bandeira do imperio, que todos conheceis e que symbolisa — no verde, a pujança da nossa natureza; no amarello, o ouro das nossas minas; e que conservando o escudo e a esphera armillar da bandeira portugueza, para attestar a nossa continuidade historica, encimou-a com a corôa, symbolo da monarchia, e ladeou-a de galhos de fumo e de café, então nossas principaes fontes de riqueza e caracterizando um o Norte e outro o Sul do paiz. A despeito de ser José Bonifacio o factor principal, o patriarcha da nossa independencia, a gratidão nacional só lhe erigiu um monumento e modestissimo, dez annos depois de ter consagrado no bronze o feito do principe portuguez, nosso primeiro imperador. Foi em 1872, graças á iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que se inaugurou a estatua de José Bonifacio, que, tambem estou certa, conheceis perfeitamente. E' no largo de S. Francisco de Paula, bem no coração da cidade, em frente ao edificio da Escola Polytechnica e enfrentando a rua do Ouvidor, que se ergue a pequena estatua do grande brasileiro, representado de pé, junto a uma mesa onde se vêem alguns livros, sobre um pedestal em cujos angulos se acham as figuras symbolicas da justiça, da historia, da poesia e da sciencia.

Meninos, que haveis de ser um dia — homens, cidadãos, servidores da nossa nacionalidade, descobri-vos sempre que alli passardes; é como se passasseis pela estatua da Patria. Meninas, tende sempre um olhar de respeito e de gratidão para aquelle vulto em bronze;

lembrai-vos de que foi obra sua a liberdade de que goza o Brasil integro, unido, emancipado, legado que nos deixou e que temos o dever de conservar e passar ás gerações futuras.

E para que continue a fructificar a obra grandiosa de José Bonifacio, é preciso, é essencial, que todos, todos nós brasileiros, procuremos cada vez mais illustrar o nosso espirito e melhorar o nosso coração, afim de que possamos ser dignos dessa bella Patria e capazes de collocar-a no lugar que lhe compete no concerto das nações.

Salve Brasil!

Exercicio de redacção á 1ª classe elementar

DESCRIPÇÃO

Parece, a simples vista, ser impossivel darem-se exercicios de redacção á 1ª classe elementar.

Experiencias, porém, satisfactorias vêm comprovar a possibilidade de certos exercicios escriptos, bannindo assim a fastidiosa copia da ~~leitura~~ e dando mais encanto que as formações de phrases que pequena gymnastica mental provocam aos alumnos.

Assim, passo a reproduzir, mais ou menos, um dos muitos exercicios por mim dados aos meus pequenos discipulos, trabalhos esses que ainda este anno darei ao publico em um livro que, penso, irá dar auxilio ás professoras encarregadas dessas series de 1º anno fundamental.

DESCRIPÇÃO

A mão

Summario. — Dizer o que é a mão — Falar onde ella se acha situada — Dizer em quantas partes se divide — Falar dos dedos, unhas, etc.

Copiado no quadro negro e devidamente explicado ao alumno, desde o que vem a ser «summario» até o ultimo periodo, a professora estabelecerá com as creanças, mais ou menos, o seguinte questionario correspondente ás exigencias do summario.

Prof. — Iracy, que é mão?

Iracy — Uma coisa.

Prof. — E esta caixa é tambem coisa e portanto mão?

Iracy — Não, senhora.

Elza — E' uma parte do nosso corpo.

Prof. — Muito bem, Elza. Vem ao quadro negro e escreve o que acabas de dizer.

(Elza levanta-se, vae ao quadro negro e escreve:

A mão é uma parte do nosso corpo.)

Prof. — Todos os meninos escrevam em seus cadernos a phrase de Elza.

(As creanças obedecem).

Prof. (ao vêr que todos terminaram) — Continuemos: Antonio, onde é que a mão se acha?

Antonio — Na ponta do braço.

Prof. — Como?

Antonio — Presa, segura...

Prof. — Mas como se chama essa parte do braço a que a mão está ligada?

Conchita — Pulso, punho...

Prof. — Antonio, diz isso melhor...

Antonio — A mão está presa no braço pelo punho...

Prof. — Não precisas repetir «a mão» e não digas «presa no braço» e sim «ao braço». Repete!

Antonio — Ella está presa ao braço pelo punho.

Prof. — Perfeitamente. Vem ao quadro negro e escreve a tua phrase em seguida á de Iracy.

(Antonio escreve:)

Ella está presa ao braço pelo punho.

Prof. — Escrevam todos em seus cadernos a phrase de Antonio...

Depois:

Prof. — Dyla, em quantas partes se divide a mão?

Dyla (após pensar um pouco): — Em tres...

Prof. — Muito bem. Quaes são ellas?

Dyla — Palma, dorso e dedos.

Prof. — Bem; dize agora de uma só vez para que teus collegas aprendam.

Dyla escreve:

A mão se divide em tres partes: palma, dorso e dedos.

Prof. — Os outros meninos escrevam nos cadernos a phrase de Dyla.

(As creanças cumprem a ordem).

Prof. (verificando os cadernos): — Manoel, quantos são os dedos?

Manoel (olhando a mãosita): — Cinco.

Prof. — Como se chamam?

Manoel (pausadamente): — Polegar, indicador, medio, annular e minimo.

Prof. — Dize isto de uma só vez.

Manoel — Os dedos são cinco: pollegar, indicador, medio, annular e minimo.

Prof. — Vem agora, Manoel, ao quadro negro e escreve a tua phra-

se. Os outros a copiarão em seus cadernos.

Manoel escreve.

Os dedos são cinco: polegar, indicador, medio, annular e minimo.

Prof. — Amandio, os dedos tambem não se dividem?

Amandio — Sim, senhora; os dedos se dividem em tres falanges...

Prof. — Todos elles?

Amandio — Não, senhora, o polegar só tem duas falanges.

Prof. — Então dize-me isso melhor.

Amandio — Os dedos...

Prof. — Dize: cada dedo.

Amandio: — Cada dedo se divide em tres falanges, menos o polegar que só tem duas falanges...

Prof. — Não precisas repetir a palavra falanges. Basta que digas: menos o polegar que só tem duas... Entende-se bem que são falanges... Agora, vem ao quadro e escreve o que acabas de dizer.

Amandio escreve:

Cada dedo se divide em tres falanges, menos o polegar, que só tem duas.

(A' proporção que os alumnos forem escrevendo, a professora observará a orthographia.)

Prof. — João, e as unhas onde estão?

João — Nas pontas dos dedos.

Prof. — Vamos dizer melhor...

João — Nas pontas dos dedos estão as unhas.

Prof. — A's pontas dos dedos... e ao em vez de dizermos *estão*, digamos *encontram-se* as unhas. Repete.

João — A's pontas dos dedos encontram-se as unhas.

Prof. — Escreve tambem a tua phrase.

João levanta-se e escreve no quadro:

A's pontas dos dedos encontram-se as unhas.

Prof. — Acabámos. Agora vou lêr a descripção que fizestes. Cada um seguirá no seu caderno vendo si falta alguma palavra. Lê:

A mão — A mão é uma parte do nosso corpo. Ella está presa ao braço pelo pulso. A mão se divide em tres partes: dorso, palma e dedos.

Os dedos são cinco, polegar, indicador, medio, annular e minimo.

Cada dedo se divide em tres falanges, menos o polegar que só tem duas. A's pontas dos dedos encontram-se as unhas.

Prof. — Falta mais alguma coisa. Creanças — Não, senhora.

Prof. — Cada alumno agora date e assigne o seu trabalho.

Reproduzo agora o modelo do caderno.

DESCRIPÇÃO

A mão

Summario. — Dizer o que é a mão — Falar onde ella se acha situada — Dizer em quantas partes se divide — Falar dos dedos, unhas, etc.

A mão é uma parte do nosso corpo. Ella está presa ao braço pelo punho.

A mão divide-se em tres partes: palma, dorso e dedos. Os dedos são cinco: polegar, indicador, medio, annular e minimo. Cada dedo se divide em tres falanges, menos o polegar, que só tem duas.

A's pontas dos dedos encontram-se as unhas.

Em 28 de Junho de 1920.

Clelia Maria Borges.

Temos assim uma descripção feita em commum, pelos alumnos, ha-

vendo esforço mental por parte delles e correcção de linguagem, graphia e expressão, por parte da professora.

E desse modo se farão composições, bilhetes, versos passados para prosa resumida, trabalhos esses que explicarei nos proximos numeros.

LEONOR POSADA.

Exercicio de linguagem

(Um mez de aula em uma das turmas de segundo anno da Escola Nilo Peçanha).

1.^a SEMANA

Segunda — Formar tres phrases, empregando respectivamente as palavras:

madeira e arvores
casas, moveis e objectos
carpinteiro e marceneiro.

Modelo — A madeira é tirada do tronco das grandes arvores.

Fazem-se de madeira algumas partes das casas, os moveis e diversos objectos de uso.

Chama-se carpinteiro o homem que trabalha com a madeira e marceneiro o que faz moveis.

Terça — Dictado (tendo em vista firmar a regra orthographica referente á consoante nasal postarticulada de accordo com a letra que se lhe segue).

A falta de vento fez com que muitas embarcações ficassem immoveis dentro da bahia durante um tempo immenso.

Quarta — (Flexão de numero).

Passar para o plural as seguintes phrases:

A boa acção é sempre louvavel.

O cavallo é animal muito util.

A borboleta azul é a que mais me encanta.

O pescador feriu-se com o anzol.

O barril rolou da carroça.

A licção de Geographia foi difficil.

Sexta — Empregar no presente, com todas as pessoas grammaticas, a expressão:

Admirar o talento e a virtude.

Sabbado — Exercicio de redacção.

Descripção — Uma casa ... habita ...

de ...
No ... terreo ficam ...

No ... superior estão ...

Aos ... ha ... e na frente o ...

Todos os ... são bem ... e muito ... conforme é ...

Modelo — Antonio habita uma casa de dois pavimentos.

No andar terreo ficam: a sala de visitas, a de jantar, a copa, a despensa, a cosinha e o banheiro.

No pavimento superior estão os dormitórios.

Aos fundos da casa ha um grande quintal e na frente um bonito jardim.

Todos os aposentos da casa são bem illuminados e muito arejados, conformé é necessario.

2.^a SEMANA

Segunda — Formar quatro phrases á vista de uma gravura.

Terça — Dictado (visando o mesmo fim da licção anterior).

Os campos de pastagem são immensos no Brasil. São tão fertes e abundantes que merecem ser ambicionados. Bastariam para alimentar o Igado de todo o mundo.

Quarta — Passar para o plural as seguintes phrases:

A flôr transforma-se em fructo.

O mar fica revoltado quando ha tempestade.

O talher de prata é o mais hygienico.

O bom professor estima seu alumno.

A raiz suga o alimento necessario ao vegetal.

O rapaz que não estuda torna-se inferior ao companheiro estudioso.

Sexta — Empregar no presente, com todas as pessoas grammaticaes, a expressão:

Comprender a licção de Geographia.

Sabbado — Escrever a um colleg'a, contando a impressão que tem com a approximação do exame.

3.^a SEMANA

Segunda — Formar tres phrases, empregando respectivamente as palavras:

Maio e descobrimento.

Setembro e independencia.

Novembro e republica.

Terça — Dictado (tendo por fim evitar o emprego da cedilha antes de l e de i).

As abelhas, o bicho da seda e a cochonilha são os insectos mais uteis. As abelhas fornecem o mel e a cera; a preciosa lagarta fabrica o delicado fio que tanto apreciamos; da cochonilha extráe-se uma substancia util á tinturaria.

Quarta — Passar para o plural as seguintes phrases:

O irmão de Maria estuda muito.

O pão é feito de trigo.

O menino colheu lindo botão na roseira.

Aquelle himem soccorre ao pobre.

O bom alumno prepara sempre a licção.
Sexta — Empregar no presente, com todas as pessoas grammaticaes, a expressão:
Applaudir as boas acções.

Sabbado — Composição. O vestuario.

Uso umas roupas de ..., outras de ..., outras de ... e algumas de ...

São de tecido de ... minhas ... meus ... de uso ...

Reservo meus vestidos de ... para o ... e para os dias ...

Visto ... no ... porque ...

As roupas de ... são proprias para ... ou para ... de cerimonia.

Modelo — Uso umas roupas de algodão, outras de lã, outras de linho e algumas de seda.

São de tecido de algodão minhas roupas brancas e meus vestidos de uso diario.

Reservo meus vestidos de lã para o inverno e para os dias chuvosos.

Visto roupas de linho no verão, porque com ellas sinto menos calor.

As roupas de seda são proprias para passeio ou para festas de cerimonia.

ULTIMA SEMANA

Segunda — Formar quatro phrases á vista de uma gravura.

Terça — Dictado (tendo por fim firmar os preceitos orthographicos ensinados nas licções precedentes).

Embora não seja um animal nocivo, a cigarra está longe de comparar-se aos tres insectos de que já nos occupámos. Seu ciclar constante por vezes nos incommoda.

Quarta — Passar para o plural as seguintes phrases:

O mal que afflige aquelle doente é incuravel.

O consul deve ser respeitado, qualquer que seja o paiz a que pertença.

Aquella mercadoria não vale um real.

Não é real a historia contada pela Vovó a seu netinho.

Sexta — Empregar no presente, com todas as pessoas grammaticaes, a expressão:

Pôr goiabas na fructeira.

Sabbado — Escrever á professora, desculpendo-se por não ter comparecido á aula:

OBSERVAÇÕES

1) Alguns destes exercicios dão ensejo a palestra sobre diversos pontos das disciplinas do programma:

1.^a SEMANA

Segunda — materias primas (a proposito da palavra madeira).

Terça — technologia geographica (a proposito da palavra bahia).

2.^a SEMANA

Terça — animaes uteis (a proposito da palavra gado).

Quarta — vida das plantas (a proposito da primeira e da quinta phrase).

3.^a SEMANA

Segunda — a lição é por si mesmo um trabalho sobre Historia Patria.

Terça — insectos uteis e tecidos (a proposito do bicho da seda).

Quarta — materias primas e caridade (a proposito da segunda e da quarta phrase).

4.^a SEMANA

Quarta — insectos uteis e nocivos (a proposito de todo o trecho).

II) Os exercicios de sexta-feira podem ser enunciados de modo diverso, substituindo alguns pronomes por substantivos.

Exemplo — Modificar convenientemente a expressão: admirar o talento e a virtude — falando no presente e empregando as palavras: eu, tu, Maria, eu e Pedro, tu e teus collegas, Paulo e João.

III) Os exercicios de redacção não dispensam, nesta classe, o auxilio facilitando a disposição methodica dos periodos, bem como o modelo que deve ser organizado oralmente ou por escripto, no quadro, ou melhor ainda dos dois modos simultaneamente, o que se torna muito mais proveitoso, pois que, interessa ao mesmo tempo os tres typos de memoria: visual, auditivo e tactil-motor.

Do mesmo modo devem ser exemplificados os exercicios de phraseologia.

IV) Nas cartas o professor ensinará ao alumno: a dirigir-se a pessoa a quem escreve de maneira amistosa ou simplesmente delicada, conforme fôr conveniente; a expôr o assumpto com simplicidade, rapidez e clareza; a despedir-se com a primeira expressão de affecto que lhe occorrer, ou com palavras de respeito e consideração, conforme o caso exigir.

Desde esta classe pôde ser ensinado e deve merecer especial cuidado o tratamento a empregar, de accordo com a pessoa a quem se dirige a carta.

A concordancia do verbo com o sujeito, bem como deste com seus modificativos, etc., etc., não pôde ser de modo algum descuidada.

V) Na formação de plural em phrases completas o alumno deve attender cuidadosamente á concordancia e deve aprender

a conversar intactas as palavras invariaveis, valendo-se para isso da interpretação feita do sentido da phrase.

VI) Sendo imprescindivel obrigação do professor evitar o erro, pois que uma vez commettido, ha sempre tendencia a repetir-o inconscientemente, visto como, na maioria dos casos, o engano se transforma em habito, deve a aula de dictado ser precedida por demorado commentario acerca do trecho escolhido. Este deve ser escripto no quadro, lido e interpretado pelos alumnos; a significação das palavras menos communs deve ser explicada e os vocabulos cuja orthographia possa offerecer duvida ou dificuldade devem ser novamente escriptos, destacados do trecho e em caracteres bem visiveis, de modo a despertar a attenção mesmo aos mais distrahidos.

VII) Na descripção de estampas, os alumnos auxiliados pelo professor na comprehensão do assumpto, devem dividil-o em suas partes capitaes de modo que a cada uma dellas corresponda uma phrase ou diversas se fôr conveniente.

Desse modo as crianças aprendem a desprezar as minudencias desnecessarias á comprehensão geral do quadro, pontuam o trabalho com facilidade e o conjuncto das phrases fórma a descripção methodica da scena representada.

Jardelina R. da Silva

Uma lição de portuguez no 5.^o anno

Emprego do «porque»

Orientação pedagogica — A correcção de exercicios de redacção abre a porta a excellentes lições praticas de grammatica. Assim o professor após o julgamento dos trabalhos escriptos (cartas, descripções, narrações, etc), em relação á substancia, ao estylo, ou á orthographia, aproveitar-se-á de quaesquer senões commettidos pelos discipulos, para lhes dar uma excellente lição de Portuguez, que, sem ser fastidiosa, offerecerá verdadeiro attractivo aos educandos.

Realisação da lição — Classificando os trabalhos escriptos para estimulo da classe, o professor dirá: — «Julieta, sua prova merece francos elogios, você meditou bastante e por isto escreveu bem.

«Evitou repetições, foi moderada no uso dos verbos *ser* e *haver*, desembaraçou-se dos participios, evitou palavras estrangeiras, fugiu da vulgaridade e tornou assim o seu trabalho interessante e harmonioso.

«Colloco-a, portanto, em 1.º lugar.

«A de Laura obtem o 2.º, por ter posto nella o coração. A de Luiza o 3.º. Esta ultima se destaca das demais pelo perfeito coordenamento de idéas e rigorosa observancia de periodos curtos.

Todas as outras estão regulares e prometttem...

Noto, porém, em quasi todos os trabalhos a palavra «porque» mal applicada.

Escreve-se «por que», em duas palavras, quando essa expressão puder ser substituida por «pelo qual, pela qual, pelos quaes, pelas quaes», isto é, quando a palavra «que» é relativo, assim: «O meio por que elle conseguiu isso, não é correcto. (Candido Lago).

«As alamedas por que trilhou...», isto é, pelas quaes trilhou.

«Foram tantas as transformações por que passou a Igreja... (Latino Coelho) isto é, pelas quaes passou a Igreja».

Escreve-se «por que» ainda separadamente, quando o vocabulo «que» está com força interrogativa. Exemplo: «Por que razão reprovaram os teus alumnos? Por que motivo foste mal classificada?»

Nos demais casos, escreve-se «porque» numa só palavra, como: «Ninguém sabe o porque d'aquellas informações... Tu és infeliz e eu sei porque tú o és. (Alexandre Herculano). Não dais logar a que vos peça, porque me mandais tudo» (Rodrigues Lima).

Certo de ter sido bem comprehendido e terminada a explicação, o professor poderá dar um exercicio escripto sobre o assumpto.

Convem notar que os exemplos do mestre devem ser graphados no quadro negro.

EXERCICIOS

Graphar convenientemente «por que» ou «porque» em lugar do traço.

Os mathematicos muito apreciam o — Os collegas ignoram o — de tão brusca expulsão. As amarguras — temos passado. Eu te darei as razões — assim procedo. O motivo — não vim ao theatro é de natureza confidencial. — razão choraste? Não sei o — da questão. Ir-me-ei embora — tenho trabalho a que não devo faltar. Não vou — não devo ir.

Compôr phrases empregando «porque» conjunctamente. Formar phrases applicando «por que» separadamente.

Maria Clelia de Mello e Silva

ATRAVEZ DAS REVISTAS

O fundo e a forma

Costuma-se a distinguir nos trabalhos do espirito, o fundo ou as idéias da fórmula ou expressão. Citam-se autores sem estylo ao lado de outros sem idéias; julga-se tal livro «bem escripto mas pobremente pensado», chega-se dest'arte a notar em separado o fundo e a fórmula, e quando no ambiente escolar se falla da «crise da linguagem», entende-se sobretudo uma crise do estylo, parecendo admittir-se que os nossos alumnos tenham uma solida instrução technica, noções e conhecimentos amplos e bem assimilados e que não erram senão por descuido ou pela impossibilidade de exprimirem as suas idéias. Possuem o fundo, faltando-lhes sómente a fórmula.

Não ha duvida que existem regras para a formação da phrase, do periodo, da composição. Ha uma «estylistica» que facilmente se condensa em um pequeno numero de regras muito simples; ha uma syntaxe que é preciso conhecer e respeitar. Até certo ponto o estylo é ensinado e aprendido e na escola não podemos prescindir de certos exercicios que têm por fim a elocução, a redacção, a expressão das idéias ou, em summa, a fórmula. Mas cumpre-nos dizer que estas licções, por muito importantes que sejam, não bastam para o ensino da linguagem; o que mais releva é disciplinar o pensamento.

Bem pensado, o fundo e a fórmula são inseparaveis e é o fundo que traz a fórmula. Convenhamos que a correccção orthographica e syntactica é extranha ás idéias e independente dellas, mas havemos todos de reconhecer que a ordem e a vivacidade dos nossos pensamentos (e ahi está o estylo) dependem da concepção e da associação delles em nosso espirito, de accôrdo com os nossos sentimentos, o nosso temperamento intellectual e moral, emfim com o que ha em nós de mais pessoal e intimo. E' neste sentido que se pôde dizer: «o estylo é o homem». A ordem na exposição coherente, vem do conhecimento exacto do assumpto, de uma nitida visão de todas as suas partes e reciprocas relações. O que é distinctamente concebido pôde, por muitos meios, ser enunciado com clareza e segundo um plano logico. O estylo, além do mais, terá vivacidade e colorido, si a ideia ella mesma fôr imbuída de sentimento, sincera e ardente. A ordem e a vivacidade das idéias criam a ordem e a vivacidade da expressão. A segurança, a facilidade e o vigor com que manejamos a nossa lingua medem o valor

do nosso espirito. Raciocinae com segurança, fugindo á loquacidade e tereis um estylo firme e valoroso; ao contrario, si a vossa ideia é vaga, confusa e pobre, o vosso estylo ha de ser chato, desordenado, exangue e sem vida.

Certo alumno que tendo feito em exame final uma composição de que ficou a mais triste lembrança, escreve hoje admiravelmente com a mais natural e viva eloquencia. Donde vem esta mudança? A vida, a experiencia, a reflexão enriqueceram os seus conhecimentos e como o effeito segue a causa, o seu estylo evoluiu tambem.

Isto posto, haveis de reconhecer que a crise da linguagem não é um mal localizado em determinado ponto dos nossos programmas. Não é, como se diz, apenas um «ramo» atingido, mas toda a arvore; não é uma parte que soffre, é o todo; e cujo enfraquecimento se manifesta na debilidade do nosso exercicio de composição, synthese, principio e fim de todas as nossas lições e tambem prova e pedra fundamental de todo o nosso ensino. Nossos alumnos, salvo honrosas excepções, não têm senão conhecimentos vagos e limitados, fragmentados e dispersos; vêm as cousas em conjuncto, sem detalhes, satisfazem-se com «o pouco mais ou menos»; não se acostumaram a traduzir as suas impressões, a ver claramente dentro e fóra de si mesmos, a meditar e observar; são inclinados a repetir o que ouviram ou leram, a cederem á preguiça e a contentarem-se com banalidades. Como hão de assim produzir um trabalho que satisfaça? Uma torrente de conhecimentos varios se derrama sobre elles que, muitas vezes, não dispõem nem do tempo nem da capacidade de os comprehender e assimilar. Sepultam na memoria obscuridades, ideias mortas. Por que milagre hão de ter o estylo? Jámais adquiriram a noção do que é perfeito, do que é bello; como exigil-a em suas composições?

Tudo concorre no nosso ensino, tanto as lições de sciencias como as de litteratura, as lições de cousas e arithmetica como as lições de grammatica e moral, para formar o estylo dos nossos alumnos que não deveremos considerar um ornamento, um adorno da ideia, mas sim uma necessidade imprescindivel.

Repitamos — quanto vale a ideia, tanto vale o estylo. Joubert dizia, fallando dos seus esforços de «estylista», de cinzelador de pensamentos delicados: «Não é a minha phrase que procuro polir, mas a minha ideia». Eduquemos pois, nossos alumnos na arte de reflectir, de conduzir a ideia ao estado de maturidade. Senhores assim do fundo, obterão a fórma como coroaamento.

A autoridade pela brandura

Certo pessimista definia assim uma classe de alumnos: «é uma reunião de pequenos demonios cujo desejo é se divertirem com o mestre». E' evidente o exaggero e mesmo a injustiça. Mas si o alumno não é intratavel, ha de ser irrequieto e versatil; si não é inteiramente máo, ha de ter sempre a independencia precisa para estudar, sondar o professor, apalpar sua resistencia e força, até que na maioria dos casos, empenhe com elle uma lucta surda e continua.

A «classe» é um agrupamento que se não organisa expontaneamente. Será o professor a presa dos seus alumnos ou saberá elle contel-os em ordem, fazer-se escutar e obedecer, obtendo um trabalho regular e seguido? Questão palpitante para muitos, capital para todos.

A disciplina depende da autoridade do mestre sobre os alumnos. Mas que é autoridade?

Bem se vê que nos referimos á autoridade moral e não á «violencia», cujo objectivo é menos educar que domar e abater as naturezas indocéis ou rebeldes — extremos que convém discriminar na occasião. Mas, considerando os casos geraes e assentando-os no terreno da educação liberal, sómente diremos que a autoridade é uma certa superioridade que inspira o respeito e a obediencia aos alumnos. Para alguns professores é um dom natural, para a maior parte é uma conquista da vontade e um fructo da experiencia. Assim, um principiante cuja classe é um cháos, sabendo querer e dirigir-se, poderá firmar-se e adquirir prestigio pessoal que dê efficacia aos seus menores conselhos. Não é a idade que trará este resultado, porque não raro se vêm velhos professores desprestigiados; não é tambem com ser corpulento nem parecer na voz um comandante de tropas, porque temos conhecido gigantes com a voz de Stentor que são grandemente escarnecidos; não são mesmo as ameaças nem ainda as punições, porque os castigos pódem criar uma ordem material de solida apparencia mas, em realidade, artificial e precaria. Convençamo-nos que a autoridade nasce das qualidades de coração, de espirito e sobretudo de character.

E' uma emanação, uma influencia e, ou-sariamos dizer, uma maneira de encantar. E' a acção toda espiritual e pessoal do professor sobre os alumnos que elle ama e pelos quaes acaba sempre por ser amado, do professor que se mantém por um alto ideal contra os desfallecimentos e canceiras inevitaveis, que se dedica, que se interessa pelo ensino e que, acima de tudo, possui e re-

vela em todas as circumstancias um temperamento igual e firme. A autoridade não encontra mais terrível adversario que a irritabilidade, o nervosismo, o máo humor caprichoso e phantastico.

A serenidade, ou mais precisamente, a equanimidade do professor é para os escolares em geral, e especialmente para as crianças nervosas que formam a maioria, o mais efficaz dos sedativos. A calma é contagiosa, garante, solidifica e produz a calma. Demais, a paciente firmeza, a gravidade moderada do professor sempre senhor de si, suppõem a continuidade nos sentimentos, nas ideias e na acção. E' precisamente este o regimen que convém á mocidade. Effervescente e vehemente, exaggerada, mas imbuida do sentimento da justiça, a mocidade curva-se diante das regras que sente serem fixas, immutaveis e racionais. Instinctivamente, as crianças e os adolescentes percebem que só a razão os deve corrigir e, quanto menos arbitrarios os seus professores, quanto mais parecem exemptos da paixão e ao abrigo das emoções vivas, quanto mais falam e agem como os primeiros servos de uma lei impessoal, tanto mais são respeitados e obedecidos. Observae todos aquelles que têm maneiras disciplinadas e haveis de ver que imitam grandemente os juizes: applicam friamente, sem transportes nem alterações, um código bem definido, bem explicado e muitas vezes repeido. «Já te preveni e adverti varias vezes; a tua falta não tem perdão, has de ser punido». Eis a linguagem da imparcialidade e do sangue frio.

Mas si a emoção empurpurece nosso rosto, si nossa voz se altera, si nossos gestos se exaggeram, si palavras duras ou injurias sahem de nossos labios, as crianças percebem logo que somos um exaltado e não um juiz, convencem-se que é o ardor da paixão e não o sentimento da justiça e do bem geral que nos agita. Em vez de encarnarmos a autoridade e a ordem, apparecemos como um infeliz á mercê das excitações, com os nervos em desordem, aturdido por um turbilhão de ideias desconexas e como que desligado de todas as conveniencias. Que degradação e que queda!

Não ha duvida que o enraivecimento nos amesquinha aos olhos das crianças; ainda que passageiro, elle nos torna ridiculos e temidos embora não desestimados.

Na maioria dos casos, a autoridade moral não resiste aos choques repetidos, a uma irritação permanente, a um temperamento desigual. Pouco a pouco o prestigio do mestre diminue, desaparece.

Não ha attitude mais anti-pedagogica do que a do professor nervoso, sensível ás manoes contrariedades, extremado em tudo,

sincero e expontaneo embora, más susceptivel, espinhado, descontente de si e dos outros, atormentando e sendo atormentado. Elle personifica a inquietude, a falta de linha e de dignidade que se propõe a combater; é a primeira victima desses adversarios e mostra desdizer pelos actos os seus preceitos e desmentir pela conducta as suas licções. Exemplo deleterio e pernicioso inconsequencia.

A calma, temol-o dito, póde-se conquistar por uma escrupulosa vigilancia de si mesmo. E' questão de constancia e previdencia. Não é mister, para conseguirmos a calma, empregarmos grandes esforços ou possuirmos vigorosa vontade; basta empregarmos a que nos é natural. Convém lembrar que, na maioria dos casos nossos nervos se irritam por nossas proprias faltas. O resultado é fatal para a nossa tranquillidade, e as criticas provocadas pelos nossos erros nos ferem de perto e perturbam por muito tempo. A humilhação, ainda que intima, nos força a ruminar todas as nossas miserias, reaes ou presumidas; vemos tudo negro, experimentamos uma sensação de desagradavel volupia em nos sentirmos infelizes; e então, nesses momentos, seriamos capazes de declarar guerra ao mundo inteiro, desejariamos tudo evitar, pagando logo após com amargos soffrimentos estes accessos de hypochondria. O remedio em tal caso consiste em cultivarmos e cuidarmos do nosso mais elevado amor-proprio. Satisfeito, este será terno e nos mostrará o lado bello da existencia.

Esta hygiene do amor-proprio nos leva a corrigirmo-nos, a cumprirmos sagradamente nossos deveres, a evitarmos as desordens, a nos livrarmos enfim de todos os incidentes desagradaveis, afim de não experimentarmos contrariedades. Nada de perder tempo: um dia de ociosidade atormenta mais que uma noite de insônnia. E' a certeza do dever cumprido que faz nascer a tranquillidade. Tudo é tempestade para quem não vive em calma.

Tambem devemos fazer toda a diligencia por trabalhar com methodo. O trabalho precipitado cansa e esgota mais que outro; ainda que quatro vezes maior, realizado com inteira tranquillidade de espirito. Quando nos desempenhamos calmamente e cumprimos com pontualidade nosso dever, ganhamos consideravelmente não só em relação ao tempo como em relação á tranquillidade, de espirito.

E' preciso, pois, methodisar o nosso trabalho, prever e organizar de modo a evitar o mais possivel o imprevisto e o incognito. terror dos temperamentos sensiveis. O precipitado que não previne a desordem será attingido e dominado por ella.

A calma obtida á força de constancia, de methodo e de consciencia não é a esterilização do sentimento. Este, no professor como no alumno, é a fonte da vida escolar e portanto não se trata de esterilizar nossa sensibilidade, mas somente de regra-a e encerrá-la em seus justos limites. Deste modo seremos sempre amados e respeitados. São o amor e o respeito dos alumnos os elementos da autoridade, assim como é a calma a sua primeira condição.

Helena.

O DESENHO

Ninguem descõhece o interesse, cada vez mais progressivo, que se tem manifestado a favor do ensino do desenho nas escolas primarias.

Realmente, para desenvolver o espirito de observação e excitar a actividade natural da infancia, conduzindo a creança a dar expansão a sua imaginação fértil, não ha auxiliar mais precioso que o desenho.

No desenho a personalidade da creança se revela e pelos seres informes que nos apresenta podemos reconhecer-lhe o grão de observação.

Causa-lhe o maior prazer a reproducção dos objectos que lhe são familiares e que ella estima. Esses objectos podem ser copiados ou desenhados de memoria, o que é de grande valor educativo pois desenvolve na creança o habito de abstrahir.

Com os methodos modernos, já desenhavam do natural, cousa que até bem pouco tempo, era apenas reservado aos alumnos das escolas superiores.

O insuccesso dos antigos methodos era devido ao facto dos professores apresentarem modelos que desagradavam aos alumnos e exigirem que fossem fielmente reproduzidos. Hoje não procedemos assim. Escolhemos os modelos de accordo com o gosto dos alumnos e os deixamos, tanto quanto possivel, em liberdade na interpretação, chamando-lhes attenção, apenas, para os erros muito flagrantes.

Evitamos as continuas correcções, pois, que estas só despertam o desanimo do alumno.

Deixamos que elle, por si mesmo, vá corrigindo as imperfeições do seu trabalho.

É um phenomeno psychologico muito conhecido, que um desenho sempre parece bom á quem o executou, isto porque a pessoa o vê tal qual elle se representa em sua imaginação e não como está representado no papel; por isso, é conveniente que os alumnos façam a apreciação dos trabalhos dos collegas.

Sem de todo abandonar as bases geometricas, já não exigimos da creança os exer-

cicios do traçado de linhas em diferentes posições, o que para ella era por demais enfadonho.

O assumpto para a aula de desenho deve sempre se referir a uma lição ou a um facto recente que possa impressionar agradavelmente o espirito dos alumnos; este será o factor principal para o bom exito do trabalho.

Os alumnos estudam o claro e escuro, observando os objectos collocados em diversos pontos da sala de aula e a projecção das sombras são verificadas sobre a superficie da mesa.

Devemos deixar que dêem expansão aos pensamentos que se elaboram nos tenros cerebros pois é de grande vantagem que os conhecimentos que vão adquirindo resultem da propria observação; além disso, a professora poderá verificar se não deram aos factos interpretação erronea.

As noções de perspectiva serão adquiridas do mesmo modo.

Abrindo as janellas, a professora mostrará as montanhas que circumdam a nossa formosa cidade e chamará attenção para a mudança apparente que notamos no colorido, no tamanho das arvores e principalmente das casas que vistas a distancia se representam como pequenas manchas claras no fundo escuro dos montes.

Ao apresentar como modelo um cubo ou paralelepipedo, que serão representados por caixas que tenham essas formas, a professora fará contar as faces do modelo e depois collocando-o em um plano tal que as creanças possam observar a face superior, arguirá os alumnos sobre o numero de faces visiveis. Collocando o mesmo objecto sobre uma superficie plana, irá elevando-a vagarosamente para que observem as mudanças apparentes que a face superior vae soffrendo até que elevada á uma certa altura, já não seja visivel aos alumnos.

A perspectiva do circulo é mais difficil de se transmitir; é preciso que a professora a execute no quadro negro tal como deve ser representada em desenho para que elles se convençam.

Na observancia do programma actual, terão os alumnos de desenhar especimens da fauna e flora do Brasil.

Está claro que não nos será possivel apresentar modelos de todos os representantes da fauna brasileira; no entanto, facil será escolhemos alguns que poderão ser reproduzidos com prazer pelos alumnos.

Entre as produções do paiz, o café e o cicaço, apresentarão bellissimos modelos. Os pequenos fructos do cafeeiro, prestam-se ainda para motivo de decorações tanto em desenho como em bordado, assim como as flores alvissimas, semelhantes aos jasmims.

Não é preciso ser artista para ensinar desenho na escola primaria, mas sim possuir conhecimentos de pedagogia e psychologia infantil.

Com um pouco de paciencia e algum methodo, as difficuldades do ensino de desenho serão sanadas, pois que essa disciplina não tem por objectivo crear artistas e deve ser ministrada com character simplesmente educativo.

A necessidade do ensino de desenho na escola primaria é patente, se observarmos que muitas alumnas da Escola Normal não sabem «vê»; de qualquer lado em que estejam, vêm sempre o objecto de face.

A educação dos sentidos e a observação da ordem, asseio e disciplina, serão as principaes vantagens das aulas de desenho, além da multiplicidade de noções que os alumnos vão adquirindo.

A habilidade da professora tem grande importancia na aula de desenho, como em todas as outras, pois é necessario que ella saiba communicar o enthusiasmo aos alumnos que, confiantes em si mesmos, não receiarão difficuldades.

ALDA PEREIRA DA FONSECA.

Como a criança aprende a ler

A criança analfabeta transpõe a sala de aula, com o fim de receber ensinamentos que lhe dissipem, progressivamente, as nevoas do espirito avido de novidades, confuso, mas em geral capaz de observar com justeza.

Ao professor cabe importante tarefa: vae guiar, acompanhar o desenvolvimento do pequeno cerebro em formação, para que revele bom character, se instrua e incline para o bem, assim como do mimoso botão se espera o desabrochar de viçosa corolla, impregnada de encantos suaves, fructo de cuidada preparação.

A criança, não podendo obter noções exactas, entregue aos seus proprios recursos, vae procurar a escola, onde tem a certeza do amparo de creaturas dedicadas, interessadas no bom desempenho da elevada incumbencia que a patria lhes confere.

Abandona, assim, a criança, por algumas horas, os jogos infantis; descansam a boneca, o arco, a bola, a corda, tantos outros folguedos que lhe delicias a alma, capazes de attrahir a embevecida, causadores de argentinas risadas que nos fazem tambem sorrir.

Senta-se á carteira de collegial; nada sabe, mas quer aprender a lêr, deseja escrever.

Começa aqui a missão do mestre.

E' da linguagem escripta que me occuparei. Applica-se-lhe o methodo de sentencição, que resultados tão promptos deixa apreciar e fornece os dados para o que se deseja gravar na mente infantil.

Uma das sentenças, lida em aula, é escolhida para figurar no quadro negro, sob á fórma de caracteres de imprensa e manuscrito commum.

A phrase é logo reconhecida; mas a criança, com a timidez propria do primeiro dia de aula, sente difficuldade invencivel em imitar, na pequenina lousa que se lhe dá, o traço que vê: confessa nada poder fazer.

Nos dias subsequentes, começa fazendo alguns riscos que a nada se assemelham; o mestre não descoroço a este primeiro esforço e, variando a collocação das palavras, conserva-as no quadro durante algumas aulas de escripta.

A criança habituando-se ao que vê fazer, observando o feitio que, lentamente, se dá ás letras, vae procurando imital-as: aos illegiveis traços succede aos poucos uma semelhança ao que ella attentamente vê e observa.

Contente, vem mostrar o que fez e deve sempre receber um elogio a tão boa vontade; nunca se lhe diga que apague o que rabiscou por estar feio e máo.

Enalteça-se esse pequeno esforço, mas não se martyrizem os que erram.

Nunca desanimal-o, principalmente na primeira tentativa que o alumno apresenta.

Os progressos são tão sensiveis e suaves que, ao fim de alguns dias, já vemos o alumno copiar, embora com letras de tamanho irregular, a phrase escripta no quadro negro.

Precisa então o alumno praticar mais e mais.

Gradualmente vae sendo apagada a sentença em caracteres de imprensa — inicio apenas de comparação —: repete-se a phrase quatro ou cinco veez, e a criança se vae animando, estimulando, enchendo-se de esperanças.

Desde o primeiro dia de aula attender-se ha vigilantemente á boa posição do corpo, da pedra, da mão, á maneira de segurar o lapis, corrigindo-se o pessimo habito de apagar com a saliva o que não parece bem feito.

Não se precisa pegar na mão da criança para que ella escreva; este seu esforço é util; só é necessario corrigir-lhe os defeitos que deixa no trabalho.

E' bello vêr como cada qual fica contente quando por fim consegue escrever o proprio nome, abandonando logo, por inutil, o papel que servia de modelo.

Pode-se depois passar a exigir as mesmas phrases em caderno de pauta dupla.

Convém premiar, para emulação, o alumno que melhor cuidar do seu caderno,

proibir o uso da borracha para que esse alumno se acostume a fazer bem e attentamente a escripta desde a primeira vez.

O mestre escolherá criteriosamente, variando-os, os meios que avivem as energias da alma da criança, nunca deixando que desta se apodere o desanimo.

Com o exercicio frequente a letra se vae igualando e deixando lêr perfeitamente; já o principiante poderá copiar trecho de qualquer livro, com a devida pontuação, quasi sem erros, porque desde o primeiro dia se habituou a contar só comsigo, a observar com exactidão, a meditar attento.

E' assim que posso declarar terem muitas crianças, de todo analphabetas, conseguido escrever rapidamente com boa letra no curto periodo de 1.º de Março a 31 de Julho.

Convém notar que foram apenas 107 dias lectivos ou 3 mezos e 17 dias.

E' um triumpho para esse methodo intuitivo.

Maria Constança da Rocha

THEATRO ESCOLAR

CANTANDO E RINDO n. 3019, publicado no *Jornal de Noticias* em 6 de Setembro de 1905, e em avulsos, para distribuição ao povo, em 7 de Setembro de 1918, na festa commemorativa da Independencia, realisada pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Vocês, meus filhos, alem
Desta casinha onde estão,
Outra maior ainda têm:

E' o Brasil!... Guardem bem
Guardado no coração!

E' um palacio inaudito,
Com muita luz, muitas flores...
Deus, o Architecto perito,
Foi quem o fez tão bonito,
Cheio de tantos primores!...

Parece até de magia...
Não ha no mundo outro igual!
Ha muito que elle existia;
Mas, inda não se sabia...
Quem disse — foi Portugal!

Possue riquezas sem fim,
Muitas até sem saber...
A terra é um vasto jardim...
O ceu — constante festim...
Faz gosto nelle viver!

Que casa grande e bonita!
Vocês, crescendo, verão!...
E a gente que nella habita,
Para acolher a visita,
Tem sempre aberto o portão!...

Nunca lhe é forasteiro
Qualquer que chegue da rua...
O Coração é o porteiro,
Que mostra a casa ao estrangeiro,
Dizendo: — Entre, que é sua!

Tudo que é bom — elle tem!
Formoso igual — Deus não fez!...
Amem-no mais que a ninguém!
Sinão Papae, ouçam bem,
Não abençoa Vocês!...

Lulú Parola

(Aloysio de Carvalho)

Conquistas

Palpita nagua azul a aza dourada
Do dia renascente;
Turba-se a onda, ao beijo de assustada
Ave, que vem do Oriente...
Onde estou? Aonde vou? aonde? aonde?
Soluça o marinheiro, á barcarola;
— E o murmurio do mar, em vão, responde!
E a onda, a mansa vaga desenrola...
— Para além! ruge o mar, o tenebroso,
Oceano invencivel...

E o éco traz o grito imperioso
Da voz irresistivel.—
Fogem as velas — pandas, inquietas,
Dalvinitente espuma á flor mimosa;
Bando aligero d'alvas borboletas
Saltitantes á flux dagua radiosa.

Mas o pelago, ás náos da lusitana
E gloriosa gente,
Curva a cerviz leonina e soberana
E estira-se dormente...
Ao longe, no horizonte, aureolada
De luz, eil-a que surge, scintillante...
Terra! grita a maruja arrebatada;
Terra! diz de Cabral a voz possante.

Cabral, perscruta, além, o céu do Oriente...
Qu'importa, si o desejo,
Trouxe-o, mais forte, ás bandas do Occidente
E arrebatou-o ao Tejo!
Santa Cruz! Santa Cruz! Nome bemdito!
Gloria real do audaz conquistador:
Em vão te apagam desta Terra! escripto
Estás no céu, no solo, em nosso amor!

Zelia Amador

III--LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

3.º ANNO

A Constituição. Feriado de 24 de Fevereiro.

Chama-se constituição ao conjunto de leis principaes de um paiz. Nessas leis se baseiam todas as outras.

A nossa Constituição foi promulgada a 24 de Fevereiro de 1891; essa data, por isso, ficou sendo de feriado nacional.

A nossa Constituição estabelece que o Brasil, dividido em 20 estados, é uma republica federativa, isto é, que cada estado se governa por si, havendo ainda um governo geral, ou governo federal, que cuida dos interesses geraes do paiz.

Ella trata da organização desse governo federal, dos governos dos estados e do Districto Federal, occupa-se ainda com diversas providencias para que todos os cidadãos brasileiros sejam iguaes perante a lei, e que os direitos destes sejam garantidos e respeitados. Ella é, pois, a base de toda a nossa vida como nação; e todas as leis, regulamentos e medidas quaesquer do governo devem estar de accordo com elle.

A Constituição estabelece que todos são iguaes perante a lei, e que ninguém pôde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa, senão em virtude de lei.

Por esta ultima determinação a lei fica sendo o amparo e a garantia dos cidadãos, ao mesmo tempo que a norma por que devem pautar todos os seus actos.

Todas as leis e actos do governo, quaesquer que sejam, devem estar de accordo com a Constituição. Ella é pois o fundamento de toda a vida politica do nosso paiz.

Usar do mesmo processo aconselhado para o 5.º anno — entregar aos alumnos exemplares da Constituição para que por si mesmos a conheçam.

5.º ANNO

A nossa constituição

A lição de que em seguida vem aqui o summario, deve ser dada aos alumnos, fornecendo-lhes um ou mais exemplares da nos-

E' na escola que o povo se transforma em nação.

COELHO NETTO.

4.º ANNO

A Constituição

Constituição é o conjunto das leis basicas de uma nação. Estabelece a organização politica do paiz e determina e garante os direitos dos cidadãos.

Todo cidadão deve conhecê-la perfeitamente, para poder acompanhar a vida politica de seu paiz, e saber quaes são seus direitos e deveres.

A nossa constituição foi promulgada a 24 de Fevereiro de 1891; essa data ficou sendo de feriado nacional.

Ella estabelece que o Brasil é uma federação, ou republica federativa: cada estado governa-se por si, mas ha tambem um governo federal, ou da União, que se occupa dos interesses geraes, de todo o Brasil.

A nossa constituição trata da organização federal, fazendo de terminações relativas aos tres poderes: executivo, legislativo e judiciario, trata da organização dos estados e declara quaes os direitos do cidadão brasileiro.

sa Constituição. Isso terá a enorme vantagem de fazer-lhes vêr por si mesmos, o que corresponde a sensível diminuição de esforço e de tempo no aprender.

O que é constituição. Organização politica do paiz, direitos dos cidadãos. Necessidade de que estes a conheçam, para estarem inteirados de seus direitos e deveres, e poderem acompanhar e comprehender a vida politica do paiz.

A 1.ª constituição brasileira, outorgada por Pedro I, em 1824, e que vigorou até 1889. A actual: elaborada por uma commissão nomeada pelo Governo Provisorio e sujeita à approvação do congresso constituinte. Promulgação a 24 de Fevereiro de 1891. Esse dia feriado.

Regimen adoptado: republica federativa, em que consiste.

Divisão da Constituição em cinco titulos, de que trata cada um delles; completam-na disposições transitorias.

De cada um dos titulos o professor indicará apenas o que ha de essencial, e que aqui vae discriminado:

Titulo primeiro — organização federal, forma de governo adoptada, attribuições do governo da União, dos estaduais, etc., organização e attribuições dos tres poderes.

Titulo segundo — os estados: cada um reger-se-á pela constituição e pelas leis que adoptar, respeitadas os principios constitucionaes da União; mostrar a importância capital desta disposição.

Titulo terceiro — do municipio, ideia rapida.

Titulo quarto — qualidades do cidadão brasileiro, declaração de direitos. Principios

basicos desses direitos: ninguem póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude de lei; todos são iguaes perante a lei. Mostrar o alcance e a importancia dessas determinações.

Titulo quinto — disposições geraes. (Sem discriminar) disposições transitorias (Idem idem).

Todas as leis do paiz, todos os actos do poder executivo ou do judiciario devem ser conformes á Constituição, base de toda a nossa organização politica. Os que não preencherem tal condição essencial, são completamente nullos.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

3.º ANNO

O homem primitivo e o homem civilizado.

Começará a mestra perguntando ás creanças si notam differenças nos habitos dellas mesmas e nos das pessoas que conhecem.

Encominhadas nessa observação, chegarão a apontar facilmente a superioridade de dotes moraes e intellectuaes de umas creanças sobre outras e dos homens entre si.

Ellas reconhecerão que têm mais valor, maior prestigio, as creanças maiores, mais adiantadas e que revelam mais juizo.

Fazendo-se-lhes notar as differenças existentes entre o homem das cidades, vivendo entre pessoas mais ou menos cultas, e um camponez rustico, ignorante e rotineiro, aprenderão que «o meio» influe poderosamente sobre os costumes dos individuos e que a facilidade de obter instrucção, o contacto com os mestres e a gente instruida dá ao homem superioridade.

Estabelecerá a comparação entre um homem pouco culto, um rustico, e um dos habitantes do interior de Matto Grosso, desses que entraram em contacto com pessoas de nosso «meio» por occasião das extraordinarias excursões de Rondon; homens que ficaram até hoje no estado em que foram encontrados seus ascendentes, em 1500, porque fugiram dos colonisadores, do «meio» que lhes daria a civilização.

Mostrará quanto temos nos adiantado, no saber, nas commodidades da vida, habitação, transportes, melhoramentos de ruas, estradas, cidades, em tudo emfim, comparada nossa vida actual com a de 400 annos passados, e até muito menos que isso.

Conversando com as creanças acerca dos usos e costumes dos selvagens, comparados com os nossos, dirá a mestra que esses ho-

mens mostram mais ou menos o que deveria ser a humanidade num tempo muito remoto, ha muitos milhares de annos. Falará sobre os achados das cavernas, primeiras habitações do homem e dirá que nossos primeiros paes, dotados de intelligencia, foram melhorando suas condições de vida, procurando mais conforto nas habitações, na vestimenta.

O sustento e a defesa exigiam trabalhos de, que resultou o inicio da industria, fabricação de instrumentos, armas, vasilhas, etc., muito rudimentares a principio, de pedra, depois mais aperfeiçoados, de metal, bronze primeiro, ferro depois.

Dirá em seguida que os selvagens encontrados no Brasil, em 1500, assim como os que ainda hoje habitam nossas selvas virgens, são homens que não progrediram como outros povos, não se tornaram civilizados, mas que podem facilmente adquirir nossos habitos e conhecimentos, como já se deu com muitos delles, desde que passem a viver em nosso convívio, em nosso «meio».

Essa transformação rapida e radical do homem selvagem em homem civilizado é feita em breves tempos desde que o ultimo, em adiantado estado de aperfeiçoamento, está apto a transmittir os conhecimentos que possui; porém, ainda assim, muitos annos e muito trabalho se gastarão nessa empreza.

Procure fazer a creança ter noção do «tempo» e do «esforço» necessario para fugir á ignorancia, tornar-se creatura util, culta, civilizada; compare o tempo que gastamos hoje a nos instruir com o que seria necessario a um selvagem para adquirir, sem mestres, as habilidades de qualquer de nós.

E, si ainda hoje, tomada qualquer creatura ignorante, muito, muito tempo, e muitos esforços são necesarios para transmittir-lhe os ensinamentos que já possuem os homens civilizados; si muitos annos, mais de

quatrocentos, foram necessários para a transformação do Brasil e dos brasileiros do estado de atraso em que estavam em 1500, ao de grande progresso que hoje se verifica em todos os ramos de conhecimentos, calculem, dirá a mestra ás creanças, a extensão do tempo que se terá passado para que a humanidade chegasse a se transformar tão completamente, caminhando de conquista em conquista, de progresso em progresso, num constante evoluir para o aperfeiçoamento, para a perfeição que ainda não foi alcançada apesar do gigantesco trabalho realizado por milhares de gerações desde 5 ou 6 mil annos passados até hoje.

M. A.

5.º ANNO

EGYPCIOS

Antes de entrar em materia deve a mestra fazer notar que o estudo da Historia representa importante papel na instrução, porque são lições de experiencia e de saber que bebemos na vida de outros povos. Mas esse estudo deve se basear em documentos de tal valor que atestem firme e incontestavelmente o que se passou; é o que se não dá relativamente ás épocas remotissimas do primeiro periodo de existencia da humanidade, tempos cheios de duvidas e incertezas e cujo estudo é do dominio da Pre-Historia.

A Historia, baseada em documentos encontrados, nos dá a conhecer as menores particularidades da vida dos povos, tornando conhecidas antigas civilizações extinctas, umas, sobreviventes outras; e, de accordo com o tempo em que viveram os povos de que se occupa, divide-se a Historia em: Antiga, Media, Moderna e Contemporanea.

Fale a mestra que, dentre os povos da antiguidade, destaca-se o Egypto. (Mostre, no mappa, esse paiz, hoje sob o protectorado inglez, fale na sua situação geographica, nas condições de seu solo, oasis em meio de desertos, nos mares que o banham; no famoso Nilo, prenda dos ceos, e ao qual se deve a prodigiosa fertilidade do terreno). Diga que os antigos Gregos, que muito aprenderam no Egypto, affirmaram, com razão, ser esse paiz «um presente do Nilo». Mostre como, durante as cheias, é o territorio invadido pelas aguas, que sobem 8 e 10 metros, e fertilizado pelo lodo ou nateiro que transportam das regiões do sul e depositam nos terrenos alagados.

Conhecido o paiz, pelo mappa, bem explicadas as condições naturaes do solo, que é

hoje o que era ha 6 mil annos passados, diga a mestra que a Historia do Egypto se revela atravez dos grandiosos monumentos erguidos pelo povo que o habitou em eras remotissimas, porém está ainda hoje bastante obscura porque a escripta deixada nesses monumentos, os *hieroglyphos* (figuras de animaes e caracteres extravagantes), era um enigma, só decifrado no seculo passado, por Champollion, investigador francez. Fale que nas inscrições dos tumulos apparecem indicações a respeito do defunto que fazem saber importantes factos da Historia e Civilização egypcias, chegando-se a ter toda a historia de um reinado quando se trata do tumulo de um rei. Diga que foram encontrados escriptos em *papyro* (folha de planta, especie de junco que cresce ás margens do Nilo), em pelle e barro, mas não se possui uma narração seguida e completa da Historia do Egypto: são listas de reis, narrações de seus feitos, contos, etc. Por elles se sabe comtudo muita cousa exacta sobre a vida desse povo cuja civilização, completa e original, não soffreu influencias extranhas e foi o centro de formação da nossa, pois os Gregos a assimilaram e transmittiram ao Occidente.

Fale a mestra na origem remota do povo egypcio (tribus vindas da Asia ou do centro da Africa, ou de ambos os logares), que se fixaram, desbravaram e arrotearam o terreno, regularizando as cheias do Nilo, fazendo a boa distribuição das aguas e convertendo os lamaçoes lodosos em campos de cultura. Encareça a grandiosidade dessa obra, trabalho penosissimo, gigantesco, que mostra o elevado gráo de adiantamento do povo, que só poderia ter sido realizado por muitas gerações, em muitos seculos. Mostre que nisso se revela a antiguidade remota desse povo, pois, por mais antiga que seja a epocha a que remonte a Historia, já se encontra acabado esse trabalho de adaptação.

Pelos documentos encontrados e pelo que de verdadeiro sobre o Egypto nos contam os antigos historiadores gregos, póde-se affirmar que o povo egypcio foi pacifico, agricultor por excellencia, intelligente e industrioso. Os homens, de côr avermelhada, andaram nus, a principio, depois cobriam-se com uma simples tanga, usando os nobres pelles de animaes ferozes; as mulheres, moreno-claras, eram respeitadas e vestiam saia apertada presa por suspensorios, especie de tunica; usavam braceletes, collares e se pintavam.

As mais antigas tribus usaram o bronze e o ferro e já tinham domesticado muitos animaes, empregando o boi nos trabalhos do campo. (Mostre gravuras representando esses trabalhos).

Os Egypcios se tinham pelo povo mais antigo do mundo: seu rei, *Pharaó*, era tido como filho do deus Sol e sua imagem na Terra; no governo era auxiliado por governadores de provincias. Os sacerdotes formavam a classe illustrada a quem se confiava o culto dos deuses, e exerciam grande influencia; só elles e os *escribas* sabiam ler e escrever os hieroglyphos e isso era de grande importancia. Os guerreiros ou nobres eram grandes senhores de terras; os pobres formavam o povo. Os trabalhos pesados da lavoura e das construcções foram executados pelos escravos, que eram tratados sem piedade.

Diga que, durante uns 40 seculos, o Egypto formou um imperio tendo por capital Memphis, a principio, e Thebas finalmente.

Fale nas referencias do Velho Testamento ao captivo dos Hebreus, salvos por Moysés.

Diga que os egypcios não foram agricultores exclusivamente; praticaram todas as industrias: louça, tecidos, moveis, ourivesaria, vidro, esmalte, etc; cultivaram as sciencias: geometria, astronomia, arithmetica, sciencias physico-naturaes, metallurgia, medicina; as artes: architectura, pintura, esculptura.

A architectura grandiosa dos monumentos deixados formam o mais precioso legado dos egypcios: as *pyramides* immensas (a maior tem quasi 150 m. de altura) erguidas no meio do deserto de Gizeh, são tumulos de pharaós; os templos são construcções gigantescas tendo na frente, de cada lado, *obeliscos* a que se seguem aleas de esphinges, e com tectos sustentados por columnas enormes e altares guarnecidos de estatuas majestosas pela grandeza, porém duras e monotonas em sua immobilitade. A esculptura, simples, cheia de vida a principio (exemplo o «Escriba acocorado», museu do Louvre) tomou feição de immobilitade por influencia religiosa.

(Mostre a mestra varias gravuras ou estampas).

Da pintura nos deixaram, muitos exemplares: homens que lavram, plantam, etc.; procissões e festas. Os animaes são bem representados mas a figura humana é imperfeita e o colorido muito vivo.

O sentimento religioso dominava o egypcio; todas as cidades tinham seus deuses principaes, porém era quasi geral o culto a *Osiris*, que era considerado o pae, o Sol em seu esplendor, a *Isis*, a mãe, e *Horus*, o filho, o sol nascente; esses deuses eram representados por figuras humanas, por animaes, ou corpo humano e cabeça de animal, convertendo-se *Osiris* no boi *Apis*, *Isis* em uma vacca e *Horus* em gavião. Outros deuses eram representados por gatos, crocodilos, rãs, sendo esses animaes conside-

rados sagrados. A morte não era temida pelo egypcio, era uma passagem para vida melhor; acreditavam que o espirito não morria, vagava pelo espaço podendo vir descansar no corpo, (para isso era elle cuidadosamente conservado), e comparecia diante de *Osiris* para ser julgado. O culto dos mortos, no Antigo Imperio, dá em resultado a construcção das *pyramides*; é tambem dessa epoca a grande esphinge de Gizeh.

Foram encontrados utensilios, armas, comida e bilhas d'agua nos sepulcros; explica a mestra que a crença na volta do espirito ao corpo obrigava a esses depositos.

Diga que no Medio Imperio e no Novo deram mais importancia á construcção de templos e que os egypcios se preocuparam mais com as construcções de tumulos e templos (conservados até hoje pelas areias do deserto), do que com as edificações particulares.

Termine dizendo que a civilização egypcia attingira uma grande perfeição muitos seculos antes da era christã (uns 4 mil annos), teve periodos de maior ou menor esplendor, decahiu com a conquista persa (525 annos A. C.), enfraqueceu-se muito com a conquista dos gregos, que a assimilaram, e se extinguiu, tendo o Egypto cahido em poder dos romanos, vencida Cleopatra por Cesar, imperador de Roma.

M. A.

GEOGRAPHIA

CATARACTAS BRASILEIRAS

Resultantes da configuração plastica do terreno, as cataractas e cachoeiras do Brasil contam-se por dezenas. Citaremos, todavia, apenas, as mais notaveis, já pelo volume de suas quedas, já por suas bellezas naturaes que tantas pennas celebres têm immortalizado.

Assim Paulo Affonso imponente, despeñando-se num salto de 80 metros de altura, provocou na grande alma pantheista de Castro Alves o poema sempre com prazer compulsado; e o Salto Grande do Jequetinhonha originou as morbidas paginas da *Walsa Phantastica*, em que Affonso Celso de ordinario tão voluntariamente singelo, enriquece com factos impressionistas, em que vibram commoções realmente sentidas, o seu captivante estylo.

Como é sabido, a cachoeira de Paulo Affonso, entre os Estados da Bahia e Alagoas, é um accidente do caudaloso São Francisco que, como o Jequetinhonha, percorre em grande parte o estado da Bahia. No rio Paraná podemos citar a cachoeira de Uru-

búpunga, (T. Savio) ou Urubupongá (João Severiano da Fonseca) e o grandioso salto das Sete Quedas.

Citamos esses accidentes como os mais dignos de menção, reservando, entretanto, para a respeito della discorrer mais amplamente, a cataracta do Rio Iguassú.

Segundo informes de viajores competentes, entendidos e imparciaes é a cataracta do Iguassú a primeira das maravilhas desse genero no mundo inteiro. Corresponde o volume de suas aguas a vinte milhões de cavallos-vapor, sendo essa a mais pujante queda do globo terraqueo.

A magnificencia do spectaculo offerecido pelas quedas d'agua é incomparavel e arrebatadora.

Fallece o poder descriptivo dos que tem tido a ventura de contemplar a famosa cachoeira e confessa-se impotente, falho, para traduzir a magestade assombrosa desses logares.

Superior á do Niagara cuja queda é de 45 metros de altura apenas, a do Iguassú attinge a 62 metros. Na primeira a queda é brusca, rigida, ao passo que mil variedades de aspectos offerece o brasileiro thesouro ainda tão mal conhecido e ignorado. Variiegados, são os matizes desse panorama em

que o liquido e argentino elemento despenha-se fragoroso, imponente agora, para mais além, entre elevadissimas muralhas dum límoso verde negro, espalhar-se em ondas infinitas de rendas liquidas murmurejantes. A nevoa perpetua tudo envolve: aos clarões matinaes do sol, irisa-se a liquida e refrigera poeira em reflexos aureos, argenteos opalinos.

A fauna desses logares apresenta preciosos exemplares entre a passarada que os habita, superpondo mais bellezas á magica topographia. E não só aves ornamentaes, de plumagem luxuriante, emprestam notas alacres ás margens privilegiadas do Iguassú; orchideas epiphyticas, piperaceas e aroideas maravilhosas, em suas caprichosas manifestações, desabrocham ao lado de outros opulentos especimens de nossa flora, cujo immenso cabedal ascende a mais de 200.000 especies.

E, infelizmente, tudo isso é ainda quasi selvagem, inexplorado — a civilização brasileira não estendeu até lá a mão benéfica do progresso. Os *touristas* que lá surgem são, em sua quasi totalidade, argentinos. São tam-bem raros os hoteis que possam offerecer conforto aos excursionistas.

Judith Gitahy de Alencastro

LINGUA MATERNA

1.º ANNO

Trabalhando, o homem é feliz

(Leitura e recitação)

O homem de outros tempos
Não tinha lar, tinha a gruta.
Durante o dia buscava
Agua fresca e alguma fruta.

Aberia dentro da rocha,
A gruta é um canto sombrio:
A, entrada, ramos, folhagem,
Em cima as aguas de um rio.

Sem roupa, sem agasalho,
Sem cama fôfa e macia,
O homem, triste, vagava,
Não trabalhava, não lia.

Vocabulario a explicar :

Homem de outros tempos — o que viveu antes de todos os nossos avós, não sabia fazer nenhum trabalho, vivia nas arvores e nos buracos; lar — casa da familia onde ha o fogão ou fogareiro em que se faz o fogo para aquecer o ar e cozinhar os alimentos; gruta — buraco que existe nas

pedras muito grandes, cavernas, aberturas da rocha; rocha — a pedra da montanha; som-brio — escuro, onde não entra a luz do sol; ramos — galhos de arvores; folhagem — muita folha; vagava — não parava muito tempo num lugar; quando não havia mais frutas num ponto, andava, andava, até en-contral-as noutras logares.

Aproveitará a professora a oportunidade de pintar em côres vivas a triste condição do homem primitivo; dirá das vantagens do trabalho; comparando a gruta humida de paredes rugosas, sombria, com a nossa casa mobiliada e fechada ás intempéries, salientará os efeitos do trabalho; deverá oppôr á idéa do homem trepado na arvore, nú e vagabundo, a figura respeitavel do pae de familia cercado de carinhos e de conforto no lar.

Esta composição servirá ainda ás aulas de desenho, de geographia e de sciencias physicas e naturaes:

A idéa que as creanças formaram do ho-mem primitivo, encontrará sua expressão no desenho. Farão a arvore, a gruta e o ho-mem, mas alguns collocarão, talvez, a caverna no alto, sobre o monte. A professora corrigirá

essa impropriedade. A arvore desenhada terá talvez os galhos horisontaes cortando um traço vertical representando o tronco.

A professora mandará que observem uma arvore, a curvatura dos ramos e sua disposição natural relativamente ao tronco.

Conseguirá, repetindo o desenho, alguns dias, que as creanças delineiem arvores que viram, e, juntando a força imaginativa aos productos da observação, debuxem trechos de bosques.

2.º ANNO

A lição da laranjeira

(Leitura e escripta)

Carlinhos, um peralta que não parava um instante, tinha sete annos, era lindo e fresco como uma flor, mas dava grande trabalho á mamãe para andar asseiadinho. Não gostava da agua e nunca, por sua vontade, procurava lavar-se. Os patos e marrecos, porque se banhavam continuamente no tanque, eram os heroes de sua imaginação. A mamãe tinha enorme desgosto nisso e dava-lhe conselhos. Mas, na occasião do banho, Carlinhos esquecia as boas palavras da mamãe e as lições de hygiene que lhe dava na escola a professora, e desmanchava-se em lagrimas. Tinha horror á agua que lhe ia aos olhos, ao nariz, ao ouvido e á bôca e esperneava porque devia lavar muito bem os dedos e as unhas. Era um tormento o banho de Carlinhos. Os patos zombavam de sua fraqueza grasnando alto dentro do tanque cheio d'agua. Elle aceitava, humilhado, a zombaria, porque não se fazia forte para emendar-se. Mas a mamãe perdeu um dia a paciencia, zangou-se e privou-o das frutas e dos doces. A sobremesa Carlinhos experimentou uma dôr que nunca sentira, vendo na fruteira bananas madurinhas e laranjas tão vermelhas que lhe faziam agua na bôca. Não chorou, porém; e, á noite, já mettido na cama, disse consigo mesmo: Que aborrecimento! nem uma laranja chupei! mas amanhã bem cedo me desforro. Sem que a mamãe o veja, vou depressa ao pomar e comerei as frutas que quizer.

De manhã occupava-se a mamãe nos primeiros arranjos da casa e já o peralta, ainda em camisinha, andava no pomar. Uma laranjeira nova de folhas brilhantes, carregada de laranjas maduras, attrahia-o. Carlinhos deixou-se tentar e não considerou que praticava uma acção má enganando sua mãe. Deu um salto e segurou-se com força no primeiro galho da arvore. Logo, porém, cahiu soltando um grito. Orvalhara muito

durante a noite e a laranjeira, sacudida, deixara tombar sobre o peralta uma chuva perfumada que o molhara da cabeça aos pés. Perto, no cercado das gallinhas, os patos grasnavam alto, alto... Carlinhos sentiu um calor extranho tomar-lhe o rosto e levantou-se, decidido a tomar banho.

Vocabulario a explicar.
Peralta — muito travêso, artiloso; heroes — fortes, corajosos, capazes de praticar ou de soffrer grandes trabalhos; imaginação — pensamento, idéa; desgosto — contrariedade, aborrecimento; dava-lhe conselhos — mostrava-lhe a melhor maneira de proceder; hygiene — cuidados para manter a saúde, principalmente o asseio do corpo, da roupa, da casa; horror — muito medo; esperneava — sacudia as pernas; tormento — grande aborrecimento; zombavam — caçoavam, troçavam, vaiavam; humilhado — abatido em todas as suas forças; emendar-se corrigir-se; privou-o — não lhe deixou a liberdade, retirou sua licença, seu sentimento; experimentou — sentiu; fruteira — prato alto onde se collocam frutas; desforro-me — dou satisfação ao meu capricho, á minha vontade; attrahia-o — chamava-o; deixou-se tentar — consentiu em ser levado, puxado; não considerou — não reflectiu, não pensou bem, não ponderou; uma acção má — um movimento digno de censura, de ralhos; orvalhada — cahiram gottinhas d'agua, chuvinha produzida pelo vapor que sobe da terra e resfria-se durante a noite; extranho — nunca visto, ou que não conhecia; decidido — resolvido por sua propria vontade.

Terá a professora ensejo de recommendar os cuidados hygienicos, salientando as vantagens do imperio da vontade sobre as más tendencias e vicios do organismo.

3.º ANNO

Carta com o tratamento na 2ª pessoa do singular

Elita escreve a Isaura censurando-a pelo descaso com que trata a roupa branca. Presenceara o arrebatamento de sua amiguinha despregando toda a renda da saia, sómente porque estava solto um pedaço. Estavam presentes outras meninas e por isso nada lhe falou do que sentiu no momento. A amizade, porém, impõe sinceridade franca e, na discreção de uma carta, pôde dizer-lhe que uma menina tem o dever de ser branda nos gestos, cuidadosa e delicada no trato de tudo que occupa um logar a seu lado. A roupa que se descose ou esgarça, não fica por isso condemnada a fazer-se em tiras;

ao contrario, pôde ainda servir bem, si a dona é zelosa e se dispõe a refazer a trama ou repregar as peças descosidas. Um remendo bem feito é, ás vezes, muito interessante e sempre proveitoso. As meias serzidas duram outro tanto do tempo que serviram novas. E não é sómente na musica, nos bordados ou na pintura que se revela a arte de uma menina. Nos arranjos da casa, na ordem, no asseio, na economia é que brilham as qualidades de quem é boa filha, boa irmã e ha de ser dona de casa um dia.

4.º e 5.º ANNOS

Elementos para uma composição

Na praia.

Admiração, prazer ou espanto que experimentou diante do mar. Os encantos naturaes do logar. Estado calmo ou agitado das vagas e do ar. O espectáculo do mar e do céu. A coloração das aguas e da praia. Dizer o que se passou em sua alma durante o tempo que permaneceu á beira-mar; o que sentiu ouvindo o soluço ou o rugido das ondas e contemplando a vastidão do mar.

Dizer o que viu na praia e o que a vista alcançou em torno, no horizonte.

A professora, provocando, na classe, recordações de passeios dados pelos alumnos, irá reconstruindo quadros que se completarão pela imaginativa das creanças.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

5.º ANNO

Mez de Junho

Razões e proporções

(Continuação)

Em nossa ultima lição tinhamos chegado á noção de proporção, tinhamos estabelecido que ha duas especies de proporções e tomámos conhecidas as notações respectivas.

Vamos hoje, continuando, estudar as proporções propriamente ditas, que nós interessam na solução das questões da chamada arithmetica commercial.

Seja a proporção

$$\frac{12}{3} = \frac{20}{5}$$

ou

$$12 : 3 :: 20 : 5$$

Os quatro numeros que constituem a proporção chamam-se — *termos da proporção*. O primeiro e o ultimo termos denominam-se *os extremos*; o segundo e o terceiro, *os meios*, denominações estas que correspondem á situação que os termos occupam no todo, isto é, na proporção.

Ao primeiro e ao terceiro termos (portanto ao primeiro termo de cada razão) dá-se o nome de *antecedente*; aos que se lhe seguem, e que são o segundo e o quarto termos, dá-se o nome de *consequentes*.

Quando os meios são iguaes na proporção, ella se diz *continua*. Assim:

$$\frac{3}{9} = \frac{9}{27} \text{ ou } 3 : 9 :: 9 : 27$$

é uma proporção continua.

Principio fundamental:

Em toda a proporção, o producto dos extremos é igual ao producto dos meios.

Seja a proporção

$$\frac{5}{8} = \frac{15}{24}$$

Se tomarmos para denominador commum d'estas duas fracções 8×24 , teremos, reduzindo as fracções ao mesmo denominador:

$$\frac{5 \times 24}{8 \times 24} = \frac{15 \times 8}{8 \times 24}$$

Ora, se estas duas fracções são iguaes e se os respectivos denominadores são iguaes, os numeradores são tambem e forçosamente iguaes. Assim:

$$5 \times 24 = 15 \times 8$$

igualdade que satisfaz o principio estabelecido.

Consequencia do principio fundamental: Este principio permite sempre achar o valor de um termo desconhecido da proporção, desde que se conheçam os outros tres.

Seja a proporção

$$12 : 3 :: 20 : x$$

em que a letra x designa o extremo desconhecido, cujo valor se quer determinar.

Pelo principio fundamental, teremos:

$$126 = 3 \times 20$$

e se 12 vezes $x = 3 \times 20$ é que x tem um valor 12 vezes menor do que 3×20 ou

$$x = \frac{3 \times 20}{12} \text{ ou}$$

$$x = \frac{60}{12} = 5$$

Substituindo na proporção dada, x pelo seu valor, teremos:

$$12 : 3 :: 20 : 5 \text{ ou}$$

$$\frac{12}{3} = \frac{20}{5}$$

D'ahi, a regra pratica:

— Para se determinar o valor do extremo desconhecido numa proporção, basta multiplicar os meios entre si e dividir o producto pelo extremo conhecido.

Seja agora o termo desconhecido um dos meios, que representaremos por x .

Seja a proporção

$$12 : 3 :: x : 5$$

Applicando o principio fundamental, teremos:

$$12 \times 5 = 3x$$

e se um numero 3 vezes maior do que x é igual a 12×5 é que x é 3 vezes menor do que 12×5 ou

$$x = \frac{12 \times 5}{3} \text{ ou}$$

$$x = \frac{60}{3} = 20$$

Substituindo na proporção x pelo seu valor, teremos:

$$12 : 3 :: 20 : 5$$

ou

$$\frac{12}{3} = \frac{20}{5}$$

D'ahi, a regra pratica:

— Para se determinar o valor do meio desconhecido numa proporção, basta multiplicar os extremos entre si e dividir esse producto pelo meio conhecido.

Reciproca do principio fundamental:

Se o producto de dous numeros fôr igual ao producto de outros dous, com os quatro se formará uma proporção, occupando os

factores de um producto os extremos e os do outro os meios.

Seja a igualdade:

$$7 \times 6 = 2 \times 21$$

Se dividirmos ambos os membros d'esta igualdade por 2×6 teremos:

$$\frac{7 \times 6}{2 \times 6} = \frac{2 \times 21}{2 \times 6}$$

Simplificando as fracções resultantes, ou, o que é o mesmo, sopprimindo os factores communs em cada um dos membros da igualdade, teremos:

$$\frac{7}{2} = \frac{21}{6} \text{ ou}$$

$$7 : 2 :: 21 : 6$$

Este principio permite alterar de varios modos a ordem dos termos de uma proporção, desde que o producto dos extremos seja sempre igual ao producto dos meios.

Assim, a proporção:

$$\frac{7}{2} = \frac{21}{6}$$

póde ser transformada nas seguintes:

$$\frac{7}{21} = \frac{2}{6}$$

$$\frac{6}{2} = \frac{21}{7}$$

$$\frac{2}{7} = \frac{6}{21}$$

$$\frac{21}{6} = \frac{7}{2}$$

que todas satisfazem a condição

$$7 \times 6 = 2 \times 21$$

A primeira transformação consistiu em trocar o logar dos meios entre si; a segunda, em trocar o logar dos extremos entre si; e chama-se a isso — *alterar*. Pela terceira transformação, os meios passaram a extremos e os extremos a meios, e chama-se a isso — *inverter*.

Pela ultima, foi mudado o logar das razões, ou, para dizer melhor, foi permutado o logar das razões, e chama-se a isso — *transpôr*.

E' possivel ainda, a um tempo, alternar e inverter, alternar e transpôr, inverter e transpôr, e finalmente alternar, inverter e transpôr.

Chama-se *quarta proporcional* um dos termos de uma proporção, em relação aos outros tres. Assim, na proporção:

$$\frac{12}{3} = \frac{20}{x}$$

x é a quarta proporcional aos números 12, 3 e 20.

Já sabemos determinar o seu valor:

$$x = \frac{3 \times 20}{12}$$

Chama-se *terceira proporcional* um dos extremos de uma proporção continua.

Na proporção:

$$\frac{9}{6} = \frac{6}{x}$$

x é a terceira proporcional aos números 9 e 6.

Applicando a propriedade ou o principio fundamental ás proporções, no caso indicado, teremos:

$$9x = 6 \times 6$$

ou

$$9x = 6^2$$

d'onde se conclue ser x 9 vezes menor do que 6^2 ou

$$x = \frac{6^2}{9} \text{ ou}$$

$$x = \frac{36}{9} = 4$$

E substituindo x pelo seu valor na proporção

$$\frac{9}{6} = \frac{6}{x}$$

teremos:

$$\frac{9}{6} = \frac{6}{4} \text{ ou}$$

$$9:6::6:4$$

A terceira proporcional é pois o quadrado do meio dividido pelo extremo conhecido.

Chama-se *média proporcional* o meio desconhecido na proporção continua.

Assim, a proporção

$$\frac{4}{x} = \frac{x}{16}$$

x é a média proporcional entre 4 e 16.

Applicando o principio fundamental á proporção dada, teremos:

$$4 \times 16 = x \times x$$

ou

$$4 \times 16 = x^2$$

e se o quadrado de x é igual a 4×16 é que x (que é a raiz quadrada de x^2 é igual á raiz quadrada de 4×16)

$$x = \sqrt{4 \times 16}$$

isto é, que a media proporcional ou o meio desconhecido na proporção continua é igual á raiz quadrada do producto dos extremos.

Ha ainda algumas propriedades das proporções de que teremos de lançar mão na resolução dos problemas da arithmetica com, mercial e que devem por isso ser aqui consideradas. Logo no processo arithmetico denominado — regra de tres — e que constitue, por assim dizer, a chave d'aquella solução, ser-nos-ha necessario applicar o seguinte principio:

— Multiplicando-se termo a termo ou *ordenadamente*, como é costume dizer, duas ou mais proporções, os productos ainda formam proporção.

Com effeito, dadas por exemplo as proporções

$$\begin{array}{r} \frac{4}{8} = \frac{5}{10} \\ \frac{6}{18} = \frac{7}{21} \\ \frac{9}{36} = \frac{3}{12} \end{array}$$

e multiplicando-as ordenadamente, teremos:

$$\frac{4 \times 6 \times 9}{8 \times 18 \times 36} = \frac{5 \times 7 \times 3}{10 \times 21 \times 12}$$

Ora, nós começamos por multiplicar $\frac{4}{8}$

por $\frac{6}{18}$ e $\frac{7}{21}$ por $\frac{5}{10}$ o que equivale a multi-

plicar ambos os membros de uma igualdade

pelo mesmo numero, visto que $\frac{6}{18}$ é igual

a $\frac{7}{21}$ e isso, já o sabemos ha muito, não altera o valor da igualdade, que é no nosso

caso a proporção $\frac{4}{8} = \frac{5}{10}$.

Fizemos depois a multiplicação ordenada de

$$\begin{array}{r} \frac{4 \times 6}{8 \times 18} = \frac{5 \times 7}{10 \times 21} \\ \text{por } \frac{9}{36} = \frac{3}{12} \end{array}$$

o que ainda equivale a multiplicar ambos os membros de uma igualdade pelo mesmo numero, visto que o primeiro membro foi multiplicado por $\frac{9}{36}$ e o segundo por $\frac{3}{12}$ e estes dous valores são iguaes.

— Em toda a proporção, a somma ou a differença dos dous primeiros termos está para o segundo, assim como a somma ou a differença dos dous ultimos está para o quarto.

Seja a proporção

$$\frac{12}{3} = \frac{16}{4}$$

Sommando ou subtrahindo a unidade a ambos os membros d'esta igualdade, teremos

$$\frac{12}{3} + 1 = \frac{16}{4} + 1$$

$$e \quad \frac{12}{3} - 1 = \frac{16}{4} - 1$$

Effectuando as operações indicadas:

$$\frac{12+3}{3} = \frac{16+4}{4}$$

$$e \quad \frac{12-3}{3} = \frac{16-4}{4}$$

que podemos reunir numa só igualdade:

$$\frac{12 \pm 3}{3} = \frac{16 \pm 4}{4}$$

ou

$$12 \pm 3 : 3 :: 16 \pm 4 : 4$$

princípio que queremos demonstrar.

D'este princípio resultam dous outros:

1.º Em toda a proporção, a somma ou a differença dos dous primeiros termos está para o primeiro, assim como a somma ou a differença dos dous ultimos está para o terceiro.

Assim, a proporção

$$\frac{12}{3} = \frac{16}{4}$$

alterando-a, teremos:

$$\frac{12}{16} = \frac{3}{4}$$

Applicando á primeira proporção o principio acima estabelecido, virá:

$$\frac{12 \pm 3}{3} = \frac{16 \pm 4}{4}$$

Alternada tambem esta ultima proporção:

$$\frac{12 \pm 3}{16 \pm 4} = \frac{3}{4}$$

Ora

$$\frac{3}{4} = \frac{12}{16}$$

logo, podemos substituir na penultima igualdade o segundo membro por $\frac{12}{16}$ e teremos:

$$\frac{12 \pm 3}{16 \pm 4} = \frac{12}{16}$$

E finalmente, alternando esta ultima proporção, teremos:

$$\frac{12 \pm 3}{12} = \frac{16 \pm 4}{16} \text{ ou}$$

$$12 \pm 3 : 12 :: 16 \pm 4 : 16$$

princípio que nos propuzemos a demonstrar.

2.º Em toda a proporção, a somma dos dous primeiros termos está para a somma dos dous ultimos, assim como a differença dos dous primeiros está para a differença dos dous ultimos.

Seja a proporção

$$\frac{12}{3} = \frac{16}{4}$$

Applicando-lhe o penultimo principio estabelecido, teremos:

$$\frac{12 \pm 3}{3} = \frac{16 \pm 4}{4}$$

Separando as duas igualdades englobadas na igualdade acima, teremos:

$$\frac{12+3}{3} = \frac{16+4}{4} \quad (a)$$

$$e \quad \frac{12-3}{3} = \frac{16-4}{4} \quad (b)$$

Se alternarmos a igualdade (a) virá:

$$\frac{12+3}{16+4} = \frac{3}{4}$$

Se alternarmos a igualdade (b) virá:

$$\frac{12-3}{16-4} = \frac{3}{4}$$

Ora, sendo iguaes os segundos membros de duas igualdades, é evidente que os primeiros tambem o são; logo

$$\frac{12+3}{16+4} = \frac{12-3}{16-4} \text{ ou}$$

$$12+3 : 16+4 :: 12-3 : 16-4$$

princípio que queremos demonstrar.

E se ainda alternassemos esta ultima proporção, teriamos:

$$\frac{12+3}{12-3} = \frac{16+4}{16-4} \text{ ou}$$

$$12+3 : 12-3 :: 16+4 : 16-4$$

isto é, que a somma dos dous primeiros termos de uma proporção está para a sua differença, assim como a somma dos dous ultimos está também para a sua differença.

Poderiamos ainda estabelecer dous principios, também decorrentes do que serviu de base aos dous ultimos demonstrados; e vêm a ser:

1.º Em toda a proporção, a somma ou a differença dos antecedentes está para a somma ou a differença dos consequentes, assim como qualquer antecedente está para o seu consequente.

2.º A somma dos antecedentes está para a sua differença, assim como a somma dos consequentes está para a sua differença.

Effectivamente, se tomarmos a proporção

$$\frac{12}{18} = \frac{6}{9} \text{ ou}$$

$$12 : 18 :: 6 : 9$$

e a alternarmos, teremos:

$$12 : 6 :: 18 : 9$$

Se applicarmos a esta proporção o principio já estudado, que — a somma ou a differença dos dous primeiros termos está para o segundo assim como a somma ou a differença dos dous ultimos para o ultimo, teremos:

$$12 \pm 6 : 6 :: 18 \pm 9 : 9$$

E se alternarmos esta ultima proporção, virá:

$$12 \pm 6 : 18 \pm 9 :: 6 : 9$$

o que demonstra o primeiro d'estes dous ultimos principios.

Se tomarmos agora esta ultima proporção e separamos as duas que nella se acham englobadas, teremos:

$$12 + 6 : 18 + 9 :: 6 : 9$$

e

$$12 - 6 : 18 - 9 :: 6 : 9$$

ou

$$\frac{12+6}{18+9} = \frac{6}{9}$$

e

$$\frac{12-6}{18-9} = \frac{6}{9}$$

Ora, sendo os segundos membros d'estas duas igualdades perfeitamente iguaes, é evi-

dente que os primeiros também são iguaes entre si, isto é, que

$$\frac{12+6}{18+9} = \frac{12-6}{18-9}$$

ou

$$12+6 : 18+9 :: 12-6 : 18-9$$

E alternando, virá finalmente:

$$12+6 : 12-6 :: 18+9 : 18-9$$

o que demonstra o ultimo principio estabelecido.

Terminado assim o estudo das proporções no que elle offerece de indispensavel á resolução facil e rapida dos problemas baseados na — regra de tres — encetaremos na proxima lição a sua applicação ao estudo d'este processo arithmetico.

O. C.

HISTORIA NATURAL

Os animaes domesticos — seu tratamento; perigos a que está sujeito o homem que com elles vive.

Animaes domesticos são chamados todos aquelles que, de character brando, se submettem com doçura ao dominio do homem, associando a sua existencia á delle.

E' quasi dispensavel citar a lista das especies mais facilmente domesticadas; em todo o caso, porém, como homenagem aos multiplos beneficios que nos prestam, lembremos os nomes daquelles que mais intimamente se ligam a nós.

Figuram em primeiro logar os cães, gatos, cavallos, bois, camêlos, carneiros, as cabras, os porcos, as gallinhas, os perús, gansos, patos, coelhos, pombos e muitos outros.

Todos esses animaes adaptaram-se de tal maneira ao convivio do homem, collaborando na sua actividade, que, por assim dizer, se tornaram indispensaveis instrumentos da civilisação, tantos são os lucros e as vantagens que delles usufruimos, no commercio, na industria e na sciencia.

Por isso, a nossa excepcional superioridade de racionalismo nos obriga a tratá-los com benignidade amavel e a defendel-os de perversos ataques, porque, em quasi todos, predominam raras qualidades de coração e de intelligencia.

São dedicados, affeiçoam-se leal e firmemente á pessoa que os dirige; são gratos, abnegados, doces, submissos, obedientes, in-trepidos e sagazes.

Accrescentemos ainda, em favor delles, a singular memoria e o notavel entendimento que predominam na maioria das especies.

Infelizmente, porém, não é sem inconvenientes, e, por vezes, graves, que aproveitamos a companhia dos animais domésticos, porquanto as doenças a que estão sujeitos, muitas dellas positivamente transmissíveis ao homem, nos expõem a serios perigos.

O cão e o gato que, em mais íntimo contacto, vivem com o homem, são, por isto mesmo, os que maiores males nos causam, quando atacados da mais terrível das doenças — a raiva.

O cão é a victima por excellencia desta doença.

Os symptomas preliminares, mais tarde característicos, se traduzem por uma agitação inquietante e continuada mudança de posição. A esse periodo segue-se um outro de calma apparente, de modo que as phases que denunciam o mal estar são intermitentes.

O animal evita os seus amigos e protectores, como se tivesse a intuição de causar-lhes, involuntariamente, algum grande mal; e, se por acaso, ainda corresponde ás caricias que lhe fazem é com lentidão e com a cabeça escondida no peito.

É a taes factos que todos nós devemos prestar attenção pois que, não raras vezes, se conservam na intimidade cães raivosos enquanto predominam apenas aquelles symptomas.

Num dado momento, porém, o estado de irritação torna a voltar e o animal, possuido de imperiosa vontade de morder, ataca indistinctamente, respondendo com dentadas, os agrados que ainda lhe prodigalizem.

A saliva do cão atacado da raiva furiosa é mais virulenta do que a de qualquer outro animal, e, dahi, a maior diffusão da enfermidade por intermedio d'elle.

O periodo de incubação, que só excepcionalmente pôde ser muito breve — cinco a seis dias — ou muito longo — até um anno — tem em geral o limite maximo de noventa dias.

É esta observação tem bastante importancia, pelo facto de dar tempo á vaccinação anti-rabica que impede a manifestação da doença, incuravel, como sabemos, uma vez manifestada. (Como ainda ha pessoas que, impropriamente, dão á raiva o nome de hydrophobia, penso ser de bom aviso lembrar que essa denominação é radicalmente falsa. Realmente, o cão raivoso não é hydrophobo porque não tem horror á agua; e o que, á primeira vista, parece uma recusa, não é mais do que a constricção da pharynx, que torna a deglutição difficil, nos primeiros periodos da doença, e quasi impossivel pela paralysis, que impede os movimentos da lingua para a sucção do liquido.

O tetano é outra doença que ataca os animais domésticos, com especialidade o ca-

vallo, em cujo intestino existe o microbio. O agente productor desta enfermidade é encontrado commummente no sólo, o receptaculo por excellencia, havendo, por tanto, nos campos, nos jardins, na poeira das ruas e principalmente nas cavallariças.

O contagio, em geral, occorre por intermedio de alguma ferida ou solução de continuidade da pelle, em contacto com o germe.

É necessario, por isto, evitar andar descalço nesses logares (cavallariças), pois que, ás vezes, uma arranhadura imperceptivel poderá servir de porta de entrada ao bacillo.

O boi e o carneiro tambem são susceptiveis de adquirir o tetano; é excepcional, porém, nas outras especies domesticas.

O mormo é outra doença que affecta de preferencia o cavallo e o burro; pôde tambem atacar espontaneamente o gato, o cão e a cabra, e ser transmittido ao homem por esses animais, pelo cavallo, com especialidade.

O mormo humano é quasi sempre mortal e o contagio é a tal ponto extraordinario que, em alguns paizes, notadamente a Alemanha, essa doença é considerada como de notificação compulsoria.

Entretanto, o conhecimento da enfermidade se torna facil, com a prova da malleina, que nem todos desconhecem, e que é para o mormo o mesmo (que a tuberculina é para a tuberculose).

As lesões que apparecem são as da mucosa do nariz, sob a forma de bolhas pequenas, que se rompem, produzindo assim as ulcerações.

Por isso, todas as pessoas que lidam directamente com animais sujeitos a adquirir a doença, devem conhecer esses primeiros symptomas e certificar-se do diagnostico pela prova acima descripta, afim de isolar completamente o animal ou — o que é melhor — sacrificar-o.

A febre apthosa, outra enfermidade que affecta o boi, o carneiro, a cabra, o camello, o porco, o dromedario, o cavallo, os cães «fox-terriers» e até mesmo as gallinhas, tambem se transmite ao homem; felizmente porém, com muita benignidade, produzindo poucos incommodos.

Ainda ha uma outra doença, o carbunculo hematico, que ataca o gado vaccum, e que pôde tambem ser transmittida ao homem.

O contagio pôde se dar directamente, pelos animais, no decurso da doença, ou pelas carnes, crinas, pelos pellos, etc., havendo formas de caracter bastante grave.

O cavallo, o carneiro, o porco, raramente o cão, tambem podem contrahir o mal.

A pelle

O professor fará os alumnos tactearem os braços, as pernas e o rosto. Verificarão que ha no corpo partes rijas — os ossos e partes molles — a carne. Estabelecerá a comparação entre o corpo humano e um edificio. Neste levantam-se os esteios que lhe constituem a armação, o sustentaculo. Aos esteios apoiam-se as paredes, menos resistentes que elles, e, revestindo-as, defendendo-as das chuvas, da humidade, da acção do tempo emfim, os pedreiros collocam o rebôco ou argamassa. No corpo humano os esteios são os ossos que formam o esqueleto, as paredes são representadas pela carne e o rebôco, pela pelle. Cobre este ultimo todo o edificio: o mesmo succede á pelle em relação ao nosso corpo — reveste-o por completo e no interior das cavidades (bocca, nariz, parte interna das palpebras, etc.) torna-se molle, fina fortemente rosada e toma então o nome de *mucosa*.

A pelle põe-nos em contacto com o exterior e permite-nos apreciar a forma, o tamanho, a aspereza, a lisura, a dureza, a temperatura, o peso dos corpos. E' á apreciação dessas qualidades que se dá o nome de *tacto*. O sentido do tacto está espalhado por todo o corpo; quer isto dizer que qualquer porção superficial da pelle é capaz de experimentar as sensações tactis; não, porém, da mesma maneira. Considera-se como orgão do tacto propriamente dito, no homem, a mão, ou melhor, a ponta dos dedos. Nos diversos animaes varia a região em que o tacto é mais apurado. Assim, no cão, no gato, o orgão do tacto são os labios, no elephante, a extremidade da tromba, nos insectos as antenas.

Fará notar o mestre que a pelle é mais espessa nas palmas das mãos e nas plantas dos pés; com o attrito, engrossa, endurece, formando o que se chama *callo*. Por este meio a pelle evita magoar-se, ferir-se, ao contacto dos corpos rijos ou asperos.

Compõe-se a pelle de duas camadas: a *epiderme* e a *derme*. Lembrará o professor que, onde nos queimamos, se levanta uma bolha; a pellicula que se ergue, é a epiderme. Si cortarmos a bolha vemos uma camada rosea extremamente sensivel — é a derme.

A côr da pelle será a mesma em todos os individuos? Não. E' que entre a epiderme e a derme ha ainda alguma cousa: uma substancia de aspecto gelatinoso — a materia colorante ou pigmento. Depende a coloração da pelle da do pigmento que pôde ser negro em uma pessoa, branco em outra, amarello em outra, variando infinitamente em cambiantes.

Conduza o mestre a observação da criança, depois, para o que se passa na epiderme quando a temperatura ambiente se eleva, ou quando nos submettemos a um exercicio physico violento; a producção do suor.

Mostrará que, si desejarmos filtrar um liquido qualquer, poderemos empregar certo papel denominado papel de filtrar. Poroso como é, permite a passagem, atravez dos orificiozinhos que apresenta, do liquido que se quer coar. Facto semelhante se dá com a pelle-membrana porosa que, atravez de orificios pequenissimos — os poros — deixa sahir o suor, liquido aquoso de sabor levemente salgado. A pelle é, pois, o nosso filtro. Por meio della expellimos o suor-vehiculo de substancias que por se terem tornado inuteis ao nosso organismo devem ser eliminadas. A' sahida do suor pelos póros, dá-se o nome de *transpiração*.

Submettida a varias causas de producção do calor, a temperatura do corpo tende a elevar-se demasiadamente; a evaporação do suor á superficie da pelle, determinando uma diminuição de calor, contrabalança aquella tendencia e mantém a temperatura do corpo. Por outro lado, a pelle põe-nos o corpo em contacto com o ar, concorrendo assim para o esfriar. E' esse o motivo de se usarem no verão mangas curtas, vestidos sem golla, roupas folgadas.

O corpo humano está perfeitamente aparelhado para se defender do calor. Outro tanto não succede em relação ao frio. A pelle do homem não possui farto revestimento de pellos, como succede á maioria dos mammiferos, ou de pennas, como acontece ás aves. Os *pellos* que nos cobrem o corpo e que, mais longos e mais fortes, tomam, revestindo a cabeça, o nome de *cabellos*, não são sufficientes pra nos resguardar do frio. D'ahi a necessidade do agasalho e, principalmente, do trabalho muscular, do exercicio physico, recurso excelente para trazer calor ao corpo.

Fará, por ultimo, o mestre um resumo da lição, salientando a importancia dos phenomenos que têm por séde a pelle. Para que ella desempenhe sua função é necessario que esteja limpa, que, pelo banho, seus póros se achem desembaraçados da poeira, capazes de satisfazer a seu papel.

Essa é a vantagem do asseio, sob o ponto de vista hygienico; mas, pelo lado moral, sua importancia é tambem grande.

Externar-se á o professor a esse respeito e, como meio comprobatorio, poderá contar o seguinte factó, narrado por um medico:

«Passeando uma tarde pela montanha, entre Vals e Aubenas, surprehendeu-me a tempestade, forçando-me a procurar refugio na cabana d'um pastor. Esse pastor era chefe

de numerosa familia que vegetava em completa miseria. Essa boa gente era suja de fazer nojo. Penso que mal sabiam que a agua serve para banhos.

Fiquei emocionado á vista desse triste espectáculo e demonstrei-lhes quanto seriam felizes se fossem limpos. «Se seguides meus conselhos, vereis que não sómente estareis mais á vontade como tambem passareis melhor. Quando a pelle está suja, não funciona bem, porque os póros estão entupidos». Dei-lhes mais alguns conselhos e depois, tendo passado a tormenta, despedi-me, deixando-lhes uma pequena quantia em paga de sua hospitalidade.

Forçado, no anno seguinte, a voltar ás aguas de Vals, fiquei surpreso ao saltar na estação de Privas, ouvindo o meu nome. Era um criado de hotel, limpo e bem trajado, que se dirigiu para mim e disse-me: — «O senhor não me reconhece mais e foi, no entanto, o bemfeitor de minha familia». Recordou-me os conselhos que dera a sua mãe. A boa mulher comprehendera seu valor. Esforçara-se em manter os filhos asseados e melhor vestidos. Foram notados e não tardaram, graças ao seu bom aspecto, á sua limpeza, a ser convidados para servir nas melhores casas do lugar. Dentro em pouco cada qual levava seu tributo á casa commum e uma honrada abastança succedera á miseria anterior.

A primeira virtude do pobre é ser asseado».

Dr. Lionet. Conselhos praticos de hygiene, (Do livro: Lições de Moral e de Instrução Civica de M. Jarach. Adaptação ás escolas brasileiras por Gustavo Barroso. (João do Norte)).

A. M. S.

Os vegetaes — raiz, caule e folhas

Tomemos uma planta commum, uma roseira, por exemplo, e vamos examinal-a.

A parte que estava dentro da terra, chama-se raiz.

Como vêm, da raiz principal outras se destacam, destas, outras e assim por diante.

Se vocês observarem a raiz do milho, a da canna, verão que as raizes secundarias são muito numerosas e finas, formando como que uma cabelleira.

Como cresce a raiz? para dentro ou para fóra da terra? Para dentro, não é?

As raizes podem derivar-se tambem do caule, das folhas e até das flôres; são chamadas então adventicias e são aproveitadas em certas praticas de cultura como na mergulhia, na reproducção por estaca.

Se dobramos um galho de roseira de modo a por-lhe uma parte dentro da terra, esta parte criará raizes e no fim de algum

tempo, teremos uma planta nova. Fez-se um mergulho.

A reproducção por estaca consiste em destacar um galho de uma planta e enterrar-o; na parte que estiver dentro do sólo raizes apparecerão e este galho estará apto a viver por si.

Uma folha de begonia posta na terra, brota e se desenvolve numa planta, graças á formação de raizes adventicias.

Vejam agora a parte que se segue á raiz e que vive fóra do sólo. Chama-se caule.

Para onde cresce o caule?

Para o ar. E este caule se ramifica, terminando nas folhas.

Então quantas partes já vimos nesta planta? Raiz, caule e folhas.

Vamos ver cada uma destas partes do vegetal que valor tem para elle e para nós. Começemos pela raiz.

Prende, fixa a planta no sólo.

E se a planta é, por exemplo, uma orquídea, a raiz é um pouco differente da commum e serve para segural-a num tronco; se a planta vive na agua, a raiz ainda se modifica para que ella fluctue, e se a planta é uma parasita, a raiz é sugadora, pois penetra no vegetal em que se aloja para tirar-lhe o alimento já preparado.

Serve tambem a raiz para extrahir da terra a agua carregada de principios que vão nutrir a planta; tanto que, se não chove, devemos irrigar a terra, e de tempos a tempos adubal-a, para dar-lhe o alimento de que precisam as plantas para viver.

E nós tiramos algum proveito das raizes das plantas?

Sim e muitos.

Conhecem alguma raiz que se coma? A cenoura, o nabão, a betarraba, a mandioca, a batata doce.

Da mandioca tambem se extrae o polvilho; com ella se fabrica a farinha de mesa; da beterraba faz-se assucar; as raizes de cerejeira, da nogueira, da peroba servem para moveis; da raiz da ruiva tira-se a tinta vermelha.

Na medicina são inumeras as raizes empregadas: a de manacá, a de begonia, a de angelica (que é purgativa, a de belladonna, de althéa para tosse, a de jalapa que é purgativa, etc.

Passemos ao caule.

Que nos occorre logo como trabalho do caule para a planta?

Mantém os ramos, as folhas, as flores e os fructos.

Além disso, pelo seu interior, sóbe e desce a agua carregada de alimento, isto é, a seiva.

Podemos lembrar alguns aspectos que tocam os caules.

No do bambú, por exemplo, vemos muito bem — nós — e intervallos que se chamam — entre-nós.

Todos os caules têm nós e entre-nós, mas, em algumas plantas, como nas arvores, não se distinguem, quando o caule é velho.

O caule da canna é também parecido com o do bambú; chama-se *colmo*.

O dos coqueiros tem as folhas todas agrupadas em cima; chama-se *estipe*.

Nas grandes arvores chamamos ao caule — *tronco*.

E ao dos arbustos e das hervas que é em geral verde e tenro, chamamos haste.

Vemos então que o nome geral é caule; podemos chamar caule a um tronco, a uma haste, a um colmo ou a um estipe, mas não podemos, sem erro grave, chamar tronco a um caule de palmeira nem a tenra haste de uma begonia.

Muitos proveitos tiramos dos caules; os troncos servem, muitos, para construção, como a peroba, o pinho, o Gonçalo Alves, a canella ou para marcenaria como, além dos já citados, o vinhatico, a imbuia, etc.; outros muitos, depois de queimados, dão excellente carvão.

Na arvore da borracha dão-se cortes e o liquido que escorre engrossa ao ar, servindo para diversos fins industriaes. (Citar objectos que se fazem de borracha).

O sobreiro dá a cortiça.

Citamos ainda: o canhamo, de cujas fibras se fazem cordas; dando muito boas fibras texteis, temos o linho, o quimgombô, ou quiabo, a vassourinha.

Da massaranduba sae um liquido leitoso que se transforma em gutta-percha; temos ainda a arvore da gomma arabica, a que dá o oleo de copahyba, tão empregado.

O páo campechel, o páo Brasil são usados na tinturaria; do sandalo extrae-se perfume; a casca de canella serve de condimento.

Do pinheiro muito tira a industria; além da madeira, a resina, a seiva.

O sapê é util para a fabricação do papel; da canna de assucar faz-se alcool e assucar.

Empregamos na alimentação: o aspargo; a batata chamada ingleza, a araruta, muito feculenta, o inhame.

Na medicina: alcaçuz, gengibre, camphora, casca santa, cipó chumbo, quassia, etc.

Folha — Nas folhas notamos uma parte achatada, a mais importante, a que chamamos limbo, e uma parte alongada — peciolo. Nem todas as folhas têm peciolo. (Mostrar folhas pecioladas e sesséis).

A's vezes, o limbo tem os bordos lisos como na folha do abacateiro e diremos que é simples; outras vezes os bordos são recortados e a folha é composta como a da roseira, a da begonia, etc. Estes recortes podem ser mais ou menos profundos.

As folhas são também compostas quando é o peciolo que se divide, e chamamos aos pequenos limbos — foliolos, como na folha da acacia, do tamarindeiro, etc.

E' facil distinguir um foliolo de uma folha simples, pois esta tem um broto na axilla, o que não acontece aos foliolos.

A proposito, convém lembrar que, ás vezes, surgem brotos em outros pontos que não na axilla das folhas e isto se aproveita na póda das plantas para lhes darmos a fórma que queremos.

No limbo das folhas vemos certas saliencias que se ramificam; são as nervuras.

Observem que não é igual a disposição das nervuras em todas as folhas. Comparem, por exemplo, uma folha de canna com uma de mandioca e verão a maneira diversa por que se distribuem as nervuras.

Quanto á fórma, também as folhas variam muito.

Como vocês sabem, as folhas são quasi sempre verdes e nellas ha pequenos orificios por onde penetra o ar.

No ar atmosferico existem principalmente tres gazes: oxygenio, azoto e gaz carbonico, este ultimo formado de oxygenio e de carbono. Para nós, o mais importante destes gazes é o oxygenio, de modo que, na respiração, delle nos aproveitamos e expellimos o gaz carbonico.

Pois bem; as plantas respiram como nós, guardando o oxygenio e emittindo o gaz carbonico e também como nós respiram sempre, de noite e de dia.

Mas, além desta funcção, a planta, durante o dia, isto é, em presença da luz, por suas partes verdes, apodera-se do gaz carbonico da atmosphaera, separa nelle os dois gazes que o formam e, guardando o carbono, deixa livre o oxygenio.

Ora, a funcção que a planta exerce do mesmo modo que nós, não é prejudicial, pois que tira oxygenio do ar; mas, de dia, pela absorpção do carbono, ella enriquece a atmosphaera de oxygenio, o que nos é favoravel.

Eis por que se aconselha aos fracos e convalescentes, a permanencia em baixo das arvores, durante o dia e também por que devemos fazer nossa gymnastica respiratoria, de preferencia em lugar arborizado.

Por outra, devemos evitar dormir com plantas no quarto, pois que, á noite, cessando o vegetal de absorver o carbono, continúa no emtanto a respirar como os animaes.

E' este também um dos motivos por que se arborizam as ruas das cidades.

Nas praças fazem-se extensos grammados também em parte para purificação do ar pois o gaz carbonico sendo mais pesado

que os outros gases da atmospha accu-
mula-se mais em baixo e a gramma verde
póde sobre elle actuar.

— Muitas folhas nos servem de alimento
como a alface, a couve, o espinafre, o re-
polho e devemos colhel-as de preferencia
emquanto novas, pois são mais tenras.

Ha plantas cujas folhas dão excellentes
fibras texteis como a bananeira, a yuca fila-
mentosa, as piteiras.

O anil é extrahido das folhas de determi-
nada planta,

Com as folhas do chá e do mate pre-
param-se bebidas estimulantes.

Muitas folhas são medicinaes, como as de
alecrim, de agrião, de alfazema, de alface,
de losna, de carola, de goiabeira, de her-
va de Sta Maria, etc.

Segue — flôr e fructo.

C. P.

LIÇÕES DE COUSAS

Objectos naturaes e artificiaes

2.º ANNO

Peço aos meus meninos, que olhem dos
seus logares para minha meza, procurando
ver tudo que sobre ella se acha.

Agora, Jorge, que tenho entre os dedos?
Uma borracha. Qual a sua côr, José? — «E'
branca». Será sempre essa a sua côr? Não,
Julio, ella tompá a côr e a fórmula que o ho-
mem lhe der. Para que serve, Laura, esta
borracha? — «Para tirar borrões de lapis
e tinta». — «Será sempre esse o fim dos
objectos de borracha? — «Não, ella é ap-
plicada em muitos outros misteres. Veja-
mos quaes são: — Rodas, bolas — chapéos,
fios, tubos, capas, sapatos, etc.

Mas donde virá a borracha, João? Nin-
guem daqui sabe? Pois vou contar-lhes que
ella é formada de um succo leitoso, uma
especie de gomma, tirada de uma arvore
chamada *seringueira*. Essa arvore nasce e
vive no sertão do Brasil (Amazonas e Acre)
e constitue uma das maiores riquezas do
nosso amado Paiz. Agora, Marietta, que
objecto é este? Um tinteiro de vidro, muito
bem. Quem me saberá dizer a sua côr? A
sua fórmula? Para que serve? E' branco, trans-
parente, chato e serve para botar tinta. Mas
de vidro, Marina, só se póde fazer tinteiro?
Não, ha muitos objectos de vidro, de mui-
tas fórmulas, variadas côres, taes como: co-
pos, pratos, garrafas, contas, vidraças, es-
pelhos, etc.

Como obtemos o vidro, Helena? Não sa-
be?

Será tambem tirado de uma arvore, An-
tonio? Não. Elle é feito pelo homem, é
formado pela arte, ou intelligencia delle.
A borracha é tirada da natureza pelo ho-
mem e o vidro é por elle feito de areia e
potassa, combinados pelo fogo.

Pois bem, os objectos achados na natureza
pelo homem, são objectos naturaes e os ou-
tros por elle feitos, são artificiaes.

Esta regua pequenina que aqui vê, Re-
gina, de que é feita? — De marfim — Qual
a sua côr? Qual a fórmula? Bem. E' isso mes-
mo, branca, muito branca e alongada. De
onde nos vem o marfim, Helena? E' tirado
dos dentes do elephante. Logo, será natural
ou artificial? Perfeitamente. E' natural.

Com que vae limpar sua pedra, Antonio?
Com a esponja molhada. Que fórmula tem a
esponja? E que côr? São todas do mesmo
tamanho? E porosa, leve, varia de tamanho.
Onde é encontrada a esponja? No fundo dos
mares, presa aos rochedos. Logo, Aracy,
que especie de objecto será, natural ou ar-
tificial? E' natural, pois é um animal de
classe inferior.

Esse pequeno collar, Celia, que tem ao
pescoço de que é feito? — «De coral legi-
timo, porque minha mãe disse-me, que ha
um falsificado».

E onde achamos o coral, Julia? E' tam-
bem, como a esponja, um animal achado no
fundo dos mares (aqui podem ser mostrados
os quadros coloridos onde os alumnos vejam
a disposição desses seres da natureza).

Todos vocês conhecem a ostra? Onde ella
vive? Como se acha? No mar, nos costados
dos navios, ou grudadas aos rochedos. Co-
mo se guarda o animalzinho? Entre duas
conchas, como tambem os mariscos, e que
se abrem e fecham á vontade. Já reparou,
Luiza, como é dentro dessas conchas? Sim,
é brilhante, lisa e da cor desse botão de
seu casaco. Esta perola do meu anel não
é tambem parecida com o interior dessas
conchas? Pois bem, é nessas casquinhas que
a Natureza caprichosa nos dá a madreperola
e as preciosas perolas, tão caras e procu-
radas. (Seguindo successivamente, o profes-
sor poderá dar muitas lições sobre estes
objectos naturaes e artificiaes. Assim o couro,
o papel, os dentes, os cabellos, a louça, a
cortiça, a flã, o assucar, a seda, o fumo, o
sal, o leite, a agua, o carvão, a luz artificial,
a luz natural, serão optimos assumptos para
muitas conversações interessantes).

Materias primas: — sua divisão em animaes e mineraes. Industria e commercio.

Orientação pedagogica. — Uma vez bem conhecidos os objectos naturaes e os artificiaes — detenha-se o proefssor nestes ultimos, recapitulando o ensino, anteriormente dado.

Analyse, por exemplo, o vidro que necessita de diversos elementos para a sua formação. Chamem-se em seguida a esses elementos de *materias primas*. De um objecto passe-se a outro e tire se a procedencia dessas materias dos reinos da natureza. Assim, serão animaes, vegetaes e mineraes, conforme sua origem.

Uma vez estudados, mostre o professor a utilidade da fabricação desses objectos, destinados a attender ás necessidades do homem, formando a *industria*.

A troca dos objectos naturaes e artificiaes, beneficiando o homem e as nações em geral, constitue o *commercio*.

Na lição anterior, Julia, falando de alguns objectos, como os dividimos? Em naturaes e artificiaes.

Dê-me um exemplo, Antonio, de um objecto artificial? — «O vidro» — Outro, Helena? — «O papel» — Outro, Lucia? — «A louça» — Ainda outro, Maria? — «A luz artificial»; muito bem. «Como se faz o vidro, João? — «Quaes os elementos que entram no seu fabrico? — A areia a potassa, a sôta, a cá, etc. E na fabricação do papel o que empregamos, Lauro? — «Os trapos ou pannos velhos de algodão, linho, etc. Para fazer a louça? E' a argila, a cal, etc. A esses elementos necessarios para fabricação desses objectos chamamos *materias primas* ou de primeira ordem (poderá o professor prolongar o numero de lições falando nos diferentes elementos, que formam os objectos naturaes e artificiaes, frizando bem quaes as *materias primas*).

Marietta, pôde dizer-me qual a utilidade do vidro? E' isso mesmo. Nas vidraças elle deixa transparecer a luz, enquanto nos resguarda dos ventos e das chuvas. Em todos os cantos de nossa casa encontramos o vidro. E, por isso, muito util.

O papel, Helena, terá tambem alguma utilidade? Sim. Sem elle, não teriamos os livros, os cadernos, os jornaes e até o modesto papel de embrulho. E' um invento do homem, de grande utilidade. E a louça, Marietta, será necessaria? Sim, como não? Não teriamos os pratos finos ou grosseiros, as canequinhas, chicaras, bules e mais objectos de louça de nosso uso e utilidade. (Assim poderão ser analysados os objectos artificiaes e naturaes concludindo que o homem dedi-

cando-se a um desses trabalhos ou ramos, formará as diferentes industrias). Assim á arte delle fazer o vidro ou a sua fabricação — chamamos *vidraria*, e a elle o vidraceiro.

O que fabrica o papel, Lucia, como se chamará? — «Papeleiro e á sua arte, papeleira».

O fabricante de louças, Antonio, que nome tem? Olleiro e dahi o nome de Ollaria á sua casa de trabalho.

Quem lida com as madeiras, fazendo objectos de nosso uso, como mesas, cadeiras, armarios, etc., como chamamos, Helena? — «Carpinteiros e marceneiros». — Haverá tantas industrias quantas forem as habilidades do homem, para attender suas necessidades. Porém, ás vezes queremos o objecto, mas, não temos quem o fabrique, lançamos mão dos que os outros fazem e nós vendem, não é assim? Pois isso, é o que chamamos *commercio*, isto é, a troca daquillo que precisamos pelo nosso dinheiro.

Mas se fabricarmos aqui muito papel, por exemplo, Lucia, não poderemos vendel-o? — «Sim. E' isso ainda o que se chama *commercio* ou a troca dos nossos objectos ou productos pelo dinheiro d'aquelles que precisam d'elles.

O *commercio* põe em troca todas as produções possiveis dos estados, dos paizes e nações.

O nosso paiz já tem industrias muito aperfeiçoadas. Muita coisa nossa já rivalisa com os artigos estrangeiros.

Nosso *commercio* é tambem importante, das as produções do café, da canna de assucar, do fumo, do algodão, do cacáo da borracha e muitos outros productos naturaes e artificiaes que enviamos para os estados e para fóra do paiz.

A agua em casa — sua utilidade. Agua na Natureza — sua utilidade.

Mariana, o que tem naquella valla e que voce vê correr devagarinho? Ninguem sabe? E' agua, Antonio, é isso mesmo. Um fio d'agua que depois das chuvas pôde tornar-se maior. Onde mais encontramos a agua, Marietta? Nas florestas. Nos rios — nas fontes, etc. Como poderei apanhar um pouco d'agua, Luiz? Sómente em um copo, em uma lata, numa garrafa ou em qualquer vasilha, emfim. E porque, Nair? Porque a agua é um liquido. Em sua casa não ha agua Marina? Sim. Em todas as casas ella é necessaria. Com' o que lava o rosto, Luiza?

E suas mãos, Luiz?

E seu vestido, Helena?

E na cosinha, Odette, não se occupa tambem a agua? Sim, é com ella que nos lavamos, que lavamos nossas roupas, com que se limpam os legumes e tudo que nos pôde

servir para nossa comida. E como vamos cozinhar os nossos alimentos? Sim, é ainda com a agua auxiliada pelo fogo. A louça de que nos servimos, as panellas, tudo é lavado com a agua, que tambem limpa as nossas casas.

As nossas plantinhas precisam tambem de agua, João? Sim, sem ella morreriam.

A agua, é, pois, um liquido necessario, ^{ac. 28.} e muito util para nós em nossas ^{ca. 15.} casas.

Limpando-nos, matando-nos a sede, dissolvendo as substancias de que precisamos, é nossa inseparavel companheira. Por isso temos a agua em todas as casas. Mas donde ella vem, Ruth? Sim, vem de uma grande caixa onde o homem reunio as aguas de uma ou mais fontes, nascentes ou rios. Depois como vem ter as nossas casas, Julieta? Por meio de canos mais grossos primeiro, e depois mais finos. E, assim distribuida, temos a agua desde a sala até a cosinha e desde o jardim até o chuveiro ou a torneira do tanque de lavar.

Agora, diga-me, Yolanda, quando chove o que cahe? Agua. Então a chuva que vem das nuvens nos traz tambem agua. De que são formadas as nuvens? De agua.

Mas como pôde ter agua nos ares, Elza? E' isso mesmo. O calor dando na terra, nos rios, nos mares produz uma fumaça que quasi não se vê. E' parecida ou antes é igual áquella que vocês vêm desprender-se do chão, dos muros em um dia de sol depois da chuva. Essa fumaça desprende-se lentamente, sóbe nos ares, resfria-se e fórma uma porção de gottinhas que reunidas nos dão a chuva. Sua passagem constante para o estado de vapor chama-se evaporação. E' graças a essa evaporação que se enxugam as nossas roupas. Então, Marina, que é a chuva? Não é mais que o vapor da terra e das aguas que se torna liquido com a acção do calor do sol. Mas essas gottas cahindo na terra para onde vão? Vão procurando collocar-se na terra que as vae chupando, absorvendo emquanto pôde. Porém se chover muito, Antonio, que succederá?

As aguas vão correndo collocar-se nos terrenos mais baixos para ahi formarem poças, lagoas, lagos, regatos, rios, enfim que vão ter aos mares. O calor pela evaporação rouba-lhes novamente uma parte para formar as nuvens que novamente pelo calor caem sobre a terra. Agora, Julio, a agua que se infiltrou pela terra, para onde foi? Vae indo até encontrar uma camada de terra já muito humida e não poderá mais atravessar, formando então os lagos ou os rios subterraneos. Estes nos darão as fontes desde que possam vir ter á flor da terra, originando-se os regatos e rios, enfim, que irão ter aos mares. (

Já vimos quanta utilidade a agua tem em nossas casas.

Vejamos Maria o que vem a ser o mar? Uma porção de agua salgada. Alguem já viajou no mar? Sim, é até uma viagem muito agradável.

Quem já viu um rio. O Parahyba, por exemplo, que acompanha a Central. Suas aguas são salgadas? Não, são doces. E nelle tambem se pôde viajar? Sim, elle é navegavel. Então temos ahi a agua doce e salgada servindo de meio de transporte.

Quando estudamos geographia vimos que o globo era formado de terras e aguas, não é, Antonio? Sabemos que a Natureza nos dá os lagos, os rios, os mares formados de massas de agua mais ou menos consideraveis. Mas um rio será sempre navegavel e suas aguas correm sempre mansas e tranquillias, Nancy? Não, em certos logares tem pedras, cachoeiras, saltos que alteram a sua tranquillidade, difficultando e impedindo as viagens ou a navegação em suas aguas.

Esses saltos não produzem, Luiza, um ruido forte? Sim, e tornam-se as aguas mais agitadas, com muito mais força. Essa força pôde ser tal que o homem pôde aproveitá-la, não é assim, Leonor?

Conhece Luiza a utilidade dessa força, você que já morou na roça?

E' isso, pôde ser aproveitada nos engenhos, nos moinhos, nas serrarias, etc.

E na cidade não se aproveitam as aguas dos rios, Antonio?

Nas fabricas, nas usinas, nas officinas, nos laboratorios e ainda como força productora da electricidade, que como vocês hão de vêr, tem milhares de applicações. Já vimos, Alvaro, o quanto nos serve a agua em casa, para onde a levamos; e agora que mais podemos dizer? Ella ainda na Natureza, não é util como meio de transporte.

As aguas dos mares e dos rios levam e trazem as embarcações que nos conduzem assim como levam e trazem os artigos de que precisamos. Como força, fabricam-se muitos objectos com seu auxilio. Movem-se machinas, engenhos, etc., como já vimos. A agua é pois na natureza ainda um agente de força e um dos meios de transporte.

Apreciemos melhor esse liquido precioso. De que cor é a agua? E' clara. E' transparente. E' fria — não tem sabor, nem cheiro, nem cor. Se tomarmos um pouco d'agua e aquecermos o que vemos, Marina?

Uma fumaça que se desprende e se vae embora, evapora-se. Com auxilio do fogo tornou-se vapor.

Se deixarmos um pouco d'agua em um prato o que succede, Luiza? Ella vae desaparecendo lentamente e o prato ficará secco. E' a agua passando para o estado de vapor

ou a evaporação. Já vimos que é assim que se enxugam as roupas auxiliadas ainda pelo calor do sol.

Se resfriarmos a água o que teremos, Elza? O *gelo*. A água congelou-se. Em estado de vapor ella põe em movimento máquinas, aquece casas, etc.

Assim congelada que serviços presta, Yolanda? Serve para conservar as carnes, os peixes, os fructos e tudo que se estrague sob a acção do calor ou que tenha de levar muitos dias de viagem.

A água que bebemos será tal qual aquella que vemos correr nos regatos ou a encontrada nos poços? Não, nem sempre ella serve para beber por ser *impura*.

Então, Paulo, qual será, a condição para a água poder servir de bebida? E' ser pura.

Para isso o que se pôde fazer, Marietta? Sim, para purificá-la pôde-se ferver ou filtrar. Para filtrar ha diversos processos, uns naturaes e outros inventados pelo homem (aqui o professor falará o mais praticamente possível sobre os processos de filtração, referindo-se ao papel filtro, ao carvão, á flanelá, á terra porosa, ao amian-

tho, não esquecendo de falar dos de Pasteur e Chamberland.

Em todas as casas temos talhas ou filtros que coam a sujeira das águas).

Ha algumas águas que mesmo assim tratadas não servem para beber, nem para cosinhar, nem para dissolver o sabão.

Conclúe-se então que para servir de bebida deve ser pura, boa ou *potavel*.

E quem não gosta aqui de um copo d'água? «Todas». E' porque a água potavel é boa e agradável ao paladar.

Outras águas ha que têm gosto diferente della e que nós tambem bebemos, conhece, Luiz? Sim, as chamadas *mineraes* ou aquellas que tem substancias mineraes dissolvidas. Quem conhece alguma? A água que tem ferro, como se chama? A que tem sal? A que tem enxofre? A que tem gazes? Serão frias como a potavel? Não, nem todas. Algumas são quentes, chamadas *thermaes*.

Vemos, pois, quanta utilidade tem a água na Natureza além daquella que já vimos em casa.

Z. P. B.

Heitor Ribeiro & C.

PAPELARIA

Artigos para Escriptorio
e Desenho

Papel e Livros em branco

TYPOGRAPHIA

Lithographia — Pautação

e

Encadernação

RUA DA QUITANDA, 88, 90 E 92

Officinas: Rua do Rosario, 87

Teleph. Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEDO

RIO DE JANEIRO

OS PROFESSORES GOZARÃO DE ABATIMENTO

CREME INFANTIL

EM PÓ DEXTRINIZADO

Toda criança, mesmo alimentada ao seio, precisa, depois do sexto mez até dois annos, tomar uma boa farinha como auxiliar da alimentação, devido á necessidade que tem o organismo de saes de phosphoro, ferro, etc.

A farinha ideal é o "Creme Infantil" em pó dextrinizado, cuja composição é simples, não contendo substancias estranhas.

A sua digestão já está quasi feita. E', além de tudo, o unico producto alimentar e scientifico que está ao alcance dos pobres.

CUSTO

Pacote - \$200 — No interior - \$300

Este alimento é tambem o ideal para as pessoas que soffrem do estomago e dos intestinos.

À VENDA NOS GRANDES ARMAZENS e PHARMACIAS

PREPARADO POR

Dr. Raul Leite & Cia

Escriptorio: 73, Rua Gonçalves Dias, 73

Endereço Télegr. "Infantil - Rio" — Tel. 3820 Norte

LUVARIA GOMES
ABATIMENTO
10% NOS PREÇOS MARCADOS
Só durante este mez
 em fitas, rendas, meias, luvas, leques, bolsas,
 carteiras, bijouterias finas e novidades
38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38
 Em baixo do Club dos Fenianos
 Telephone 2459 Central - e na filial
159 - AVENIDA RIO BRANCO - 159
 Telephone 1950 Central

Photographia

"UNIVERSAL"

17 -- RUA DA CARIOCA -- 17

(Sobrado)

Bazar Francez

Chocolate e café

SÓ

ANDALUZA

Pastas de couro

Para collegiaes, musicas e advogados.

Carteiras e valises

DIAS RIBEIRO & C^a

Fabricantes

138 - Rua Uruguayana - 138

RIO DE JANEIRO

Uniformes collegiaes

E
ENXOVAES COMPLETOS

NA CASA ESPECIAL

"VILLA DE PARIS"

UNICA NO SEU GENERO

Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estados.

35 - Ruas dos Ourives e Buenos-Ayres - 76, 78
RIO DE JANEIRO

Papelaria e Typographia "MASCOTE"

FUNDADA EM 1910

Officinas de Encadernação e Riscção

Antonio Bruno

Especialidade em Livros de Contabilidade, cartões de visita e felicitações, objectos para escriptorio, desenho e presentes. Cartões postaes e artigos escolares.

Importação directa

165, RUA DO OUVIDOR, 165

Entre Gonçalves Dias e Uruguayana

Telephone Norte 1004

RIO DE JANEIRO

Pilulas Fortificantes

de

CARLOS CRUZ

Remedio indicado para combater a anemia, fraqueza e côres pallidas.

Agentes Geraes: **CARLOS CRUZ & C.**

Rua S. Bento, 3

Telephone Norte 6762

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

R. Libero Badaró, 129

R. da Bahia, 1055

de Paulo de Azevedo & Cia., livreiros editores e importadores

Extracto do Catalogo :

Syllabarios e Livros de Leitura

HILARIO RIBEIRO	
Cartilha Nacional.	\$500
2º Livro de Leitura.	\$800
3º Livro de Leitura.	\$800
4º Livro de Leitura.	\$800
THOMAZ GALHARDO:	
Cartilha da Infancia.	\$600
2º Livro de Leitura.	1\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO:	
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	3\$000
4º Livro de Leitura.	3\$500
5º Livro de Leitura.	3\$500
SERIE PUIGGARI-BARRETO:	
Cartilha Analytica.	1\$500
1º Livro de Leitura.	2\$500
2º Livro de Leitura.	3\$000
3º Livro de Leitura.	3\$000
4º Livro de Leitura.	2\$500
ARNALDO BARRETO:	
Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras.	2\$000
Leituras Moraes.	2\$000
FRANCISCO VIANNA:	
Primeiros Passos na Leitura.	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	3\$000
2º Livro de Leitura.	3\$000
3º Livro de Leitura.	3\$000
4º Livro de Leitura.	4\$000
JOAO KOPKE:	
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$500
5º Livro de Leitura.	4\$000
Leituras Praticas.	1\$500
Fabulas (em verso).	1\$500
D. MARIA ROSA RIBEIRO:	
Leitura Intermediaria.	2\$000
Leitura para o 2º anno.	2\$500
Leitura para o 3º anno.	2\$500
Leitura para o 4º anno.	3\$000
D. RITA DE MACEDO BARRETO:	
Leituras Preparatorias.	2\$000
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$000
ABILIO CESAR BORGES:	
1º Livro de Leitura.	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.	1\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA:	
Expositor da Lingua Materna.	1\$000
Segundo Livro.	1\$000
FERREIRA DA ROSA:	
Methodo de aprender a ler.	\$500
2º Livro de Leitura.	1\$500
3º Livro de Leitura.	2\$000
Excursões escolares.	1\$000
DR. MARIO BULCAO:	
Vida Infantil, 1º Livro.	1\$500
Vida Infantil, 2º Livro.	2\$000
Vida Infantil, 3º Livro.	2\$000
COLLECCAO F. T. D.	
Quadros Muraes, cada quadro.	1\$000
Novos Principios de Leitura.	\$700
Guia da Infancia, 1ª parte.	1\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.	1\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.	1\$800
O 1º Livro de André, 1ª parte.	2\$000
O 1º Livro de André, 2ª parte.	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.	2\$000
Noções de Sciencias.	2\$000
Anthologia (3º livro da coll.).	2\$500
Anthologia (4º livro coll.).	4\$000
JULIA LOPES DE ALMEIDA — Con-	
tos Infantis.	3\$000
R. PUIGGARI — Coisas Brasileiras	2\$000
D. ESTRADA — Historia Natural.	2\$500
J. LOPES DE ALMEIDA — Historias	
da Nossa Terra	3\$000
J. J. ROCHA — Fabulas.	1\$000
R. THEOPHILO — Sciencias Naturaes	2\$000
GABRIELA FRANCA — Contos Bra-	
sileiros.	1\$000
E. DE AMICIS — Coração.	2\$000
BILAC e NETTO — Contos Patrios.	3\$500
» » — Patria Brasileira	3\$e tem
A. M. PINTO — Proverbios Popu-	
lares.	4\$00
AFRANIO PEIXOTO — Minha Ter-	
ra e Minha Gente.	2\$500
E. M. A. — Passa-tempo Infantil.	1\$500
CORNAZ — As creanças e os ani-	
maes.	1\$500
CORNAZ — Novos Amigos.	2\$000
C. E. DA COSTA — Contos moraes	1\$000
BILAC e BOMFIM — Livro de Lei-	
tura.	4\$000
BILAC e NETTO — Theatro Infantil	
CORREIA e BARRETO — Era uma	2\$500
vez.	2\$000
BILAC e BOMFIM — Atravez do	
Brasil.	4\$000
F. LUZ — Leituras de Ilka e Alba.	2\$500
D. ESTRADA — Leituras militares	2\$500
O. S. REIS — Providencia	3\$000

Reinnetemos nosso catalogo, gratis, para todo o Brazil